

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

**CISÃO ENTRE O OLHO E O OLHAR:**  
um percurso pelo Real, Simbólico e Imaginário em Lacan

VITÓRIA - ES

2024

LARA BATISTA BELFI

**CISÃO ENTRE O OLHO E O OLHAR:**

um percurso pelo Real, Simbólico e Imaginário em Lacan

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Linha de Pesquisa: Subjetividade, saúde e clínica

Orientadora: Ariana Lucero

**VITÓRIA - ES**

**2024**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

B425c Belfi, Lara Batista, 1997-  
CISÃO ENTRE O OLHO E O OLHAR : um percurso pelo Real, Simbólico e Imaginário em Lacan / Lara Batista Belfi. - 2024.  
118 p. : il.

Orientadora: Ariana Lucero.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Imaginário. 2. Simbólico. 3. Real. 4. Olhar. 5. Constituição do sujeito. 6. Psicanálise. I. Lucero, Ariana. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9


---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL


## ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO DO(A) DISCENTE LARA BATISTA BELFI

Às 14 horas do dia 22 de outubro de 2024, no Centro de Ciências Humanas e Naturais/CCHN - UFES, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Ariana Lucero (Orientador), Fábio Santos Bispo (Membro Interno) e Angela Maria Resende Vorcaro (Membro Externo), para a sessão pública de defesa de dissertação de **Lara Batista Belfi** intitulada “**CISÃO ENTRE O OLHO E O OLHAR: UM PERCURSO PELO REAL, SIMBÓLICO E IMAGINÁRIO NO INÍCIO DO ENSINO DE LACAN**”. Presentes os membros da banca e o(a) examinando(a), o(a) orientador(a) Ariana Lucero deu início à sessão, passando a palavra ao(à) discente; após exposição de 30 minutos por parte do(a) examinando(a), os membros da banca formularam as suas arguições, as quais foram respondidas pelo(a) discente: em seguida, o(a) presidente da sessão solicitou que os presentes deixassem a sala para que a banca pudesse deliberar; ao final das deliberações, o(a) presidente da sessão convocou o(a) mestrando(a) e os interessados para ingressarem na sala; com a palavra, o(a) orientador(a) leu a decisão da banca que resultou na **APROVAÇÃO** do(a) examinando(a); por fim, o(a) presidente da sessão alertou que o(a) aprovado(a) somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação, em meio digital, à Secretaria do Programa e da submissão de artigo científico elaborado em coautoria com o(a) orientador(a). Nada mais havendo, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.


Documento assinado digitalmente  
 ARIANA LUCERO  
Data: 23/10/2024 14:16:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vitória, 22 de outubro de 2024.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ariana Lucero  
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente  
 FABIO SANTOS BISPO  
Data: 12/11/2024 11:00:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Fábio Santos Bispo  
(Membro interno)

Documento assinado digitalmente  
 ANGELA MARIA RESENDE VORCARO  
Data: 24/10/2024 11:01:53-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angeia Maria Resende vorcaro  
(Membro externo)

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>ª</sup>. Ariana Lucero, orientadora de iniciação científica e de mestrado, pela confiança de sempre, pelas orientações cuidadosas e pela parceria que construímos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI), da Universidade Federal do Espírito Santo, onde também me graduei e pela qual tenho um enorme carinho e orgulho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo apoio financeiro da bolsa de mestrado.

À Ângela Vorcaro, que esteve presente na banca de qualificação, pela generosidade nas observações sobre essa pesquisa e por me apresentar, através de seu trabalho, o rigor necessário para seguir com as pesquisas em psicanálise nas universidades.

Ao Fábio Santos Bispo, também membro da banca de qualificação, pelas orientações dadas a esta e outras pesquisas ao longo da minha trajetória acadêmica.

À Cherlen, minha analista, cuja escuta torna possível o entusiasmo com os trabalhos que me proponho a realizar.

Aos meus amigos Isabela Falchetto, Alana Simões, Marcelo Gava, Fernando Cola, Mauro Vassoler, Caio Cola e Laís Lima, em especial Marina Werneck e Manuella Bersot, que há muito tempo me inspiram a continuar pesquisando, pensando e escrevendo sobre psicanálise.

Às minhas amigas Laura Guedes e Geovanna Prasser, que aliviaram esse percurso diariamente.

À minha avó Ortiz e a Luana, pelo carinho e incentivo.

Ao meu tio Ernane e à minha avó Luíza, que muito cedo me mostraram a graça de olhar as coisas com atenção.

Ao Mateus, meu parceiro e confidente, por sempre abrir meus olhos à leveza e à beleza da vida.

Ao meu irmão, por sempre me dizer para "levantar" e levar minha atenção àquilo que é preciso construir.

Ao meu pai, por apostar junto comigo na escolha pelo mestrado assim como em todas as outras escolhas.

À minha mãe, por dedicar a mim o seu olhar amoroso, mesmo antes que eu pudesse alcançá-lo.

*“Para além da orelha existe um som, à  
extremidade do olhar um aspecto, às pontas  
dos dedos um objeto — é para lá que eu vou.”*  
(Lispector, 1999).

“Se o que mais existe de mim mesmo está do  
lado de fora, não tanto porque eu o tenha  
projetado, mas por ter sido cortado de mim, os  
caminhos que eu seguir para sua recuperação  
oferecerão uma variedade inteiramente  
diferente.”

(Lacan, 1962-1963/2005)

## RESUMO

Este trabalho investiga a concepção teórico-conceitual do olhar no ensino de Lacan, estruturando-se em três momentos principais. O primeiro abrange a relação entre a visão e o olho nos primeiros trabalhos de Lacan, nos quais o eixo epistemológico foi o estágio do espelho, destacando a função do olho nas primeiras apresentações do esquema do buquê invertido (1938-1952). O segundo momento enfoca o papel do olhar do Outro no registro Simbólico, explorando sua função como instituinte do traço-unário no estágio do espelho (1952-1961). Por fim, o terceiro aborda a emergência do olhar como objeto *a* no circuito pulsional e no registro do Real (1962-1964), evidenciando o desejo no campo visual por meio dos limites dos esquemas ópticos e da apropriação da topologia das superfícies. A dissertação explora o trânsito do olhar pelos registros Imaginário, Simbólico e Real, enfatizando a interdependência entre eles na constituição do sujeito em psicanálise. Ademais, busca diferenciar percepção visual e olhar no campo psicanalítico, analisando suas implicações clínicas e teóricas e contribuindo para o aprofundamento das discussões sobre as modalidades contemporâneas do olhar, os impasses na constituição subjetiva e os desafios do laço social na atualidade.

**Palavras-chave:** Olhar; Visão; Real; Simbólico; Imaginário; Psicanálise.

## ABSTRACT

This study investigates the theoretical-conceptual notion of the gaze in Lacan's teaching, structured around three main moments. The first addresses the relationship between vision and the eye in Lacan's early works, where the epistemological axis was the mirror stage, highlighting the function of the eye in the initial presentations of the inverted bouquet scheme (1938-1952). The second moment focuses on the role of the gaze of the Other in the Symbolic register, exploring its function as the institutor of the unary trait in the mirror stage (1952-1961). Finally, the third moment examines the emergence of the gaze as object *a* in the drive circuit and the Real register (1962-1964), emphasizing desire in the visual field through the limits of optical schemas and the use of surface topology. The dissertation explores the transit of the gaze through the Imaginary, Symbolic, and Real registers, emphasizing their interdependence in the constitution of the subject in psychoanalysis. Moreover, it seeks to differentiate visual perception and the gaze in psychoanalytic theory, analyzing their clinical and theoretical implications, and contributing to the deepening of discussions about contemporary modalities of the gaze, the impasses in subjective constitution, and the challenges of the social bond in the present day.

**Keywords:** Gaze; Vision; Real; Symbolic; Imaginary; Psychoanalysis.

## RÉSUMÉ

Ce travail explore la conception théorique-conceptuelle du regard dans l'enseignement de Lacan, en se structurant autour de trois moments principaux. Le premier aborde la relation entre la vision et l'œil dans les premiers travaux de Lacan, où l'axe épistémologique repose sur le stade du miroir, mettant en lumière la fonction de l'œil dans les premières présentations du schéma du bouquet renversé (1938-1952). Le deuxième moment se concentre sur le rôle du regard de l'Autre dans le registre Symbolique, en examinant sa fonction en tant qu'instaurant du trait unaire dans le stade du miroir (1952-1961). Enfin, le troisième moment traite de

l'émergence du regard en tant qu'objet  $a$  dans le circuit pulsionnel et dans le registre du Réel (1962-1964), mettant en évidence le désir dans le champ visuel à travers les limites des schémas optiques et l'utilisation de la topologie des surfaces. La dissertation explore le passage du regard à travers les registres Imaginaire, Symbolique et Réel, en soulignant leur interdépendance dans la constitution du sujet en psychanalyse. De plus, elle cherche à différencier la perception visuelle du regard en psychanalyse, en analysant leurs implications cliniques et théoriques, tout en contribuant à l'approfondissement des discussions sur les modalités contemporaines du regard, les impasses dans la constitution subjective et les défis du lien social à l'époque actuelle.

**Mots-clés:** Regard ; Vision; Réel; Symbolique; Imaginaire; Psychanalyse.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O visual, o especular e o registro Imaginário.....</b>	<b>18</b>
1.1 – As <i>imagos</i> e as funções visuais em <i>Complexos familiares na formação do indivíduo</i> (1938).....	21
1.2 – A imagem especular em “O estádio do espelho como formador da função do Eu [Je]” (1949).....	27
1.3 – O fenômeno subjetivo da imagem no esquema do buquê invertido.....	31
1.4 – O espelho plano e as instâncias narcísicas.....	35
<b>CAPÍTULO 2 – O olhar do Outro, o traço unário e o registro Simbólico.....</b>	<b>42</b>
2.1 – O olhar nos sonhos: o que se vê de olhos fechados.....	46
2.2 – A imagem especular e o Outro no esquema L.....	49
2.3 – O Outro no esquema óptico em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960).....	54
2.3.1 – A travessia analítica e o giro do espelho plano.....	62
2.4 – O olhar do Outro e o traço unário ( <i>Ein Einziger Zug</i> ).....	64
<b>CAPÍTULO 3 – O olhar objeto <i>a</i>, a pulsão e o registro Real.....</b>	<b>74</b>
3.1 – O olhar no <i>Unheimlich</i> .....	78
3.2 – A figura do <i>cross-cap</i> e o campo projetivo.....	85
3.3 – O olhar como objeto <i>a</i> : a fascinação e a contemplação.....	89
3.4 – A esquize entre o olho e o olhar.....	93
3.5 – O campo pulsional escópico e as posições subjetivas.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>112</b>

## INTRODUÇÃO

Desde a dita pré-história da psicanálise, vislumbra-se no olhar uma maneira de discernir objetos que atraíam o interesse de Freud e que serão reencontrados em sua obra. Durante o período de 1882 a 1886, Freud costumava trocar retratos com Martha Bernays, sua futura esposa, interesse que persistiu após a criação do método psicanalítico, já que ele adornava seu consultório com esses tipos de registros de seus alunos (Huot, 1987/1991). Durante sua estadia acadêmica em Paris, no ano de 1886, Freud encontrou-se com o professor Jean-Martin Charcot (1825-1893), cujo método de demonstração dos sintomas histéricos foi percebido por Freud como “teatral”, algo corroborado pelo fato de Charcot ser descrito como uma personalidade “*visuel*”, um homem que vê” (Freud, 1893/1996, p. 27 e 22). Freud igualmente se interessou pelo método hipnótico utilizado por Charcot, o qual pressupunha que o paciente fixasse seu olhar em um ponto específico para entrar em uma espécie de transe, permitindo assim que o conteúdo inconsciente emergisse. Essa atenção dada ao método destacou os distúrbios da visão e as alucinações como sintomas psíquicos nos estudos sobre histeria, investigações que mais tarde serviram a própria inauguração da psicanálise.

Nas obras de Freud, inúmeras passagens atestam a proeminência do aparelho escópico nas formações inconscientes. Por exemplo, considerações do *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895/1988, p.383) pressupõem que a percepção do mundo é orientada pelos “traços na esfera visual” ou “lembranças de impressões visuais”. Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/2016), o olho comparece desvinculado da função biológica e se torna zona-erógena e fonte da ação pulsional. Pouco mais tarde, Freud (1913/2019) declara que abandonou o método catártico de Breuer e inaugurou a psicanálise ao sugerir que seus pacientes deitassem de costas para ele durante os atendimentos, a princípio, para garantir que suas expressões faciais e distrações não fossem detectadas, mas, concomitantemente, percebeu que a ausência de contato visual favorecia a associação livre. Em *Pulsões e seus destinos* (1915/2014), o olhar foi considerado uma das metas pulsionais e a noção de pulsão escópica se consolidou como um dos articuladores importantes da metapsicologia freudiana.

Lacan (1938/2003), bem no início de sua revisão sobre a obra freudiana, detém-se na hipótese de que o bebê humano, ao nascer, é imediatamente convocado a assumir o lugar que

a família lhe dispõe e impelido a assumir uma relação com a sua imagem especular. O psicanalista francês, já nesse contexto primordial de 1938, não concebe que a tessitura do corpo próprio e o reconhecimento de si mesmo enquanto uma unidade — o eu — são aquisições adaptativas, mas as supõe como efeitos dos complexos inconscientes que determinam a relação com o mundo externo.

A consideração lacaniana sobre a constituição do eu apresenta-se através da teoria do estádio do espelho (1938/2003) e se consagra como central para a teoria psicanalítica por empreender a leitura diferencial entre o sujeito e o eu e determinar as bases do modo de relação do humano com os objetos da realidade. Sugerindo que não há nenhuma instância, de prontidão, para intermediar a relação do ser vivo com a realidade, a formação do eu vai sendo suposta como o efeito do reconhecimento da imagem especular, que se torna o protótipo exemplar da apreensão da realidade por meio das imagens posteriormente (Lacan, 1938/2003).

Acompanhamos no decorrer da obra de Lacan (1960-1961/2010) que este lugar de reconhecimento que opera no estádio do espelho depende do olhar do Outro. Este Outro é o termo usado por Lacan (1964/2008, p.200) para se referir ao “lugar em que se situa a cadeia significante”, campo alteritário através do qual o sujeito vai se constituindo, se apropriando do seu próprio corpo e situando-se na fala. Este sujeito, portanto, não equivale ao eu que mencionamos vinculado à imagem especular, mas a formação (ou não) de um eu tem efeitos para a constituição subjetiva.

Orientada por uma leitura lacaniana, ao mesmo tempo em que permanece atenta às proposições mais fundamentais de Freud sobre o funcionamento psíquico, Angela Vorcaro (2004, p.71) descreve que o corpo vivo, “desalojado da condição parasitária que vivia no ventre materno”, se encontra com um lugar que lhe é “estrangeiramente radical”, que o torna totalmente submetido a alguém que agencie uma função que garanta o apaziguamento das tensões do seu organismo e, logo, garanta sua sobrevivência. Essa alteridade encarnada que se coloca em função do bebê só pode apreender as manifestações dele a partir de suas próprias suposições, esta “transforma o grito da necessidade em apelo”, pois ele mesmo ainda nada diz (p.74). Esse alguém, geralmente a mãe, ao empreender os cuidados ao bebê e, ao mesmo tempo, atribuir a ele suas próprias significações, desempenha uma função que vai além da maternagem, pois compreende uma função de linguagem, como Outro, que insere o bebê na

dimensão do desejo, afinal, o campo do Outro é “um espaço aberto de significantes, infinita e interminável, como o efeito de desejo” (p.76).

Esse agente do Outro vai circunscrevendo o organismo do bebê inclusive através do seu olhar, atribuindo-lhe sentidos próprios e apresentando-o à imagem de seu corpo. Antes mesmo que se alcance o lugar de falante, Lacan (1960-1961/2010) diz que o sujeito em constituição se depara com o olhar do Outro que o vê como um corpo unificado, sendo essa referência de unidade aquilo que disponibiliza para a criança o seu lugar enquanto eu e inaugura um modo imaginário de relação com os objetos.

A ideia da necessidade de alguém que proporcione a união entre as partes do corpo do bebê se sustenta na hipótese de que, para o pequeno sujeito, a imaturidade de seu sistema perceptivo transmite a sensação de corpo despedaçado, tornando impossível a espontaneidade do reconhecimento de sua imagem especular — que pressupõe uma delimitação — como seu eu (Lacan, 1938/2003). Essa concatenação entre as partes do corpo da criança, mais tarde, se coloca como dependente do recurso ao traço-unário — princípio do significante — que o olhar do Outro inscreve a partir do seu investimento desejante sobre o corpo da criança (Lacan, 1960-1961/2010).

O olhar tratado pela psicanálise não é, portanto, a função da visão, embora o funcionamento do olho se relacione com algumas formações inconscientes. De acordo com Assoun (1995/1999, p.36), é possível aproximar o surgimento da imagem aos olhos como um registro fotográfico, pois é a estrutura do olho que proporciona o formato da imagem para o humano, entretanto, o olhar é ainda outra coisa: “a expressão dos olhos, a maneira de olhar, e, por aí, de encarar o mundo [...] não é somente perceber, mas prestar atenção, considerar”. Isso se prova pela afirmação de Santos e Marinho (2009) de que bebês cegos congênitos se inserem na regulamentação imaginária do eu, ainda que de maneira distinta.

Se acompanhamos a hipótese psicanalítica de que o tempo da infância é o tempo em que encontramos um sujeito em “plena constituição” (Jerusalinsky, 2009, p.9), consideramos que este olhar do Outro, ao marcar essa experiência primordial de identificação com a imagem especular, se institui como uma referência para o sujeito que não se esgota no momento infantil mas se eterniza por toda a sua vivência pulsional.

A relação entre o corpo vivo, pura organicidade, e o eu, unidade imaginária, só pode se efetivar de acordo com uma certa disposição que Lacan (1953-1954/2009), por vezes, insere sob o termo “posição” (p.110) ou “angulação” (p.167) do “olho que olha” (p.110) o sujeito. Pretendemos investigar em que medida as condições próprias do olhar do Outro asseguram as bases em que se constitui a relação com a realidade posteriormente. Afinal, o sujeito não possui o olhar do Outro à sua disposição permanentemente, de modo que o sujeito tenha que integrá-lo para poder se ver.

A dimensão do Outro comporta uma inconsistência que determina que tanto a posição da criança quanto a do Outro não se correspondam absolutamente, pois o lugar de onde o Outro olha necessariamente se esvazia em algum momento, deixando à disposição do sujeito apenas a marca de sua ausência. Essa vacilação inevitável revela ao sujeito uma hiância que, marcada pela inscrição primordial deste olhar, determina o movimento pulsional como buscando recuperá-lo. O olhar do Outro, então, vai assumindo para a teoria o lugar de objeto perdido que provoca sua própria busca inconsciente e insistente, propriamente o que Lacan (1962-1963/2005) chama de objeto *a*, causa do desejo.

Essa exposição breve dos pilares teóricos em que o olhar se afirma como participante na formação do eu e da causação do desejo, atesta a importância de uma investigação sobre o olhar no campo da constituição do sujeito.

Ademais, a eleição do tema acompanha as considerações contemporâneas que enfatizam a função do olhar na subjetividade que hoje se formata. O psicanalista Antonio Quinet (2002, p.14) aponta que, há pelo menos meio século, nossa sociedade tem “privilegiado a produção do olhar” através do “imperativo de fama, celebridade e transparência”, pela fabricação incessante de “aparelhos tecnológicos de vídeo” e o “controle policialesco” que ampliam os alvos de “vigilância”. Também psicanalista, Joel Birman (2020, p.24 e 25) afirma que a subjetividade de hoje “assume uma configuração decididamente estetizante, em que o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica em sua economia psíquica e, face a isso, os destinos do desejo assumem direção exibicionista e autocentrada”.

Também sobre essa temática, Julieta Jerusalinsky (2017/2021) diz que no mundo da internet de hoje, a palavra *visualizar*, muito presente nos aplicativos de comunicação, nomeia

uma transformação entre interlocutores, porque, uma vez que a mensagem é visualizada, institui-se uma urgência de resposta que exclui o pensamento do processo. A autora rememora o sofisma lacaniano em que o tempo do sujeito se organiza logicamente em “tempo de ver, tempo de compreender e tempo de concluir”, e nos fala que, hoje, o *tempo de ver* exige imediatamente o *tempo de concluir*, como se nossa tramitação pela linguagem não dependesse do *tempo de compreender* (p.26).

Sobre a infância, campo que nos interessa, considerações como essas também têm sido feitas. Leda Bernardino (2017/2021 p.157) mostra que a exposição das crianças às telas — atividade característica de nosso tempo — que oferecem imagens não humanas, autônomas, personagens que “existem” em outro espaço e tempo, tem tido efeitos sobre a relação dos sujeitos com seu próprio corpo. Segundo a autora (2017/2021), o lugar de Outro, quando não assumido por um humano verdadeiro, com suas inconsistências e seu olhar próprios da condição desejante, pode perturbar a vivência da falta e da diferença, fundamentais à assunção do lugar de sujeito falante.

Também conveniente ao nosso tema, há a consideração de Laznik em “Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional” (2004/2013), que relaciona a recusa do contato visual muito característica dos autistas — diagnóstico epidêmico da contemporaneidade (Kupfer, 2021) — com as dificuldades de se produzir os limites e a união dos membros do corpo a partir da imagem especular.

Essas considerações remetem a uma reflexão lacaniana em “A psiquiatria inglesa e a guerra” (1947/2003 p.125), sobre a expansão da cultura industrializada, que estaria promovendo meios de agir sobre o psiquismo através de “um manejo concertado de imagens e paixões”, pois o que se vê, são imagens. Há, nas reflexões dos psicanalistas de hoje, uma suposição de modificação sobre o lugar do olhar para a constituição subjetiva? Se sim, precisamos primeiramente investigar como Lacan concebe olhar no decorrer de seu ensino.

No contexto do *Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*, após travados extensos debates sobre esse tema, Lacan (1968-1969/2008, p.245) mantém a afirmação de que “não é fácil definir o que é um olhar”. Tampouco é fácil definir o que é o sujeito ou como se forma o eu. Por isso, Lacan caminha na direção de discernir três registros com os quais seria possível

trabalhar a constituição do sujeito a partir da topologia do nó borromeano. Nesse modelo, a relação entre as dimensões Real, Simbólica e Imaginária (RSI) é apresentada como uma “geometria tridimensional, cujos pontos se determinam pela cunhagem de três círculos vazados, enganchados e inseparáveis, destacando a combinatória das relações que presidem a realidade psíquica” (Vorcaro, 2004, p.67).

Na presente pesquisa, optamos por fazer um retorno aos textos iniciais de Lacan com o intuito de mostrar como RSI se relacionam de maneira interdependente desde o início de seu ensino, ainda que a planificação e entrelaçamento desses registros só tenha se efetivado em seus últimos seminários. Nossa intenção principal é organizar em três capítulos a implicação do olhar aos registros Imaginário, Simbólico e o Real, concebendo que a “distinção entre essas três dimensões não as hierarquiza, apenas permite demonstrar que elas só tem vigência enlaçadas” (Vorcaro, 2004, p.66). Tal organização também se deve ao entendimento de que há uma coincidência cronológica entre os três registros e três momentos de prevalência dada a eles na construção da teoria lacaniana, a saber, a partir de 1938, a teoria do imaginário orientada pela teoria do estádio do espelho, a partir de 1955, o simbólico com a inserção do grande Outro e a partir de 1962, o real através da formalização do conceito de objeto *a*.

Assumindo que a teoria do estádio do espelho nos mostra como esse olhar se constitui, afinal, o “caráter visual da experiência do espelho coloca em cena uma fenomenologia na qual o olhar é central: o espelho e o olhar não são apenas indissociáveis, eles derivam um do outro” (Quinet, 2002, p.130), devemos iniciar a investigação por aí.

Considerando, assim como Simanke (2002, p.246), que “a construção da teoria lacaniana do imaginário coincide, grosso modo, com a série de elaborações sucessivas que o modelo do estádio do espelho recebeu no período 1936-1949”, reservamos para o *CAPÍTULO 1 – O visual, o especular e o registro Imaginário*, a retomada do artigo *Complexos familiares na formação do indivíduo* de 1938, elegendo as questões das *imagos* e das *funções visuais* (Lacan, 1938/2003, p.48) como noções embrionárias da discussão sobre o olhar.

Nesse momento de argumentação, trataremos a publicação de 1949 sobre o estádio do espelho “O estádio do espelho como formador da função do Eu [je]”, em que as questões sobre os efeitos do imperativo da imagem sobre o psiquismo começam a ser apresentadas como condicionadas a uma posição específica do corpo do bebê em relação ao espelho.

Em seguida, nos ateremos às exposições do esquema óptico original do buquê invertido do físico Henri Bouasse (1866-1953) e as inflexões realizadas sobre ele presentes no *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954/2009), mais precisamente no capítulo “A tópica do Imaginário”, que introduzem o simbólico ao esquema do estádio do espelho a partir da sua vinculação ao imaginário. Ainda no *CAPÍTULO 1*, buscaremos discutir as condições da formação da imagem e a mudança de posição dos elementos do esquema original que Lacan (1953-1954/2009) realiza para representar os operadores do estádio do espelho, especialmente os que revelam o estatuto do Eu Ideal e do Ideal do Eu.

Segundo Boni (2010), a cada vez que Lacan apresenta o modelo óptico, há mudanças estruturais que se refletem em novas posições teóricas que podem ser resumidas cronologicamente: a prevalência do imaginário e do pequeno outro nos anos 50, a reformulação da teoria do estádio do espelho pela articulação do simbólico e do lugar do Outro no esquema na segunda metade dos anos 50 e a introdução do conceito de traço unário e objeto *a* nos anos 60.

Assim, é conveniente continuar acompanhando as inflexões lacanianas sobre o esquema óptico, desta vez, compreendendo que a referência mais explícita ao estruturalismo antropológico e linguístico e o destaque ao simbólico no pensamento laciano inscreve o olhar do Outro no estádio do espelho e atualiza a teoria do imaginário a partir de 1960.

Então, iniciaremos o *CAPÍTULO 2 – O olhar do Outro, o traço unário e o registro Simbólico*, a partir da discussão da lição “Introdução ao grande Outro”, contida em *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Esse contexto é relevante para nós, pois nele se apresentam as diferenças entre o outro semelhante e a função simbólica que articula a dependência do sujeito sobre sua imagem através de um outro termo, o Outro, que tem consequências para a maneira como Lacan passa a compreender os efeitos da linguagem e da alteridade na constituição subjetiva.

No texto “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960), evidenciam-se as principais consequências da implicação do estruturalismo de Lévi-Strauss sobre a teoria do estádio do espelho. Transmutando as instâncias narcísicas do estatuto de “forma” para dentro do que se compreende como “estrutura sistêmica” (Dunker, 2014), o recurso à topologia vai se fazendo presente e inclui uma nova discussão sobre o espaço onde se formam as imagens,

logo, sobre a constituição do eu. Gravitando sobre essas colocações, Lacan (1960/1998) enfatiza que o sujeito busca, com seu próprio olhar, o Outro que o sustenta simbolicamente frente ao espelho.

Cabe, em seguida, trazer a discussão contida no *Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961/2010), no capítulo “O grande I e o pequeno a”, em que o esquema de 1960 volta a ser apresentado e se coloca em função da elaboração das identificações primordiais. Implicado na questão da identificação, o olhar do grande Outro é apresentado como aquilo que institui o *Ein Einziger Zug*, um traço que realiza o suporte da inscrição significativa e, logicamente, dá o suporte simbólico para a relação especular. As conclusões desse capítulo que direcionam as investigações posteriores se baseiam na evidência de que o olhar que inscreve *Ein Einziger Zug* não é representável, apenas é lembrado como uma satisfação que se perdeu.

O segundo capítulo, então, gira em torno da afirmação de que o olhar do Outro inscreve o princípio do significante, nos levando à questão que encaminha o capítulo seguinte: que propriedade específica contém o olhar, que lhe permite articular uma função primordial? Qual seu estatuto real, já que, no exercício da inscrição primordial do significante, ele está fora do campo especular?

Assim, no *CAPÍTULO 3 – O olhar objeto a, a pulsão e o registro Real*, a partir da discussão sobre o esquema óptico no *Seminário 10: a angústia* (1962-1963/2005), trataremos da dimensão do não especularizável e sua relação com a experiência do *Unheimlich* e a subsequente inclusão do olhar ao grupo de objetos *a*. O abandono emergente do esquema do estádio do espelho se deve a dois impasses principais no prosseguimento do pensamento lacaniano: como metodologia explicativa da formação narcísica ela não suporta a complexidade do objeto causa de desejo e como viés de abordagem da dimensão especular ela não esclarece o estatuto do não especularizável. Por isso, vão sendo recorrentes os recursos à topologia das superfícies, em especial a figura do *cross-cap*, para evidenciar aquilo que “se dá em torno de um buraco” (Quinet, 2002, p.145) e, através dela, o olhar como o objeto irrepresentável.

Por fim, traremos o diálogo de Lacan no *Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964/2008), com a publicação póstuma de Maurice Merleau

Ponty, “O visível e o invisível” (1964), presente na lição “Do olhar como objeto *a* minúsculo”, cuja hipótese principalmente discutida é a preexistência de um olhar em relação aos olhos que vêem, de outro modo, uma invisibilidade que dá condições ao visível. É nesse contexto que Lacan (1964/2008, p.74) diz que “O olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão ao nível do campo escópico”.

A retomada das implicações do olhar e a pulsão que afeta toda a construção do Seminário de 1964 nos dará ferramentas para compreender as implicações entre a visão e o olhar que se colocam desde 1938. É claro que as formulações lacanianas sobre o olhar não cessam por aí e fizemos a menção ao *Seminário 16* para demonstrar as dificuldades em torno dessa temática que também ocupou muitos trabalhos freudianos. Com isso em vista, buscaremos, ao final desse trabalho de revisão das categorias de Real, Simbólico e Imaginário nos primórdios do ensino de Lacan, contribuir para as indagações que os autores realizam sobre o olhar e a fabricação de imagens no mundo contemporâneo, sugerindo vieses de investigação sobre o que se passa no âmbito da constituição subjetiva de hoje.

## CAPÍTULO 1 – O visual, o especular e o registro Imaginário.

*“O estádio do espelho não é a palavra mágica. O que é chato não é tanto o fato de repeti-lo, porém de mal empregá-lo.”*

(Lacan, 1954-1955/2010, p.143).

Na sua tese de doutorado de 1932, Lacan revela sua adesão acadêmica ao método clínico na busca por uma conexão entre a medicina, sua área original de estudo, e as ciências humanas. Tal posição contrastava com as correntes que tendiam a biologizar questões psicológicas presentes naquele período (Simanke, 2002).

O jovem médico psiquiatra Lacan se debatia com problemas dentro do campo médico-científico que era alinhado com a perspectiva da História-Natural e fundamentava-se no modo classificatório a partir da observação, como diz Foucault (1963/1977). A busca pelos sinais visíveis sobre um objeto invisível (a doença) consistiu em uma contradição que proporcionou o surgimento da medicina clínica, em que o indivíduo e seus sintomas passam a ocupar o lugar de objeto de observação (Foucault, 1963/1977). Uma das consequências dessa tradição anátomo-patológica, nos diz Simanke (2002), é um estrito organicismo que supera uma relação de causa e efeito entre lesão e doença, mas as torna equivalentes: lesão passa a ser a doença. Este organicismo, sofrendo restrições a depender de quadros específicos não visíveis, coloca maiores impasses no campo da psiquiatria, já que a patologia mental, justamente, não se adequa à prerrogativa das aparências que a medicina se prolongou em sustentar.

Essa situação impôs à psiquiatria uma extensa discussão sobre as condições de doença e saúde, de normal e patológico, visto que seu objeto específico, a doença mental, está para além das condições do visível. Segundo Oglivie (1987/1991), esse dualismo proposto pela medicina, vez ou outra, conduziu o afastamento do fenômeno clínico próprio da psiquiatria do que se inseria no domínio clínico da medicina. Com efeito, para se manter dentro do campo da medicina, a psiquiatria precisou estabelecer seu compromisso com o viés organicista.

É contra essa hegemonia, então, que Lacan empreende sua pesquisa de doutorado na psiquiatria, realizando suas investigações iniciais sobre a paranoia buscando, sobretudo, uma cientificidade adequada aos fenômenos psicológicos e clínicos.

Freud se preocupava muito em fazer a psicanálise ser absorvida pelo campo das ciências da natureza (Miller, 1984/1988). Em sua metapsicologia, apesar de se apresentarem algumas diferenciações entre o que se pode compreender como propriedade biológica da visão e o olhar inconsciente, a noção central de pulsão — podemos incluir aí a escópica — teve suas raízes imersas na realidade biológica do corpo (Simanke, 2002). Lacan (1938/2003), diante da paradoxal posição da psiquiatria no campo médico, junto das contradições que se apresentavam em relação ao estatuto da realidade psíquica da obra freudiana, passa a trabalhar, depois de 1932, sobre as temáticas da apreensão do mundo externo e da constituição do próprio corpo a partir de um aparelho psíquico que se afasta de uma fundamentação biológica para sua gênese.

De acordo com Roudinesco (2008/2016, p.137), Lacan, no contexto de 1936 e 1938, conduz uma leitura da segunda tópica freudiana se opondo à interpretação da *ego psychology*<sup>1</sup>, consistente na suposição do Eu enquanto um produto da diferenciação progressiva do “isso”, “a fim de fazer dele o instrumento de uma adaptação do indivíduo à realidade externa”. Tal iniciativa de oposição se arraigou na compreensão de que o Eu era o produto de uma organização das *imagos* do outro, ideia que se concentrou na teoria do “estádio do espelho” e acabou se tornando o eixo epistemológico imaginário-simbólico no pensamento de Lacan (Zafirooulos, 2003/2018).

A palavra *imago*, convém dizer, tem sua origem no latim. Deriva do termo "imāgō", que significa "imagem", "representação", "retrato" ou "figura". Na psicanálise, mais usual no vocabulário junguiano, o termo "imago", para Lacan, tinha o propósito não apenas de abordar o registro inconsciente dos dois extremos da representação do modelo familiar — pai e mãe/patriarcado e matriarcado — mas um modo de conceber o “humano” dentro das relações sociais (Roudinesco, 2008/2016).

Dentro do que se convencionou afirmar como a primeira teoria do imaginário em Lacan, organizada pelo eixo do estágio do espelho (Simanke, 2002), há demonstrações fundamentais sobre a especularidade e a visão em jogo na constituição do psiquismo, que se relacionam com a questão do estatuto da representação inconsciente (imagos) em Freud. É essa construção teórica primordial que une e procura garantir coesão aos problemas das

---

<sup>1</sup> Título dado ao grupo de psicanalistas pós-freudianos norte-americanos.

referências extra-psicanalíticas que começam a se multiplicar nesse contexto (Simanke, 2002).

Por volta do final da década de 1930, a teoria do estádio do espelho, inspirada pelo trabalho de Henri Wallon, “A prova do espelho e a noção do corpo próprio” (1931), converte o apontamento do fenômeno de regozijo da criança que vê a sua imagem refletida no espelho em favor de uma explicação sobre a constituição do eu que provasse a sua diferença frente à noção de sujeito<sup>2</sup>. Lacan, nessa direção, se centrou na experiência especular como o fato crucial (Jalley, 2009) e se afastou da perspectiva de Wallon que sugeria que a evolução de um indivíduo para se tornar sujeito ocorre através dos desafios de uma dialética natural (Roudinesco, 2008/2016). Dentro desse processo de transformação, que para a criança envolve a resolução de seus conflitos, a experiência do espelho seria um marco que acontece entre os seis e oito meses de idade em função do reconhecimento do espaço. Essa experiência especificaria a passagem do especular ao imaginário, e posteriormente, do imaginário ao simbólico (Roudinesco, 2008/2016, p.138)

As primeiras abordagens de Lacan sobre o estádio do espelho, primeiro em junho de 1936 para a Société Psychanalytique Paris (SSP) e, dois meses depois, para o XVI Congresso Psicanalítico Internacional em Marienbad (Jalley, 2009), não foram publicadas. Miller (1984/1988), porém, nos diz que, nesse primeiro contexto, Lacan trata desse tema não exatamente pelo viés psicanalítico, mas como um fenômeno observável e descritível a partir da fisiologia e da psicologia animal, o que denuncia os seus alicerces dentro do campo médico-científico para sustentar o seu lugar na psiquiatria.

Em “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1950), o próprio Lacan (1998, p.186) diz o seguinte:

Fiz dela uma comunicação formal no congresso de Marienbad, em 1936, pelo menos até o ponto exatamente coincidente com o quarto toque do décimo minuto, quando me interrompeu Jones, que presidia o congresso como presidente da Sociedade Psicanalítica de Londres, posto para o qual sem dúvida o qualificava o fato de eu jamais ter encontrado um de seus colegas ingleses que não me tivesse a participar algum traço desagradável de seu caráter. Não obstante, os membros do grupo vienense, ali reunidos como pássaros antes da migração iminente, deram a minha exposição acolhida bastante calorosa. Não entreguei meu artigo para a ata do

---

<sup>2</sup> O sujeito do inconsciente em Lacan (1955/1998) é o sujeito da enunciação, aquele que fala. Convencionou-se usar a grafia Eu [*Je*] e *eu* [*moi*] para manter a seguinte diferenciação: um Eu [*Je*] que é sujeito do inconsciente, desprovido de artigo objetivante, é de um lugar que se trata; e um *eu* [*moi*] que é o núcleo alienante das identificações, uma imagem.

congresso, e vocês poderão encontrar o essencial dele, em poucas linhas, em meu artigo sobre a família, publicado em 1938 na *Encyclopédie française* volume da vida mental.

O título do artigo de 1938, “A família”, segundo Miller (1984), decorre de uma forma de organização de Henri Wallon para a *Enciclopédia Francesa*, pois Lacan, na verdade, não estava se ocupando com a questão da família. O acesso que temos hoje a esse trabalho é sob o título *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938) que, então, se consagra como o instante inicial da presente investigação.

*1.1 – As imagos e as funções visuais em “Complexos familiares na formação do indivíduo” (1938).*

Segundo Miller (1984, p.2), o trabalho *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938) é o “primeiro grande escrito e posicionamento de Lacan na psicanálise”. Nesse contexto, Lacan sustenta o seu afastamento de uma leitura biologicista sobre a origem dos complexos freudianos (desmame, intrusão e Édipo), a partir da apresentação dos princípios que tornam a família humana organizada como tal (Simanke, 2002). Para Lacan (1938/2003), a família humana moderna é uma instituição que se furta da premissa do vínculo sanguíneo, mas que, com considerável consistência, determina a organização social sob a forma de *complexos* inconscientes.

A exceção da modalidade de família humana é explicada pela prematuridade biológica dos primeiros anos de vida do homem em relação aos outros animais, que estabelece a fatalidade da criança pequena que não esteja sob os cuidados do outro (Lacan, 1938/2003). Uma vez que essa insuficiência vital está colocada como inerente ao recém-nascido humano, toda a função social é deslocada de uma predisposição congênita e passa a ser concebida como uma derivação do *complexo*, uma espécie de exigência da cultura, ainda que o fator biológico esteja de certa forma implicado: “complexo só ocasionalmente tem uma relação orgânica, quando supre uma insuficiência vital pela regulação de uma função social” (Lacan, 1938/2003, p.40). O psicanalista francês deixa evidente que os complexos não organizam o social aleatória e espontaneamente, eles se inscrevem a partir das “representações

inconscientes”, produzidas pelo laço social e chamadas, nesse contexto, de *imagos* (Lacan, 1938/2003, p.35).

A noção de *imago* vai se expressando enquanto a transformação das sensações exteroceptivas próprias da infância, submetidas aos *complexos*, em “unidades de percepção” (Lacan, 1938/2003, p.38). Segundo Simanke (2002, p.255), há um esforço de Lacan para conceder explicações suficientes que não tornem as *imagos* simples “imagens mentais” produzidas pelo aparelho perceptivo, mas, sim, as aloque no estatuto de “posição subjetiva pela qual o sujeito se identifica” e a partir da qual interpreta a sua realidade e constitui seu próprio modo de apreender o mundo, em outras palavras, um meio de enfrentar seus dramas. Entretanto, não se afasta totalmente da questão visual que se relaciona à apreensão das imagens.

Uma das abordagens que esclarecem o funcionamento das *imagos* é apresentada a partir da sua leitura sobre o *complexo do desmame*. Para o psicanalista francês (1938/2003), a tensão registrada pelo *desmame* busca se resolver pela tentativa de se restabelecer a *imago* materna através de uma intenção mental. Isso é exemplificado através de um fato estrutural, em que as crianças, muito precocemente, quando a “coordenação motora dos olhos” ainda é muito incipiente, tem preferências entre quem se aproxima e se afasta delas através do reconhecimento do “rostro humano” e estabelece critérios entre os vínculos afetivos na tentativa de recuperar a presença da *imago* materna da mãe (Lacan, 1938/2003, p.38). De acordo com Miller (1984, p.10), basta essa observação para admitirmos que nesse estágio de prematuridade o bebê não se ocupa somente com a realidade de seu corpo, mas já reconhece, por alguma via perceptiva — talvez a visão? — algo do outro.

Freud em *Projeto Para Uma Psicologia Científica* (1895[1950]/1988), descreve a experiência de satisfação que encerra a excitação interna do bebê — fome, por exemplo — da seguinte maneira: um elemento fundamental dessa experiência de satisfação é a emergência de uma percepção específica (como a da alimentação), cuja imagem mnemônica se mantém associada (o seio), daquele momento em diante, ao registro de memória da excitação causada pela necessidade. Quinet (2002, p.54) reitera que esse objeto da primeira experiência de satisfação é a *Coisa*<sup>3</sup> inalcançável e, mesmo que nunca possa ser alcançada novamente, tanto

---

<sup>3</sup> A Coisa ou *Das Ding* é o nome dado por Freud à parte constante e inassimilável da experiência de satisfação (Lucero e Vorcaro, 2013).

na alucinação do desejo quanto na realidade, ela é hipoteticamente percebida, experimentada e registrada como uma *Coisa* visível.

Lacan (1938/2003) destaca essa capacidade visual muito prematura no estabelecimento das *imagos* ao tratar da brincadeira infantil do *Fort-Da*, observada, a princípio, por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/1969), como uma atividade que se relaciona à elaboração do complexo do desmame, em que o sujeito reproduz o mal-estar da perda do seio materno infligindo sofrimento a si mesmo ao afastar um objeto (o carretel) para depois recuperá-lo. Ele lembra que tal brincadeira consiste na rejeição de um objeto para fora do *campo visual* para, em seguida, reencontrá-lo, reconstituindo a perda do objeto de satisfação primordial (Lacan, 1938/2003 p.46). Assoun (1995/1999, p.64) corrobora com essa pontuação, quando aponta que o desaparecimento da imagem da mãe — drama psíquico subjacente ao *Fort-Da* — para a criança pequena, constitui o “trauma escópico de origem”. Essa ideia, apesar de brevemente apresentada, faz suspeitar que o campo visual é um daqueles sobre os quais se estruturam as experiências de perda (castração) tratadas por Lacan posteriormente.

Em todo o texto, a formação das *imagos* está colocada sob o prisma das “sensações próprias” do organismo e nunca estritamente vinculada à função escópica (Lacan, 1938/2003, p.32). É sugerido, porém, que essas partículas que determinam as chamadas identificações primordiais com o outro parental, as *imagos*, se apropriam de alguma dimensão da percepção visual, pois reverberam a favor de um modo de se encontrar com a imagem especular e a fundação do imaginário. Quinet (2002, p.41) sintetiza: “O registro do imaginário é o campo do visível, onde se encontra o mundo dos objetos perceptíveis e das imagens que segue a tópica especular”.

Cabe ressaltar que a etimologia latina da palavra especular, *speculum*, inclui a significação “especulação” que se aproxima mais de uma suposição ou conjectura do que propriamente a observação. Segundo Marilena Chauí (1988, p.36):

*Speculum* (espelho) é parente de *spetaculum* (a festa pública) que se oferece ao *spectator* (o que vê, espectador), que não apenas se vê no espelho e vê o espetáculo, mas ainda é capaz de voltar-se para o *speculandus* (a especular, a investigar, a examinar, a vigiar, a espiar) e de ficar em *speculatio* (sentinela, vigia, estar de observação, explorar, espreitar, pensar vendo) por que exerce a *spectio* (a vista, a inspeção pelos olhos, a leitura dos agouros) e é capaz de discernir entre as *species* e o *spectrum* (espectro, fantasma, aparição, visão irreal).

Assim, consideramos que a maneira como se dá o encontro especular nos revela questões importantes.

Segundo Lacan (1938/2003, p.46), por volta dos seis meses de idade, no contexto do *complexo de intrusão* e do declínio do *complexo do desmame*, as *imagos* se organizam de maneira a determinar um certo modo de “identificação afetiva” que proporciona a operação do chamado *estádio do espelho*. Segundo Roudinesco (2008/2016, p.28), no contexto de 1938, Lacan torna o *estádio do espelho* uma “operação psíquica, ou mesmo ontológica, pela qual se constitui o ser humano numa identificação com seu semelhante quando percebe, em criança, sua própria imagem no espelho”.

A leitura de Quinet (2002) sobre o *complexo de intrusão* resume que a aparição de um outro — um irmão mais novo, por exemplo — que ameaça a posição do sujeito em relação aos seus pais, equivale psiquicamente à invasão de um lugar narcísico que a criança admite ser seu, embora ainda nem tenha se encontrado com uma distinção mais clara de si em relação ao outro. Essa suposta invasão, tendo como principal característica essa confusão com o semelhante, tem um tipo de desdobramento agressivo, pois a imagem do irmão não desmamado repete no sujeito “a *imago* da situação materna e, com ela, o desejo da morte” (Lacan, 1938/2003, p.46) pois a disputa é por um lugar único em relação a ela.

Lacan (1938/2003, p.44) aponta uma manifestação que esclarece esse efeito da indeterminação entre os corpos dos sujeitos em jogo: “Detenhamo-nos por um instante na criança que se oferece como espetáculo e na que a acompanha com o olhar: qual delas é mais espectadora?”. Tal observação, apesar de aparecer em função de uma exemplificação e submetida à “discordância tanto das pulsões quanto das funções” (Lacan, 1938/2003, p.47), parece insinuar a participação da visão no drama do ciúme que permite a constituição do eu.

Convém trazer em destaque que o *estádio do espelho* é apresentado como um fenômeno relativo ao progresso mental produzido pela predominância das “funções visuais” em relação ao estado motor e perceptivo imaturos, que transmitem a sensação de corpo despedaçado (Lacan, 1938/2003, p.48). Greco (2011, p.1) contribui para essa perspectiva que situa o olho como o órgão perceptivo que se desenvolve primeiro:

O olho, nosso primeiro aparelho de coordenação do espaço, que começa a percebê-lo, registrá-lo e organizá-lo "antecipadamente", ou seja, desde muito antes que o organismo possa mobilizar-se e deslocar-se fisicamente nesse campo [...] é

também nosso primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato com o chamado mundo exterior.

Vemos que, ainda que a imaturidade perceptiva esteja colocada de maneira geral, Lacan (1938/2003) faz questão de apontar um privilégio da visão em relação a outros agenciadores perceptivos para dizer da inauguração de um modo de perceber a própria imagem refletida no espelho e, como nos diz Roudinesco (2011, p.34), sustentar a sua teoria fenomenológica do imaginário.

Tencionando explicar a especificidade do efeito da imagem especular, Lacan (1938/2003) apresenta um fato reconhecido pela biologia e, convém apontar, já trazido por Wallon (1931), que consiste em os humanos serem os únicos animais capazes de reconhecerem a própria imagem refletida no espelho, e, ainda mais, jubilarem-se diante dela. O psicanalista francês não se convence que esse fenômeno é uma aquisição adaptativa, ele a insinua como decorrente dos imperativos de uma relação com o mundo que as *imagos* realizam.

De acordo com Faustino e Falek (2014), Lacan está considerando, em 1938, que o sentimento de corpo despedaçado proveniente da imaturidade perceptiva própria dos primeiros meses de vida humana determina o interesse humano por uma unidade mental e, através das condições proporcionadas pelas *imagos*, a *imagem especular* aparece como esse símbolo de unidade derivado da presença de um semelhante. Em outras palavras, a identificação com a *imagem especular*, que constitui o eu, se desperta a partir de uma unidade suposta no outro, de um modo concomitante, pois o eu se constitui ao mesmo tempo que o outro.

A abordagem do *complexo de Édipo*, também nesse texto de 1938, esclarece que é em um momento posterior ao *complexo de intrusão* que essa distinção entre o eu e o outro pode se firmar, ou não. Segundo Lacan (1938/2003), as pulsões genitais que encontram seu auge por volta dos quatro anos de idade são interditas devido à sua prematuridade, resultando em uma espécie de tensão que se soluciona, podemos dizer, pelo recalçamento da tendência sexual, cedendo lugar para interesses neutros até a puberdade — os estudos, por exemplo — e a sublimação das imagens parentais que se perpetuam na consciência através dos ideais representativos. Essa articulação é fundamental ao narcisismo, uma vez que a interdição constitui a base do *supereu* e a sublimação das *imagos* parentais faz constituir o *ideal do eu*,

tornando possível, ao mesmo tempo, uma diferenciação do sujeito em relação ao outro e uma relação com o outro (Lacan, 1938/2003). Uma vez que a interdição das pulsões sexuais prematuras é o que permite que o sujeito conceba uma diferença entre si, o outro e o objeto (a tríade edipiana) ela se torna uma condição para a emergência do sujeito. Cabe ressaltar que nos casos de psicose infantil e autismos, as instâncias narcísicas não se constituem como tais, o que também impossibilita a ascensão ao nível do desejo. Abordaremos esses impasses mais à frente.

Voltando ao contexto especular, entendemos que Lacan, em 1938, concebe que a transmutação de um modo de apreensão da realidade através das *imagos*, que parecem descender da apreensão visual, ao encontro identificatório com a imagem refletida no espelho, caracteriza o estágio do espelho. Essa espécie de transformação, marcada por um prazer compartilhado entre o bebê e o outro, deixa marcas psíquicas tão importantes que se transmitem em uma maneira de espetáculo que, posteriormente, “dá forma às pulsões escopofílicas (desejo de ver e ser visto)” (Lacan, 1938/2003 p.43). É a dimensão prazerosa que se presentifica através do encontro com a própria imagem que disponibiliza para o sujeito uma percepção da realidade singular, “característica de uma intuição iluminante” (Lacan, 1938/2003, p.47).

Conclui-se que a percepção regozijante dos limites do próprio corpo, diante do sentimento de corpo despedaçado derivado das condições do sistema perceptivo do momento, circunscreve no psiquismo o ponto imaginário de apreensão dos objetos da realidade permanentemente. O imaginário, assim sendo, não se reduz à imaginação, ele é o “registro da identificação especular ao semelhante, o campo do corpo e dos objetos empíricos do desejo” (Quinet, 2002, p.126).

Falta a Lacan, ainda, as condições que o fazem explicitar melhor os fatores conjuntivos e distintivos entre as funções visuais e a função perceptiva que as *imagos* inauguram. Cabe aí questionar o estatuto da percepção. Entretanto, nesse instante, podemos considerar que, em 1938, as funções visuais e a especularidade se colocam como condições à constituição do eu pelo estágio do espelho da maneira como ele é apresentado. A leitura dos “Complexos Familiares” (1938), com o auxílio das ideias de Quinet (2002, p.129), possibilita a assunção de algumas considerações importantes para a presente dissertação, que serão

discutidas no decorrer desse trabalho: “A percepção visual do corpo constitui a base do imaginário e da identificação especular”.

A revelação do corpo despedaçado como a origem de uma necessidade de unificação cujo processo se encaminha pelo encontro com a imagem especular, a assunção do eu e a inauguração do imaginário como mediador da relação com os objetos deixa em perspectiva uma causalidade ontológica que será revisada pelas publicações seguintes sobre a constituição do eu. Portanto, convém trazer para a discussão o trabalho seguinte a 1938 publicado sobre o estádio do espelho.

### *1.2 – A imagem especular em “O estádio do espelho como formador da função do Eu [Je]” (1949).*

Lacan expôs novamente as suas concepções sobre o estádio do espelho treze anos depois do congresso de Marienbad, em 1949, sob o título “O estádio do espelho como formador da função do eu (Je)”. Para Simanke (2002), esse texto demonstra a forma mais acabada do estádio do espelho.

Lacan (1949/1998) parte da consideração de que os filhotes humanos compartilham da particularidade do reconhecimento da própria imagem no espelho em um momento bem precoce da vida, enquanto os animais, pelas necessidades da maturação sexual, até se encontram com a imagem especular, mas atribuem a ela a presença de um outro. Há dois pontos que revelam que o encontro humano com a imagem especular não é da ordem de um simples reconhecimento, mas de uma função libidinal, a saber, o já mencionado valor jubilatório desse encontro e o interesse permanente da criança por, de certa forma, buscar mimetizar os seus próprios movimentos no espelho.

Essa percepção jubilatória do eu que se dá por volta dos seis meses de idade é colocada novamente no nível da identificação, enquanto uma “transformação que é produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”, cujas condições para esse efeito de fase correspondem à inscrição do que antes foi chamado de *imago* (Lacan, 1949/1998, p.97). O acréscimo em relação a 1938 é a revelação da intenção de resgatar o conceito de narcisismo

da teoria freudiana, afirmando o estágio do espelho como operação precursora do Eu Ideal e das identificações secundárias.

Este imperativo da imagem especular sobre o psiquismo se apresenta através da noção de Gestalt<sup>4</sup>, “uma exterioridade que é mais constituinte do que constituída” (Lacan, 1949/1998, p.98), sendo esta configuração gestáltica, imagética e exterior ao sujeito que dá consistência ao Eu Ideal.

O Eu Ideal, para Freud (1914/2010), é o registro inconsciente do momento em que o sujeito, supostamente em sua infância, recebia um investimento de seus pais que o tornava provido de uma potência que o isentava das restrições a que seus próprios pais tinham sido submetidos. Trata-se, sobretudo, de uma projeção narcísica dos próprios pais sobre a criança, como se esta pudesse, por um breve momento, estar imune aos limites impostos pela natureza e pela sociedade. Esse investimento parental, para Freud (1914/2010, p.27 e 28), inaugura ao sujeito, *a posteriori*, uma instância psíquica que busca preservar, ilusoriamente, os atributos que faziam dele digno de estar nessa posição idealizada: “O que ele projeta diante de si como sEu Ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal”.

Para Lacan (1949/1998, p.98), este modo de narcisismo primário se constitui como uma “linha de ficção”, pois esse vislumbre de completude em que se apoia a função unificadora da imagem do corpo para o psiquismo não condiz com a realidade motora descoordenada da criança, que ainda permanece durante um tempo.

Supor que uma imagem tenha poder de inscrever o sujeito em um drama psíquico torna ainda mais complexa a exposição de uma causalidade psíquica que não seja natural. Lacan (1949/1998, p.99) procura explicar isso através de uma observação da etologia: o animal que se confronta com a própria imagem atribui a ela a presença de um outro, isto é, há o reconhecimento da similaridade entre a imagem que se apresenta no espelho e o próprio animal como sendo da mesma espécie, mas isso só comprova a importância da captação e avaliação do espaço para os seres vivos, pois, para o humano, especificamente, esta imagem tem função mediadora entre o mundo interno e externo que a condição de insuficiência orgânica exige para a manutenção da vida.

---

<sup>4</sup> Segundo Quinet (2002, p.37), *Gestalten* é o fenômeno de apreensão por estruturas de conjunto e não por dados elementares.

Como já apresentamos, o bebê, para se manter vivo, deve se submeter ao ato da alteridade que lhe fornece alívio para as suas tensões. Nessa mesma articulação, o sujeito inconstituído tende a fazer uma leitura do que se apresenta no mundo externo para retomar a experiência de satisfação. Guiado pelo que implica a intervenção da alteridade, o sujeito buscará registrar através da percepção os elementos do mundo externo que conferem a ele um certo modo de apaziguamento. A atenção visual do bebê é vital, pois diferente da visão dos animais, que é uma vantagem adaptativa para se perceber o espaço em busca de alimento ou para se proteger dos predadores, tenciona perceber e fisgar novamente o outro capaz de amenizar suas tensões, caso contrário, não sobrevive.

No contexto de 1938, Lacan deixa escapar algumas contradições: “Como um eu que não está formado pode reconhecer o ideal da *imago* do duplo?” (Porge, 1989/1994, p.52). A partir do trabalho precedente, *Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* (Lacan, 1945), a noção de uma dialética temporal, fundamentalmente simbólica, isto é, “não-linear, sinuosa e retroativa” sobre o encontro com a imagem especular, modificou a compreensão da resolução que se dá ao problema em torno da fantasia do corpo fragmentado que comparece já em 1938, situando-a como uma resolução exigida pelo tempo-lógico do inconsciente no trabalho de 1949 (Simanke, 2002).

É nesse sentido que, ao invés de uma simples causalidade relacionada à imaturidade do recém-nascido humano que dá um lugar privilegiado às funções visuais, como em 1938, a imagem que a percepção alcança é colocada como uma antecipação: “O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (Lacan, 1949/1998, p.100). A noção de antecipação, aqui, sugere que há uma relação temporal e lógica que torna possível admitir que uma imagem se transmuta em Eu Ideal, a partir de uma exigência simbólica, antes que o corpo pudesse assumir uma coordenação motora que transmitisse a sensação de unidade. Segundo Porge (1989/1994, p.49), a maturação precoce da percepção visual serve a uma “defasagem temporal entre duas funções: é com relação ao atraso biológico” — prematuridade vital que impõe a participação de um cuidador — “que a função visual desempenha seu papel na antecipação”.

Assim, o que se inaugura, para o sujeito, a partir da vivência do estádio do espelho é a apreensão perceptiva unificadora que projeta sua visão gestáltica, seguindo o modelo do espelho, num mundo que é composto em elementos dispersos e confusos (Quinet, 2002). É

uma precipitação do eu, de caráter ficcional, que torna o modo da percepção do mundo imaginária. Lacan (1949/1998, p.98), desta vez, traz a implicação do nível escópico ao imaginário, dizendo que o último constitui:

Limiar do mundo visível, a nos fiarmos na disposição especular apresentada na alucinação e no sonho pela imago do corpo próprio, quer se trate de seus traços individuais, quer de suas faltas de firmeza ou suas posições objetais, ou ao observarmos o papel do aparelho especular nas aparições do duplo em que se manifestam realidades psíquicas de outro modo heterogêneas.

Um fator que desnaturaliza o encontro com a imagem especular e a consequente inscrição imaginária comparece através da pontuação de sua dependência de um suporte humano ou artificial que possa “sustentar a postura ereta da criança, numa posição relativamente inclinada diante do espelho, para que ele possa se fixar em um ponto da imagem” (Lacan, 1949/1998, p.97). É justamente essa fixação a qual depende a imagem especular, na medida em que torna o eu uma espécie de instância estática, que somente o imaginário pode animar, o que favorece o recorte da realidade sob a forma de objeto e o reconhecimento do eu (Simanke, 2002).

A inscrição do simbólico, através da noção temporal implicada e da disposição estável, na teoria do estádio do espelho, reposiciona a maneira de compreender o encontro jubilatório com a imagem especular. Conforme Lucero (2015, p.79), não é possível um encontro espontâneo com a imagem especular, “a relação com o objeto não se dá de forma direta, a partir da imagem especular, mas a própria imagem especular depende de um aparato simbólico para se constituir”. Isso caracteriza a determinação simbólica deste momento que atravessa o estatuto perceptivo, em outras palavras, o simbólico é o que determina o encontro visual do sujeito com a imagem de seu corpo e inaugura o registro imaginário.

Segundo Simanke (2002), há uma mudança de tom no trabalho de 1949 que evidencia os privilégios que o simbólico vai assumindo nesse contexto teórico, justamente, a partir da sua vinculação com o imaginário. Aquilo que irá situar toda a experiência visual envolvida no estádio do espelho é a dependência, para que o sujeito consiga ver sua imagem refletida, de um outro que deve posicioná-lo de um modo que garanta uma apreensão estável, a ponto de consistir em uma “permanência mental” (Lacan, 1949/1998, p.98). Isso desconfigura a sugestão de uma naturalidade que tornaria a predominância das funções visuais algo organicamente favorável ao encontro com a imagem especular, pois, a partir de 1949, fica mais evidente que não é de qualquer visão que se trata na constituição do eu.

### 1.3 – O fenômeno subjetivo da imagem no esquema do buquê invertido.

Perseguindo a teoria do estádio do espelho, encontramos na obra lacaniana, *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*, especificamente na lição “A tópica do Imaginário”, uma referência à física óptica a favor da explicação da posição do sujeito em relação ao eu. Segundo Zafiropoulos (2003/2018), Lacan introduz essa nova versão do estádio do espelho no mesmo contexto em que ele é afastado da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e passa a participar da fundação da Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP).

Lacan (1953-1954/2009, p.105) toma de empréstimo um fundamento da óptica que metaforiza satisfatoriamente a relação subjetiva com as imagens, a saber, que, “a todo ponto dado no espaço real, corresponda um ponto e só um num outro espaço, que é o espaço imaginário”. A referência às leis da óptica, cabe ressaltar, originou-se na postulação freudiana no contexto do trabalho *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1987, p.567), no qual o psicanalista vienense compara as produções psíquicas a um tipo de microscópio análogo a um aparelho fotográfico:

Permanecerei no campo psicológico, e proponho simplesmente seguir a sugestão de visualizarmos o instrumento que executa nossas funções anímicas como semelhante a um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo. Com base nisso, a localização psíquica corresponderá a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem.

Posto isso, Lacan (1953-1954/2009) apresenta o experimento do buquê invertido, originalmente proposto pelo físico Henri Bouasse (1866-1953)<sup>5</sup>, que consiste em um experimentador que se posiciona com o olho em direção ao espelho côncavo contido em um aparelho esférico, uma caixa com abertura na direção dele, um buquê de flores invertido dentro da caixa e um vaso acima dela. Acompanhemos pela imagem:

---

<sup>5</sup> O experimento do buquê invertido foi descrito na obra intitulada *L'Optique et photométrie dites géométriques*, do físico francês Henri Bouasse, em 1947.

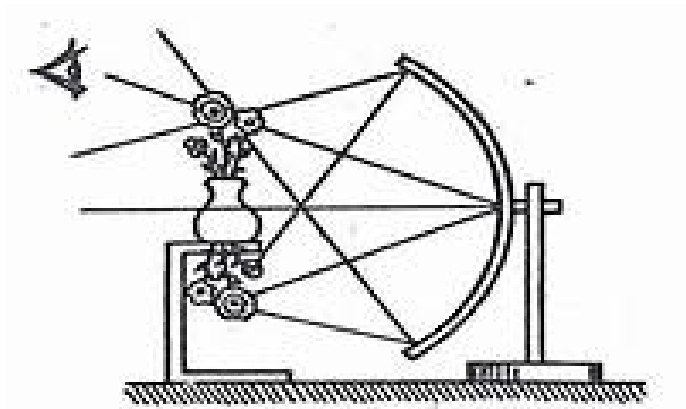


Fig. 1. O experimento do buquê invertido de Henri Bouasse (Lacan, 1953-1954/2009).

A ideia principal do experimento é apresentar que, na perspectiva do olho, o buquê invertido contido na caixa, a partir da reflexão exercida pelo espelho esférico, retorna aparecendo dentro do vaso real. Para além do ponto do olho, os raios do reflexo continuam seu caminho e divergem, mas, para o olho, em sua posição especificada, os raios convergem e formam uma imagem real (Lacan, 1953-1954/2009).

O que se prova principalmente, pelo experimento, é que a posição desse olho tem importância fundamental para o efeito do buquê perfeitamente encaixado no vaso. De acordo com Lacan (1953-1954/2009, p.110, grifos nossos):

Para que a ilusão se produza, para que se constitua, diante do *olho que olha*, um mundo em que o imaginário pode incluir o real e, ao mesmo tempo, formá-lo, em que o real também pode incluir e, ao mesmo tempo, situar o imaginário, é preciso que uma condição seja realizada [...] o olho deve estar numa certa posição, *deve estar no interior do cone*.

Essa complexa interação entre elementos vem revelar o fenômeno subjetivo da formação da imagem especular. Em metáfora, o vaso é a imagem do corpo, o buquê são os instintos e desejos, o espelho côncavo é o córtex e o olho é o *símbolo do sujeito* (Lacan, 1953-1954/2009, p.110). A produção da imagem real do buquê de flores dentro do vaso é, para Lacan (1953-1954/2009), a imagem do eu, narcisismo primário. No esquema óptico de Bouasse, a imagem real não é uma imagem completa: o “espelho côncavo refletirá sempre a imagem real, porém deformada e invertida” (Greco, 2011, p.7), tal como a imagem do eu, que, além dessas características, é sempre ficcional e exterior ao sujeito.

Conforme Zafirooulos (2003/2018), a partir desse esquema óptico, a constituição do sujeito não deve mais ser entendida como uma mera consequência do estádio do espelho ou

do complexo de Édipo, mas sim a partir de uma releitura do estádio do espelho com a função simbólica de Lévi-Strauss representada pelo esquema do buquê invertido. Veremos no segundo capítulo quais as maiores consequências do estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss sobre a dialética entre imaginário e real, que teve como fórmula mais expressiva a teoria do estádio do espelho.

Não podemos considerar o olho como um elemento aleatório no esquema, visto que é ele quem suporta toda a articulação óptica envolvida na experiência. É justamente a posição de um olho que determina a união do vaso e das flores. Em analogia, ele permite, no nível do sujeito, a antecipação do corpo como unidade e sua entrada no funcionamento imaginário.

De acordo com Assoun (1995/1999, p.36), é possível aproximar o surgimento da imagem aos olhos como um registro fotográfico, pois a estrutura é a mesma, “é a retina na sua parte neuro-sensorial que, com a ajuda dos seus ‘fotorreceptores’ e das células nervosas — células visuais chamadas ‘cones e bastonetes’ — acusa a recepção de raios luminosos e conduz a informação visual, pela via do nervo óptico, ao cérebro”. Entretanto, a maneira que o pensamento de Lacan se desenvolve nos faz considerar que as condições para a formação da imagem estão para além da anatomia do olho, ainda que a presuma.

Assim como no texto de 1949 foi demonstrado que a vivência do estádio do espelho sucede uma inclinação que fixa o sujeito em uma posição favorável ao reflexo no espelho, na primeira apresentação do esquema de Bouasse se supõe uma posição determinante da convergência luminosa produtora da imagem real do vaso contido de flores. Apesar das leis da óptica serem apresentadas em função de uma explicação sobre um novo modelo de estruturação psíquica, não deixa de ser verdade que é realmente da “posição do olho no dispositivo que depende a amarração entre os três registros” real, simbólico e imaginário (Zafirooulos, 2003/2018, p.105). Lacan (1953-1954/2009, p.102) mesmo insiste, para introduzir essa questão, que “Todo o problema a partir de então é o da junção do simbólico e do imaginário na constituição do real”.

Lacan (1953-1954/2009, p.111), discorrendo sobre esse lugar específico ao qual o olho deve se acomodar, nos diz que este corresponde ao “lugar do sujeito no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra”. É desse lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar Pedro” (p.111), em outras palavras, que o sujeito

possa se compreender como unidade distinta da outra. De outro lugar (fora do simbólico) ele vê o vaso e as flores em sua condição real, isto é, o corpo despedaçado, deslibidinizado, remetido à impotência generalizada que caracteriza o estágio de desamparo vital do recém-nascido.

A posição do olho, então, vem para inscrever a prerrogativa do modo de apreensão da realidade, pois, como vimos, a imagem do eu é o termo pelo qual se apreende imaginariamente os objetos do mundo. Se este olho está em outro ângulo, nas bordas do espelho, e não no cone luminoso, se formam imagens distintas, que traduzem “as diferentes posições do sujeito em relação à realidade” (Lacan, 1953-1954/2009, p.197). Trata-se, aí, da variação entre as posições subjetivas que se constituem pela relação com a linguagem, cuja definição se dá em um momento posterior ao infantil, mas já se fazem presentes alguns dos seus modos de sofrimento nesse tempo.

Segundo Bernardino (2004), a posição subjetiva da criança não é decidida. O tempo infantil torna qualquer modo de apreensão da realidade que se passa nesse momento como uma situação pela qual o sujeito atravessa, e não constitui nenhuma definição estrutural. O que se quer dizer com a variedade das posições em relação à realidade, podemos entender, é uma referência ao fracasso possível da apreensão do corpo próprio como uma imagem unificada, que, segundo Laznik (2004/2013), está em jogo nos quadros de grave sofrimento psíquico das crianças, como no autismo e na psicose infantil. Poderíamos dizer que se não existe um surgimento correto do eu, há uma falha de posição do sujeito no mundo simbólico, que torna indistinto o que é dele e o que não é (Zafirooulos, 2003/2018, p.105).

Laznik (2004/2013), assumindo que a primeira apresentação do esquema óptico de Bouasse revela a complexidade da formação da imagem a qual a criança se identifica, nos diz que esse olho não pode ser a metáfora da própria criança, mas dos pais. Em outras palavras, a ilusão de transformação do organismo do bebê — objeto real — em uma imagem real, é realizada pelos pais: “É preciso que o aparelho psíquico da mãe seja capaz da ilusão antecipadora, quer dizer, que ela veja o que não está lá” (p.45), assim como Freud (1914/2010) nos fala em *Sobre o narcisismo, uma introdução*, que há um investimento narcísico dos pais que posicionam a criança em um lugar particularmente privilegiado, ilustrado pela expressão “His Majesty the Baby”.

Lacan afirma (1953-1954/2009, p.111) que o *sujeito não é o olho*, ele não é o ponto fixo do experimentador (ou seria observador?) pois na vida real não somos um olho e os elementos em jogo mudam de posição circunstancialmente. Pelas palavras de Laznik (2004/2013, p.44), o olho, nesse contexto, é o “olhar dos pais”, que não se deixa confundir completamente com a visão, pois é principalmente a função de investimento libidinal que ele realiza. O ângulo ideal, portanto, que permite que o Eu Ideal do sujeito venha a se constituir como essa referência imaginária é o lugar da libido que não tem garantias que será acessado pelo sujeito, vide a pluralidade de posições que as crianças assumem diante da própria imagem.

Segundo Zafirooulos (2003/2018, p.140), não somente as condições para a emergência do eu precisam estar previamente estabelecidas, mas também a sua sustentação, sua estabilidade, que está diretamente “ligada às relações simbólicas que a regulam”. Enfim, fica evidente que a concepção unificada do corpo da criança se estabelece antes mesmo de sua captura. Trata-se de “um primeiro reconhecimento, este não-demandado, mas que fundaria a própria possibilidade da imagem do corpo” (Laznik, 2004/2013, p.50). E a criança, como chega a ver essa imagem?

#### *1.4 – O espelho plano e as instâncias narcísicas.*

Nas próximas lições do ano de 1954, “Os dois narcisismos” e “Ideal do Eu e Eu Ideal”, o esquema de Bouasse é retomado com algumas modificações: 1) O vaso desta vez é o elemento invertido; 2) Há um espelho plano; 3) O olho está entre o espelho côncavo e objeto real.

De acordo com Laznik (2004/2013), as modificações inseridas no esquema óptico pretendem demonstrar a perspectiva do pequeno sujeito sobre a imagem que lhe é proposta, então, o olho do esquema passa a ser o da criança. O espelho plano aparece como um elemento que dá condições ao olho — que podemos ler como signo do sujeito — de obter a ilusão do vaso invertido. O vaso a ser o elemento invertido ilustra o corpo com seus orifícios — em analogia ao orifício do vaso — e as flores, aquilo que vem a ocupá-lo, a libido.

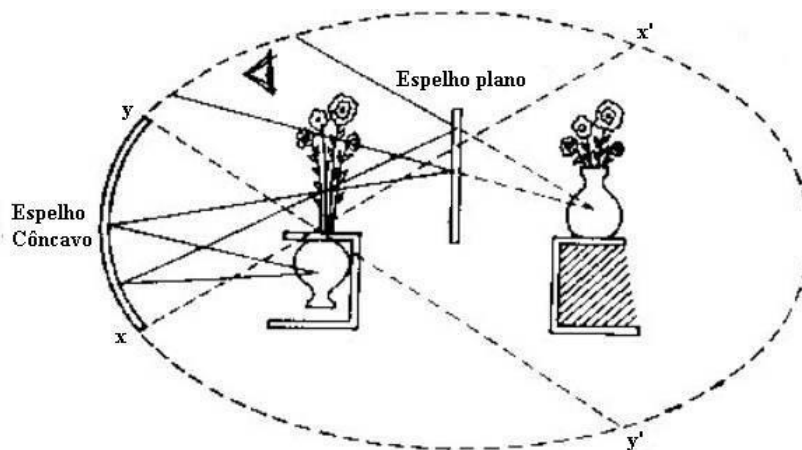


Figura 2. Esquema de Bouasse com espelho plano (Lacan, 1953-1954/2009, p.168)

Nesse diagrama de Lacan, “o espaço virtual por trás do espelho plano é onde o sujeito imagina que o seu eu existe como unidade” (Greco, 2011, p.7), mas ele só consegue acessá-lo pelo reflexo produzido pelo espelho plano. Isso é o que caracteriza a apreensão do corpo somente pela via imaginária, pois o vaso real, contido na caixa, permanece não sendo possível de ver. Em linhas gerais, a imagem do próprio corpo cativa a identificação do eu a partir de um outro aparato, pois, na verdade, o reflexo é deformado e invertido, está em déficit em relação ao sujeito (Miller, 1984/1987, p.17).

O narcisismo primário, Eu Ideal, é essa instância que protagonizou a discussão do estágio do espelho até aí. Ele fica relacionado à imagem real produzida pelo espelho côncavo que, desta vez, se acessa pelo espelho plano, pois é da criança que se fala. É esta imagem que, ao ser subjetivada, determina o modo de apreensão dos objetos da realidade, ela que proporciona a noção de limite que organiza o “conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados” (Lacan, 1953-1954/2009, p.169).

A principal inovação lacaniana em relação ao esquema original é tornar a posição do espelho plano a condição para o encontro com a imagem que constitui o Eu Ideal. Como vimos, esse encontro com a imagem especular não se dá espontaneamente, ele depende de determinações simbólicas. A posição do olho agora recebe um detalhamento em sua especificidade, quando sua referência de adequação se torna o espelho plano, ou melhor, um distanciamento entre o espelho plano que dará condições de apreensão do Ideal do Eu inteiramente.

O sujeito, para acessar sua imagem especular e assumir uma relação com ela nos moldes do Eu Ideal, deve se mirar no espelho plano. Este espelho plano, em sua propriedade, produz uma segunda imagem, que, por sua vez, é virtual, completa e unificada, aparecendo também no espelho para o sujeito quando este se mirar em busca da reflexão de seu próprio corpo. Isso ocorre porque esse vidro, especificamente, permite ver o que está atrás de si, como um vidro comum, que produz alguma nuance de reflexo, mas é transparente o suficiente para permitir a visão do que há atrás dele.

Essa unidade da imagem virtual constitui o Ideal do Eu, uma referência de completude para o sujeito em relação a sua imagem especular, que ele busca encontrar no Eu Ideal. Este Ideal do Eu vai servir ao sujeito como um suporte da relação especular, na medida em que se firma como o ponto de onde o sujeito se verá como “visto pelo outro”, consistindo em correspondência “ao olho benevolente e protetor que traz um olhar de aprovação para os atos do sujeito, respondendo assim à sua demanda, que é sempre demanda de amor” (Quinet, 2002, p.118).

Portanto, a articulação se resume na seguinte: o sujeito se mira no espelho plano, e lá encontra uma imagem virtual — referência simbólica — através da qual passa a imaginar que é o espelho plano que forma essa imagem. Ao mesmo tempo, vê a imagem real produzida pelo espelho côncavo, que, por estar perto demais de si — é a referência dele mesmo em relação à realidade — não é vista por inteira. A referência simbólica estará sempre distante do sujeito, e, por isso, apreensível por inteira, e a referência imaginária, apesar de ser também uma exterioridade, é discrepante da imagem ideal, pois é próxima demais para ser distinguida do sujeito, trata-se da referência dele mesmo sobre seu próprio corpo.

No nível da constituição do sujeito, Vorcaro (2004) explica que uma criança ideal é constituída pelo olhar parental, pelo referencial narcísico que se organiza a partir de semelhanças e dessemelhanças que adquirem valor singular para cada grupo familiar. É através dessa referência que a criança consegue se ver, ela se supõe no lugar dos pais para enxergar seu próprio corpo como uma unidade: “Nessa dimensão imaginária, a criança se especulariza referida num ideal de criança — modalização do *infans* que sustenta sua constituição” (Vorcaro, 2004 p.57). O sujeito, inconstituído ainda, se apropria daquilo que imagina ser o modo de olhar dos pais para poder se ver.

O que Lacan (1953-1954/2009) pretende traduzir com essa referência dupla do narcisismo é que essa idealização parental, apesar de fundamental, não perdura por muito tempo. A criança, inevitavelmente percebe que não é totalmente compatível à idealização dos pais, ela não é aquilo que os pais veem, e, então, na impossibilidade de lidar com a ausência generalizada desta potência narcísica, passa a supor que esta está no lugar do outro.

Para o segundo narcisismo, Lacan (1953-1954/2009) diz que o outro é o padrão fundamental, pois é a partir da aparição destes outros, que se constitui um limite simbólico à relação de completude supostamente existente entre a criança e a imagem de seu corpo da maneira que seus pais uma vez apresentaram.

Entendemos que o Ideal do Eu é uma unidade simbólica que constitui para o sujeito um atrativo, pois comporta uma onipotência que ele mesmo perdeu, ainda que tente conservar parte dela em seu Eu Ideal. É por isso que Freud (1914/2010) nos diz que este Ideal do Eu teria a ver com a superestimação de um certo objeto, pois convoca o eu a obter tais atributos que algum outro idealizado possui e que ele mesmo, supostamente, perdeu.

Para a criança ainda em vias de assumir o próprio lugar na linguagem, há um outro em seu mundo que a apresenta à imagem especular de uma certa maneira. Essa identificação da criança à sua própria imagem nunca é absoluta, pois, ao olhar idealizado do outro, ela não é absolutamente compatível. Esse limite que se institui ao investimento especular, caracteriza a emergência de um Ideal do Eu, pois este atrativo passa a estar em outro lugar, no lugar do outro semelhante, ao mesmo tempo que apresenta o Eu Ideal como resto do investimento libidinal primordial dos pais, pois torna a suposta identificação com a imagem especular algo ilusoriamente perdido.

A emergência de um modo subordinado entre o Ideal do Eu e do Eu Ideal demonstra que o “Ideal do Eu que se institui com as coordenadas inconscientes do eu, ocupa o mesmo lugar topológico que o Eu Ideal devido à realidade moebiana do sujeito” (Quinet, 2002, p.132). Em outras palavras, são instâncias que coexistem sempre em referência uma à outra, pois o caráter simbólico do Ideal do Eu sustenta a referência imaginária do próprio corpo em que consiste o Eu Ideal.

\*\*\*

É possível concluir, até este momento, que toda a possibilidade de se apropriar imaginariamente do próprio corpo está condicionada a um olhar que disponibilize um ideal circunscrito pelo simbólico. Nesse contexto da obra de Lacan (1953-1954/2009), há “outrem”, alteridade transmissora do simbólico, e o outro que constitui uma referência imaginária.

Vimos, até então, que em *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003), Lacan enquanto desenvolve a sua primeira teoria do imaginário, apresenta que as funções visuais estão implicadas de modo privilegiado na apreensão das *imagos* parentais, logo, nos primórdios da constituição psíquica. A teoria do estágio do espelho que se formula primordialmente nesse contexto trata o encontro com a imagem especular como um fenômeno quase ontológico, pois os princípios que fazem a percepção visual dominar o encontro com a imagem especular não são abordados de maneira precisa, apenas se destaca seu valor jubilatório. De todo modo, entendemos que a noção de “complexos” já está se referindo ao que mais tarde se consagra como o registro simbólico e que este é o determinante do modo imaginário de se relacionar com o outro, e, portanto, está implicado no que Lacan (1938/2003, p.48) designa como “funções visuais”.

Já em "O estágio do espelho como formador da função do Eu [Je]", Lacan (1949/1998), revisa a teoria do estágio do espelho buscando apresentar a sua subordinação à ordem simbólica e destacando a emergência do Eu Ideal, ligado à teoria do narcisismo de Freud. Ainda na busca de uma sustentação da teoria do imaginário, Lacan apresenta algumas observações da etologia destacando a dependência do bebê humano de um adulto em relação a outros animais. A ênfase dada ao indispensável suporte ao bebê para que ele possa se identificar com sua imagem refletida no espelho demonstra a função simbólica como precedente ao estágio especular. Essa condição foi demonstrando que a constituição do eu não seria resultado de uma simples maturidade dos olhos, mas de uma experiência visual específica e mediada pelo outro.

Em "A tópica do imaginário", Lacan (1953-1954/2009), no início da sua exposição da sua leitura sobre a obra freudiana no *Seminário I*, não descarta a funcionalidade do olho na explicação da constituição do imaginário, inclusive utiliza o experimento óptico de Bouasse para abordar a formação do Eu Ideal. Lacan explica que a articulação envolvida no

experimento original de Bouasse, do vaso que vem a conter as flores a depender da posição do olho do observador, demonstra a articulação de “união” das partes que implica a constituição do eu. Nessa demonstração, deixa evidente que o olho pode ser tomado como o símbolo do sujeito no nível imaginário, não somente por se tratar de um campo onde as imagens se figuram, mas porque há uma articulação que o olho do sujeito deve desempenhar para encontrar com a sua imagem especular. Nesse contexto, a ilusão do vaso contido de flores é metaforicamente a unidade entre corpo e libido que forja o Eu Ideal a partir do olhar de um outro, antes mesmo de qualquer imagem ser vista pelo sujeito. Em síntese, Lacan destaca que há algo anterior ao sujeito que deve ser ajustado e disponibilizado para ele aceder à apreensão da realidade como objeto, uma condição lida por Laznik (2004/2013) como ligada ao desejo e à libido, originados no contexto parental, o que explica o caráter jubilatório dessa articulação.

Perseguindo as condições do próprio sujeito se encontrar com o Eu Ideal ainda no *Seminário I*, vimos que Lacan (1953-1954/2009) insere modificações — em especial um espelho plano — ao esquema óptico de Bouasse, que demonstram a duplicidade da constituição narcísica. Segundo Lacan, para que o sujeito possa se encontrar com a imagem de seu corpo unificado — metaforizado pelo vaso contido de flores — é preciso de um intermediador cuja representação no esquema óptico é o espelho plano. A presença desse novo elemento visa expressar a necessidade de orientação do olho do sujeito para apreender sua imagem especular, isto é, como foi apresentado, as condições do desejo que lançam o olho do sujeito em um lugar simbólico adequado para ver o corpo como uma imagem unificada. Posto isso, conclui-se que a visão do sujeito sobre seu Eu Ideal é dependente da reflexão do espelho plano que, por sua propriedade, também lança uma imagem completa em um espaço virtual, o Ideal do Eu. Em síntese, o Eu Ideal emerge como o remanescente do investimento libidinal original dos pais, fazendo com que a identificação com a imagem especular pareça ilusoriamente perdida. Já o Ideal do Eu constitui para o sujeito um ponto que representa a maneira como o outro deseja vê-lo, mas que não corresponde a maneira como ele já tinha podido se ver, isto é, como seu Eu Ideal.

Nesse contexto primordial da teoria do imaginário, percebemos que a indeterminação entre a imagem do sujeito e a imagem do outro, isto é, a visão sobre o próprio corpo — como semelhante — e a visão do outro desejante sobre o corpo do sujeito. O primeiro recurso aos esquemas ópticos baseia-se na lógica da geometria projetiva, em que pontos e linhas podem se

substituir — o funcionamento do olho como equivalente à realidade projetiva (Quinet, 2002). Ainda que sejam evidenciadas as precedências de pontos simbólicos de sustentação das implicações entre Eu Ideal e Ideal do Eu, não há explicações suficientes para responder à indeterminação entre a visão de si e a visão do outro sobre si.

Ainda que a teoria do imaginário tenha sido central no ensino lacaniano dos trabalhos abordados neste *Capítulo 1*, desde já, percebemos a inseparabilidade dos registros Imaginário — pela imagem especular que tem efeitos sobre o sujeito e o Simbólico — enfatizado pela posição que concede a posição ideal do olho do sujeito. No que se refere ao Real, pode-se situá-lo na experiência orgânica desorganizada do corpo, que torna difícil diferenciar com clareza a visão (o olho) do olhar.

Considerando que o esclarecimento das instâncias Real, Simbólica e Imaginária esclarece a distinção entre visão/o olho e o olhar, é relevante que continuemos perseguindo o estatuto da alteridade da linguagem, mais precisamente, a inserção da noção de grande Outro na teoria, a referência máxima do registro simbólico no pensamento lacaniano.

## CAPÍTULO 2 – O olhar do Outro, o traço unário e o registro Simbólico.

*“É, realmente, a mais simples das hipóteses, supor o Outro um espelho vivo, de tal modo que, quando olho para ele, é ele em mim quem se olha e quem se vê em meu lugar, no lugar que ocupo nele.”*

(Lacan, 1960-1961/2010, p.457)

Neste capítulo, exploraremos como a emergência do estruturalismo de Lévi-Strauss influenciou o debate sobre a especularidade, reintroduzindo-a pela dependência do olhar que realiza a inscrição do elemento primordial do significante e disponibiliza para o olho do sujeito a sua posição ideal. Veremos como essas formulações sobre o registro simbólico fazem convergir e divergir a função do olho e o olhar, nos atentando para a interação do simbólico com o real nesse percurso.

No que concerne mais especificamente à nossa discussão, constatamos que não é a precoce maturação perceptiva do olho que situa o sujeito ao nível da identificação especular. Tampouco é a partir disso, espontaneamente, que a instância imaginária é disponibilizada ao campo subjetivo. Ao final do *Seminário 1*, Lacan (1953/1954/2009, p.246) apresenta uma interlocução com o trabalho de Sartre que evidencia, ainda que de maneira introdutória, que o *olhar* do sujeito não se restringe ao âmbito perceptivo, não é o olho em sua condição orgânica, ainda que este último “olhe”.

Na lição "Relação de Objeto e Relação Intersubjetiva", Lacan (1953-1954/2009, p.246) observa que, embora Sartre se situe em um campo paralelo ao da psicanálise, sua análise do fenômeno que ele chama de "olhar" é convincente. Na obra *O Ser e o Nada* (1943), Sartre destaca que o objeto humano se diferencia dos outros por uma característica essencial: ele é um objeto que olha. Contudo, esse "olhar" para Sartre não se restringe à função dos olhos, pois este atinge o sujeito mesmo que os olhos de quem vê não estejam visíveis; basta a suposição de que há alguém observando para que o sujeito se sinta olhado. Como Lacan explica: "O olhar não é necessariamente o rosto do semelhante, mas também a janela atrás da qual supomos que ele nos espia. É um x, o objeto diante do qual o sujeito se torna objeto" (Lacan, 1953-1954/2009, p.251).

Para Sartre (1943), a reciprocidade é um aspecto central nessa articulação, pois há alteridade não apenas reconhece que o sujeito se sente observado por ela, mas também participa desse reconhecimento. Para Lacan (1953-1954/2009, p.246), esse tipo de

"reconhecimento" ou pactuação de que o sujeito está sendo visto é, na verdade, o "pivô da relação simbólica". Ao tensionar a ideia de intersubjetividade, na qual a relação entre o eu e o outro se reduz, sugere que, além do olhar que faz o sujeito perceber que o outro o vê, há um terceiro elemento que intervém, observando-o ser observado — a partir de um ponto externo à relação com o semelhante, que confirma essa espécie de reciprocidade escópica.

O destaque ao terceiro ponto para além da relação dual, de certo modo, constitui a base da virada estruturalista que Lacan radicaliza nos anos seguintes, onde o sujeito é fundamentalmente inserido dentro do princípio do significante, e o eu, em distinção ao sujeito, se define como o lugar onde o sujeito se vê. Anteriormente, as abordagens do esquema óptico enfatizavam o ajuste do olho em relação à imagem especular, permitindo que ele visse a imagem do próprio corpo. Ao se apoiar no pensamento de Sartre, Lacan (1953-54/2009, p.246) apresenta uma concepção do olhar como algo distinto da função do olho, afirmando que "O olhar de que se trata não se confunde absolutamente com o fato, por exemplo, de que eu vejo os seus olhos." Portanto, surge uma diferenciação que impede a correspondência direta entre o olhar e a visão, uma distinção que se constrói ao longo de sua argumentação.

A partir de 1949, Lacan passa não somente a fazer referência às contribuições de Claude Lévi-Strauss, mas também a integrar os princípios linguísticos estabelecidos por Ferdinand de Saussure, que contribuíram para a transição de uma representação existencial do sujeito, fundamentada na fenomenologia, para uma concepção estrutural da subjetividade (Roudinesco, 2011, p.32). Lacan (1948/1998, p.115), já no trabalho "Agressividade em psicanálise" — pouco anterior ao texto "O estádio do espelho como formador da função do Eu [je]" (1949/1998) — menciona as "sincronias da captação especular", referindo-se a uma rede de relações em vez de um evento específico na história individual, apontando para uma influência estruturalista na dinâmica da constituição do imaginário que já se apresentava com bastante vigor na teoria lacaniana (Simanke, 2002).

De acordo com Zafirooulos (2003/2018, p.109), Lacan precisou estabelecer uma distância propícia com a teoria freudiana para traduzir as contradições sintomáticas e estabelecer o sistema explicativo — que consiste na própria ordem simbólica — baseado nas afirmações principais do "pai morto ou o próprio pai" enquanto a "pedra angular da função simbólica como tal", mas isso só tomou o valor preciso com o auxílio do trabalho de

Lévi-Strauss, a partir de 1955. Segundo o mesmo autor (2003/2018), através da leitura de *Totem e Tabu* de Freud, Lacan passa a conceber a necessidade estrutural do pai morto a nível mítico para a conservação da lei simbólica; um parricídio inaugural que funda as regras sociais.

Na lição "A introdução ao Grande Outro" (1955-1956), no *Seminário 2*, a influência de Lévi-Strauss leva Lacan a substituir o paradigma da intersubjetividade pelo esquema L, que ilustrou a intermediação da fala do sujeito por um termo que se consagrou como grande Outro, introduzido pela questão da morte do pai a nível mítico. Buscando superar a tríade edipiana de Freud que se reduzia à identificação do sujeito com o outro no âmbito da escolha objetual, inclui um quarto termo, o Outro (Simanke, 2002).

Em "O mito individual do neurótico", Lacan (1953/2008, p.41 grifos nossos), um ano antes da apresentação do esquema L, introduz que esse tal elemento quaternário, isso que está para além do imaginário e o funda ao mesmo tempo, se relaciona com a noção de morte:

Assim, o sujeito tem sempre uma relação antecipada com sua própria realização, que o lança de volta ao plano de uma profunda insuficiência e revela nele uma rachadura, um dilaceramento original, uma derrelição, para retomar o termo heideggeriano. Por isso é que em todas as suas relações imaginárias o que se manifesta é uma experiência da *morte*. Experiência sem dúvida constitutiva de todas as manifestações da condição humana, mas que aparece muito especialmente na vivência do neurótico.

Este termo representa o que transcende a relação imaginária, servindo como ponto de partida para que a teoria lacaniana se alie ao estruturalismo antropológico e linguístico, onde a noção de significante envolve a concepção de um vazio de significação. Esse vazio, que a morte explicitamente revela, é o fundamento principal para explicar as implicações do sujeito e do significante a partir da primeira parte do *Seminário 2*. Aqui, Lacan não trata a estrutura como um "modelo" subjetivamente apreendido, mas como um "sistema" causal (Dunker, 2014), um encadeamento que é acionado através de um lugar vazio — o lugar do próprio sujeito: "Pela virtude do significante e sob a forma mais radical, é no significante, e uma vez que o sujeito articula uma cadeia significante, que ele sente de perto que pode faltar à cadeia do que ele é" (Lacan, 1959-1960/1997, p.354). De outra maneira, o significante em sua virtude radical de aproximar o sujeito de sua própria finitude e da falta irremediável que o constitui, revela e limita ao mesmo tempo, a sua aparição. Trata-se da morte da ilusão de completude do sujeito, o que o obriga a recorrer ao laço social. Essas proposições exigem uma

revisão do experimento óptico e, em particular, da especularidade no âmbito imaginário, questionando a concepção do caráter "visual" implicado na percepção.

Com a inclusão teórica do significante e os efeitos do grande Outro (A) na operação da fala e na constituição subjetiva, o esquema do estádio do espelho foi submetido a uma espécie de revisão que enriqueceu a concepção de estruturação do imaginário. No trabalho “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998), esta modificação comparece pela primeira vez. Mantendo a tendência de distinguir o Eu Ideal do Ideal do Eu, o esquema do estádio do espelho contendo o grande Outro revela os primeiros apelos que Lacan suscita para passar a tomar a subjetivação pelo viés topológico, suportando uma noção de espaço projetivo que desafia o estatuto dimensional dos objetos da realidade (Lafont, 1985/1990)

No ano seguinte da publicação sobre o relatório de Daniel Lagache, o esquema do estádio do espelho retorna no *Seminário 8: a Transferência* (1960-1961). Nesse contexto, destaca-se a operação de identificação do sujeito em relação ao traço unário (*Ein Einziger Zug*), tomado como uma marca ou uma insígnia que se articula como um ponto orientador das operações narcísicas. Essa proposição vai evidenciando os limites do esquema óptico, já que o articulador fundamental das experiências narcísicas (adiantamos que é o olhar) vai ser demonstrado à margem do contexto especular. É sob essas circunstâncias que se multiplicam as referências às condições da topologia das superfícies, ramo da matemática que apresenta objetos que permitem representar os “furos irredutíveis” (Soler, 2012, p.77), pois o esquema do estádio do espelho deixa de suportar a metaforização das noções de vazio e ausência simbólica que a noção de grande Outro implicou.

Antes de nos aprofundarmos nos pontos mencionados na introdução, vejamos como o olhar nos vê — e nós o vemos — mesmo quando os olhos estão fechados. Os sonhos como formações do inconsciente trazem não apenas a dimensão inconsciente do olhar para primeiro plano, mas tocam na questão da morte e da castração como constitutivas da subjetividade.

## 2.1 – O olhar nos sonhos: o que se vê de olhos fechados.

Antes de adentrarmos na discussão sobre o esquema L, é necessário revisitar as considerações de Lacan (1954-1955/2010) relacionadas ao olhar, especialmente desde o início das lições que inauguram a seção “Para além do Imaginário, o Simbólico ou do Pequeno ao Grande Outro.” Desde 1953, Lacan começou a enfatizar a questão simbólica em resposta às limitações de sua primeira teoria do imaginário. Na lição “Par ou Ímpar? Para além da intersubjetividade”, ele introduz uma proposição crucial que orienta toda a discussão subsequente sobre as implicações do imaginário e do simbólico: "Ora, está-nos parecendo, cada vez mais claramente, que o sujeito que fala está para além do *ego*" (Lacan, 1954-1955/2010, p.237).

Antes de estabelecer as distinções cruciais entre o Eu e o "sujeito," Lacan (1954-1955/2010, p.238) faz uma análise do sonho da Injeção de Irma, relacionando o impacto desse sonho sobre Freud com o efeito aterrorizante da imagem da cabeça de Medusa. Para Lacan, esse sonho desempenha uma função análoga àquela observada no sonho do Homem dos Lobos.

O sonho da Injeção de Irma, discutido por Freud no segundo capítulo de *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1987), é um relato onírico pessoal que fundamenta a hipótese freudiana de que os sonhos são materiais passíveis de interpretação. Lacan considera aterrorizante a imagem da "membrana diftérica" (p.215) na garganta de Irma, uma ex-paciente de Freud, destacando o elemento visual que evoca o terror.

Por outro lado, o sonho do Homem dos Lobos é analisado por Freud em *História de uma Neurose Infantil* (1918 [1914]/1988), onde o sonhador, deitado na cama à noite com a janela aberta, vê lobos brancos em uma árvore do lado de fora, olhando fixamente para ele. Embora ambos os sonhos compartilhem um caráter angustiante, Lacan diferencia o ponto catalisador da angústia nas duas experiências oníricas.

É relevante notar que a associação da experiência angustiante com a cabeça de Medusa foi inicialmente introduzida por Freud, em 1922, quando revisitou essa mitologia e associou a visão da cabeça decapitada de Medusa, que petrifica quem a contempla, à

experiência de castração. Ao equiparar a decapitação à castração, Freud (1922/1988) sugere que o terror da castração está intimamente relacionado à visão de uma cena traumática que provoca um impacto devastador no sujeito. A castração no nível visual é uma hipótese freudiana também presente no trabalho sobre o Complexo de Édipo, *A organização genital infantil: uma interpolação da teoria da sexualidade* (1923). Nesse texto Freud (1923/1988) explora a relação entre o complexo de castração e o complexo de Édipo, destacando a primazia do falo<sup>6</sup> na organização sexual infantil, onde ambos os sexos reconhecem apenas o órgão genital masculino. Segundo o psicanalista vienense, as crianças, durante a fase fálica, atribuem a presença do pênis a todos, incluindo a mãe, até que se depare, através da visão, com a diferença entre os sexos. Em um primeiro momento, essa diferença é negada, mas, posteriormente, essa visão da falta de pênis passa a constituir o temor de castração em si (no menino) e inveja de pênis (na menina). Assim, é a partir de um encontro visual que o falo imaginário torna-se um objeto faltante para ambos os sexos e passa a exercer uma função subjetiva.

Sem nos aprofundarmos na implicação do olhar ao falo nesse momento, resumimos que a experiência de castração no âmbito visual constitui uma cena de certo valor traumático. Zafiropoulos (2003/2018 p.141, grifos nossos) vai nessa direção ao dizer que, “uma *cena traumática* precoce que invade o registro imaginário do sujeito será, por exemplo, submetida ao recalque algum tempo depois, quando o sujeito, suficientemente introduzido no registro da linguagem, poder ler seu significado sexual”. Trata-se de uma leitura possível sobre o efeito angustiante do sonho de Irma, na medida em que Freud (1900/1987) associa sua experiência diante da imagem à sua vivência subjetiva conflituosa com as mulheres da sua família.

Freud (1918 [1914]/1988) chega a sugerir que o efeito angustiante sobre o Homem dos Lobos é também efeito da reincidência de uma cena traumática através de um sonho apavorante, mas, segundo Huot (1987/1991, p.225) essa interpretação é simplista, influenciada pelo desejo de Freud de defender a existência de uma cena primitiva como fundante das neuroses pois, na verdade, a angústia do Homem dos Lobos se concentra no fato de que, no sonho, ele próprio é que “constituiu um espetáculo para os lobos”. É o olhar dos lobos, então, que concentra esse fator aterrorizante.

---

<sup>6</sup> Lacan passa a apontar o falo a partir de julho de 1956 como o próprio significante do desejo, remetendo à partícula faltante do desejo, evocando primeiramente o “falo imaginário” antes de passar finalmente a ideia de “falo simbólico” (Roudinesco, 1997/1998, p. 221).

Lacan (1954-1955/2010, p.239) também se concentra em destacar a posição do sujeito diante do olhar dos lobos, mas introduzindo a maneira com que essa cena traumática se relaciona com essa produção onírica:

É no olhar destes lobos, tão angustiante no relato que dele fornece o sonhador, que Freud vê o equivalente do olhar fascinado da criança diante da cena que a marcou profundamente no imaginário e desviou toda a sua vida instintual. Há aí como que uma revelação única e decisiva, onde o sujeito, por um instante, está perdido, estilhaçado.

Parece, então, que no caso do Homem dos Lobos, a cena primária do “*coito a tergo dos pais*” (Quinet, 2002, p.168), compôs o valor traumático ao passo que se tornou desejável; “o desejo do sujeito é *ver a cena*, de ter acesso a visão do objeto sexual” (Huot, 1987/1991, p.226). Na impossibilidade de reconhecer esse estatuto de desejo, as posições se invertem no sonho, e, assim, o Homem dos Lobos passa a ocupar o lugar da cena do coito dos pais e é olhado pelo lobo assim como ele uma vez olhou a cena primordial. A relação entre o citado sonho e a tal cena primitiva está no comparecimento de uma visão “fascinante” que, como uma espécie de “cativação”, assim como a princípio teria sido a visão dele sobre a tal cena traumática (Lacan, 1954-1955/2010, p.239).

Haveria, então, uma mudança de posição: a cena primitiva sendo a que ele olha e, na posterior, no sonho, é ele quem é olhado. Ressaltamos que as faces traumática e fascinante sejam, de certo modo, correspondentes — falaremos disso mais à frente. Por ora, é destacado que o sonho do Homem dos Lobos, revela um real derradeiro em que o “sujeito se perde” (Lacan, 1954-1955/2010, p.239). De acordo com (Huot, 1987/1991) assim como no segundo tempo da fantasia “Bate-se numa criança” (1919) — o tempo da angústia — em que o sujeito não é o espectador e não tem acesso à imagem, o Homem dos Lobos se encontra diante de um outro que ele não consegue ver.

Em suma, se anuncia que algo do aterrador e fascinante no material onírico se relaciona a aparição de um olhar exterior que retira o sujeito do ponto fixo do eu, apresentando-o algo que o âmbito especular não é capaz de sintetizar: “o sujeito passa para além desta vidraça onde sempre vê, amalgamada, sua própria imagem” (Lacan, 1954-1955/2010, p.223). Por enquanto, contentamo-nos em afirmar que é o olhar dos lobos tem o efeito de “cessação de qualquer interposição entre o sujeito e o mundo” (Lacan, 1954-1955/2010, p.223), sinalizando que o ponto simbólico que garante a relação com a

realidade no modelo dos objetos pode se esvaír quando o sujeito se identifica com o lugar do objeto olhado.

Nesse contexto, percebemos que o olhar desempenha um papel fundamental ao articular a transição da díade imaginária, amplamente enfatizada pela teoria lacaniana até aí, para a formulação central do estruturalismo lacaniano a partir de 1955. A discussão sobre esse olhar do outro que tem como efeito a evanescência da visão do sujeito, é relegada a um outro momento, cedendo espaço a um termo que também é apresentado como aquilo que transcende o domínio do imaginário: o grande Outro. Para a presente pesquisa, é importante situar o viés comum entre o olhar e o Outro.

### 2.2 – A imagem especular e o Outro no esquema L.

Uma medida que vai expressar essa outra proposição para a concepção lacaniana da identificação especular é a utilização de um esquema que Zafirooulos (2003/2018) considera ter sido absorvido do trabalho *Antropologia Estrutural* de Lévi-Strauss (1952). De acordo com Simanke (2002), a abordagem de Lacan em relação ao estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss tem como consequência a modificação da tríade edipiana originalmente apresentada por Freud, através da inclusão de um novo termo sobre a constituição da subjetividade, evidenciado pelo esquema L, organizado em quatro termos:

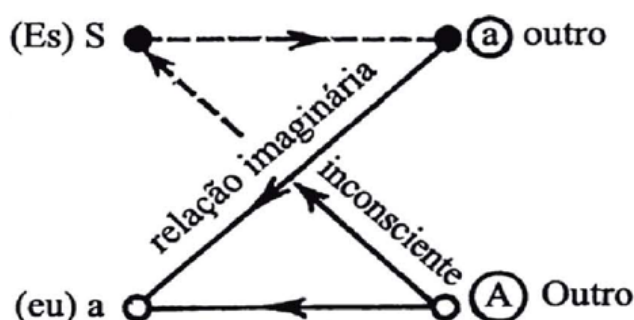


Figura 3. Esquema L (Lacan, 1954-1955/2010, p.330).

Segundo Simanke (2002), a tríade imaginária de Freud, relida por Lacan, se simplificava em uma relação dual, uma vez que o narcisismo estava implicado na

identificação entre o Eu e o outro em relação ao objeto, entre o eu e o objeto em relação ao outro, e assim por diante. A inclusão do simbólico como “quarto termo” é, conseqüentemente, uma condição fundamental para o processo que a psicanálise denomina de simbolização, tanto na esfera social quanto na análise individual (Simanke, 2002, p.331).

A ênfase, dada anteriormente ao aspecto positivo da relação especular para a constituição do sujeito, passa a ser dada ao aspecto da “carência vital absoluta que a relação imaginária vem preencher” (Simanke, 2002, p.490). O destaque é sobre uma espécie de defasagem que assume a propulsão do imaginário, uma defasagem que se expressa pela noção de morte, sendo que, é o lugar do significante que é introduzido primordialmente através da figura da morte (Simanke, 2002).

Enquanto em 1938, Lacan promovia o “pai como Outro absoluto que introduz a alteridade necessária para a solução do complexo de intrusão”, a partir de 1950, ele se apropria da ideia de que é o “declínio do pai e, de maneira geral, das circunstâncias familiares” que propulsiona a captura imaginária (Zafiroopoulos, 2003/2018, p.120 e 121). De outro modo, o significante enquanto o pai morto a nível mítico é o que concede o espaço para que o sujeito se identifique com o outro semelhante.

Se, assim como Dor (1985/1989 p.121) escreve, “os múltiplos ‘lugar-tenentes’ nos quais o sujeito se perde tendem a condensar-se numa representação imaginária que se tornará a única que o sujeito poderá doravante oferecer a si mesmo, a única através da qual lhe será dado apreender-se”, a maneira que o sujeito possui de se endereçar ao outro é transpondo seu Eu ao lugar do outro. No caso do Homem dos Lobos, isso fica bem exemplificado, na medida em que é o manejo clínico da figura totêmica<sup>7</sup> (o lobo), que fez “aparecer” e “desaparecer” o seu eu, a superfície e a imagem psíquica de seu corpo (Zafiroopoulos, 2003/2018, p.115), condicionando-o à relação com o outro.

De acordo com Dor (1985/1989), a analogia que o esquema L pretende estabelecer é sobre o modo como a instância do eu, imaginária por excelência, se relaciona com a linguagem e com a fala. Em tal esquema, a letra S, no canto superior esquerdo, equivale ao

---

<sup>7</sup> Segundo Zafiroopoulos (2003/2018), a função totêmica é uma designação para a função paterna e, no caso da sua degradação, clinicamente se revela nas formações sintomáticas que realizam uma espécie de suplência dessa função: fobia, delírios e etc.

sujeito analítico, aquele que fala. Esse sujeito, diz Lacan (1954-1955/2010, p.330), sempre visa o Outro (A), que expressa o caráter de totalidade do dizer. Entretanto, esse endereçamento está sempre obstruído pelo “muro da linguagem” (p.330), fazendo com que o sentido do dizer do sujeito se reduza à direção ao outro (a’), seu semelhante, cujos princípios que o constituem estão situados em (a), à diagonal, o lugar em que o sujeito *se vê*, seu Eu.

É expressivo que Lacan (1954-1955/2010, p.331) pretende, com a noção de Outro, introduzir através desse esquema, o valor de vazio e ao mesmo tempo mediador da estrutura simbólica: “A linguagem serve tanto para nos fundamentar no Outro como para nos impedir radicalmente de entendê-lo”. A distinção do sujeito e do Outro se expressa na questão do saber, em que o primeiro “não sabe o que diz” (p.330) e o segundo detém esse saber. Assim, encurralado pelo “muro da linguagem”, o sujeito está separado dos “sujeitos verdadeiros” (Outro) tendo que se “contentar com as sombras” (outros) (p.331).

Este sujeito não sabe o que diz porque ele não sabe o que é, ele pode apenas *se ver* de maneira imperfeita pois a *Urbild* especular é inacabada e ilusória (Lacan, 1954-1955/2010, p.331 e 332). De certo modo, é reiterado que o saber do sujeito sobre ele mesmo é somente arraigado na visão de seu próprio corpo, pois sobre seu próprio dizer ele nada sabe: “a fala é expulsa do discurso concreto que ordena a consciência” (Lacan, 1953/1998, p.282).

Lacan (1954-1955/2010, p.348) aborda de forma enfática a ambiguidade inerente ao funcionamento da linguagem, afirmando que ela “não é um código; ela é essencialmente ambígua”. Essa característica pode ser compreendida a partir da definição de significante que Lacan propõe, subvertendo o esquema de Saussure<sup>8</sup>. O fato de os “significantes possuírem sempre diversas significações, muitas vezes extremamente disjuntas” (p.348), está relacionado à ausência de um vínculo fixo entre palavra e significado. Pelo contrário, é precisamente devido à natureza da palavra como código que sua significação se torna evasiva, lançada à dependência de sua relação com outros significantes para ser transmitida.

O paradoxo apresentado é que o sujeito, na medida em que é refém do jogo imaginário, é impedido de se endereçar a esse Outro diretamente, pois seu termo é composto de uma ausência fundamental: o sujeito quando fala não pode transmitir absolutamente o que

---

<sup>8</sup> Saussure (1916/2006) afirma que a relação entre o significante e o significado é uma convenção dentro de uma comunidade linguística entre a forma sonora (significante) e o conceito (significado), formando o signo linguístico, uma unidade inseparável.

quer dizer, nunca recebe do outro uma confirmação de que sua fala esgota sua intenção. Ademais, a implicação do termo Outro em relação ao eu no esquema remonta à dependência do modo pelo qual o sujeito se vê com o simbólico.

O sujeito pode visar uma transmissão completa do que diz, mas só pode falar com seus semelhantes, seus *eus* imaginários que também são aqueles com quem se identifica, visto que a apreensão da realidade através do recorte do objeto é inaugurada através da imagem do corpo, o Eu Ideal. Assim, o outro (a`) e o eu (a) se situam em uma relação de superposição. Há uma barreira entre o sujeito e o Outro, designada “relação imaginária” que faz a fala ricochetear no Outro e voltar ao próprio sujeito como uma “mensagem invertida”. A fórmula é: “a linguagem humana constitui uma comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida” (Lacan, 1953/1998, p.299).

Assim, revela-se um acesso do sujeito ao Outro, intermediado pelos elementos imaginários (a) e (a`), que, no entanto, só se realiza de modo invertido, como as setas do esquema L que saem do lugar do Outro (A) e vão em direção ao sujeito (S) e ao eu (a). Na medida em que o sujeito tenta alcançar o Outro, é o Outro que o alcança, assim como é deste lugar que ele se inaugura, o sujeito se funda na linguagem — ideia que pavimenta o estruturalismo lacaniano. Em *Função e campo da fala e da linguagem* (1953/1998, p.286) a função simbólica apresenta-se como um “duplo movimento no sujeito: o homem faz de sua ação um objeto, mas para a ela devolver em tempo hábil o seu fundador”.

Cabe ressaltar que essa ideia de “mensagem invertida” começa a se fazer presente no trabalho *Discurso de Roma*, proferido em 26 de setembro de 1953, para introduzir o relatório *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. Nesse contexto, Lacan apresenta uma designação fundamental, ele torna a subjetividade uma “*forma*” pela qual a linguagem se expressa, de maneira distinta do que se compreende como comunicação, pois a fala analítica já considera que há uma impossibilidade da fala atender completamente ao propósito da transmissão. Segundo Zafiropoulos (2003/2018, p.169), é nesse contexto que Lacan renova sua concepção de subjetividade ao modificar o estatuto da *forma* do sujeito como a imagem que se funda a partir do estádio do espelho para uma “forma sob a qual a linguagem se expressa”.

O estatuto da forma e a questão estruturalista são oficialmente os pontos-chaves da reintegração da teoria freudiana na proposta de Lacan. Anteriormente a isso, a forma da imagem se caracterizava como um modelo para o eu, que dava ao esquema do estádio do espelho a sua consistência. Segundo Triska e D'agord (2013, grifos nossos), a ideia de “modelo” estruturalista, quando compreendida como uma “representação aproximada do real” (*apud*, Coelho, 1967), presume a prevalência do material observável, questão que Lévi-Strauss propunha superar ao conferir à estrutura uma abstração e não uma matéria:

As relações sociais são a matéria-prima empregada para a construção de modelos que tornam manifesta a própria estrutura social, que jamais pode, portanto, ser reduzida ao conjunto das relações sociais observáveis em cada sociedade (Lévi-Strauss, 1952/2008, p.301).

A inserção dos princípios do estruturalismo de Lévi-Strauss, lança o paradigma da constituição do eu em outro plano com o acréscimo do quarto termo no esquema L, o grande Outro concernente ao simbólico. No esquema L de Lacan, o sujeito (S) apresenta-se em relação com o Outro (A) através do eixo simbólico, mas essa relação é mediada pela identificação imaginária com o eu (a) — o lugar onde ele se vê — e com o outro (a') — o semelhante, sugerindo a submissão da visão do próprio corpo ao Outro.

Dessa forma, o olhar, quando se manifesta externamente, como no sonho do Homem dos Lobos, opera como uma "mensagem invertida", onde o que é do sujeito se projeta no lugar do outro, quando tenta acessar o lugar do Outro. Assim, ao dirigir seu olhar para o objeto, o sujeito simultaneamente se percebe sendo olhado, dialética em que ver e ser visto se correspondem. Segundo Assoun (1995/1998, p.11), “uma vez ‘visível’, o jogo está feito, o sujeito será virtualmente olhado [...] é aí que podemos abordar a relação entre o que se passa pelo olho e o que se passa pela boca, estando o homem reduzido ao duplo meio do desejo do Outro”. Essa inversão, pertinente à inversão da fala, revela a complexidade do olhar como operação que insere o sujeito na cena observada, revelando a permanência de certo exibicionismo em toda a relação escópica. Falaremos mais disso à frente.

Vejamos quais consequências dessa nova proposição sobre o estádio do espelho encaminham as questões da visão e do olhar que se articulam na lógica do Outro. Para isso, recorreremos à próxima inflexão do esquema óptico do estádio do espelho que passa a contemplar a noção de Outro.

2.3 – *O Outro no esquema óptico em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960).*

Em "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade" (1960/1998), Lacan apresenta uma nova configuração do esquema do estádio do espelho, que acompanha a noção de Outro desenvolvida a partir de 1953.

Daniel Lagache foi uma figura crucial no desenvolvimento da psicologia nas universidades francesas. Combinando suas contribuições para a filosofia e a psiquiatria, ele se inseriu no contexto psicanalítico contemporâneo a Lacan na década de 1930, inclusive com uma tese de doutoramento intitulada "As alucinações e a palavra", influenciada pela fenomenologia (Augras, 1978). Em 1953, Lagache liderou o movimento separatista da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), do qual Lacan fez parte, e fundou a Sociedade Francesa de Psicanálise, atualmente conhecida como Associação Psicanalítica de França (Augras, 1978).

Desde os primeiros trabalhos de Lacan, Daniel Lagache foi uma presença ativa e uma referência teórica importante para a psicanálise em geral. O trabalho de Lagache de 1958, intitulado "Psicanálise e Estrutura da Personalidade", é um exemplo significativo de sua influência. Embora não possamos nos aprofundar extensivamente em sua produção, consideramos que esse texto, mencionado por Lacan em 1960, se concentra na discussão sobre a noção de estrutura na psicanálise, explorando as principais proposições de Freud sobre as instâncias narcísicas.

De acordo com Lacan (1960/1998, p.653), o relatório de Lagache, "Psicanálise e Estrutura da Personalidade", apesar de ter como palavra-chave "estrutura", não representa a verdadeira abordagem estrutural que ele buscava estabelecer através das proposições de Lévi-Strauss. No trabalho de Lagache (cf. Lacan, 1960/1998, p.654), é admitido que um dos principais traços da antropologia estruturalista é a organização por meio da categoria de conjuntos, cujos dados não se isolam nem se somam, mas sim “conjuntos cujas próprias partes estão estruturadas”. Lacan refuta essa noção de "partes", que se refere a uma

compreensão da estrutura como uma “forma” que remete a um tipo “geométrico” de compreensão, assim como a ideia de “modelo” que discutimos no subitem anterior. Sobre isso, Lacan (1960/1998, p.655) afirma:

Portanto, quando Daniel Lagache considera a escolha que nos é apresentada entre uma estrutura aparente (que implicaria uma crítica do que a descrição característica naturalmente comporta) e uma estrutura que ele pode declarar distante da experiência (como é o caso do "modelo teórico" reconhecido na metapsicologia analítica), essa antinomia ignora um modo de estrutura que, por ser terceiro, não deve ser excluído, ou seja, os efeitos que a combinação pura e simples do significante determina na realidade em que se produz.

A ideia de que o sujeito do inconsciente poderia ser compreendido através do estruturalismo de Lévi-Strauss baseia-se na imaterialidade implicada pela falta-à-ser do sujeito, causada pelo significante. A teoria dos complexos, que inicialmente modelava o simbólico pela ordem familiar e sua influência na constituição do eu, é superada pela abordagem do estruturalismo simbólico, que determina a ordem inconsciente em termos não apreensíveis da realidade.

Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998b, p.655), Lacan faz uma referência fundamental: “Ora, a estrutura não é a forma [...], e a questão é justamente abrir o pensamento para uma topologia, exigida pela simples estrutura.” A concepção de uma topologia estrutural visa conferir à superfície topológica o mesmo caráter de abstração da estrutura, conforme compreendida pelo modelo teórico do estruturalismo (Triska e D’agord, 2013).

Esse redirecionamento no pensamento lacaniano fundamentou a afirmação categórica dos anos seguintes: a estrutura é definida pela articulação significante como tal (Lacan, 1960/1998, p.655), onde a relação entre significantes substitui a hipótese da primazia da forma da imagem especular sobre o curso da subjetividade. A estrutura referente à subjetividade proposta pela psicanálise passa a ser comparada a "aquilo que uma turbina, isto é, uma máquina montada segundo uma cadeia de equações, introduz numa cascata natural para a realização da energia" (p.655), remetendo ao "sentido moderno do termo estrutura, não tão próximo da ideia de forma, mas à noção de sistema, tal como aparece na linguística de Saussure e na antropologia de Lévi-Strauss" (Dunker, 2014, p.80).

Na produção contemporânea ao trabalho de Daniel Lagache, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo” (1960/1998), Lacan apresenta uma definição do significante que destaca o seu funcionamento sistemático:

Quanto a nós, partiremos do que a sigla S( $\bar{A}$ ) articula, por ser antes de tudo um significante. Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é o que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada.

Lacan (1960/1998, p.659) reitera a crítica à concepção estruturalista de Lagache através da observação da criança. Lagache baseia sua análise na ideia clichê de que a criança, antes de se constituir para si mesma, existe para um outro que concentra expectativas, projetos e atributos. Lacan (1960/1998, p.659) leva essa questão às suas últimas consequências ao afirmar que o estatuto da alteridade que determina o inconsciente da criança é o significante, e, portanto, não opera como um ponto de correspondência entre o dizer do outro e a criança, mas como a marca de uma insuficiência: “sua relação inteiramente futura com o círculo de semelhantes que a espera e que a destina ao lugar que ela ocupa nos projetos deles não é suficiente”.

De acordo com a estrutura que Lacan (1960/1998) propõe, na qual o sujeito se monta, não há simetria em relação à linguagem. A única relação de correspondência possível é situada no nível do imaginário, onde o sujeito acredita ilusoriamente corresponder à imagem que o outro apresenta no espelho. No nível do sujeito, ou seja, no nível do simbólico, essa atribuição é sempre evasiva e inconsistente, pois está no campo do “desejo dos pais” (Lacan, 1960/1998, p.660). Vorcaro (2004) elucida essa consideração ao indicar que o sujeito inconstituído se enlaça no campo do Outro através de um encontro faltoso, pois o primeiro grito da criança nada significa sem um outro que o interprete como demanda a partir de seu lugar desejante. E este Outro, encarnado pelo agente parental, pode apenas supor que o grito da criança é um apelo por algum objeto, mas, por este objeto estar remetido ao significante, essa atribuição do Outro não pode apaziguar totalmente o grito da criança: “O objeto de satisfação, portanto, só se esboça no simbólico ao emergir enquanto falta radical” (Vorcaro, 2004, p.79).

Lacan (1960/1998, p.661) vai nessa direção ao demarcar que a ideia de Lagache não enfatiza suficientemente o caráter simbólico que desencadeia a inscrição da criança no "ser

para o outro". Além disso, a hipótese de que a criança "fala de si tal como os outros falam dela" (Cf. Lacan, 1960/1998, p.661) não corresponde à verdadeira compreensão que devemos ter ao abordar a constituição subjetiva, pois sugere que esta se daria no âmbito da aprendizagem. Para Lacan (1960/1998, p.661), o que inaugura a criança como sujeito é fundamentalmente o discurso do Outro, e isso está longe de se reduzir à compreensão sobre palavras que foram proferidas sobre ela. O sujeito eterniza a causa de si mesmo como uma equívoca, pois é efeito do desejo do Outro, impossível de apreender completamente:

Para nós, o sujeito tem que surgir do dado dos significantes que o abarcam num Outro que é o lugar transcendental destes, através do que ele se constitui numa existência em que é possível o vetor manifestamente constitutivo do campo freudiano da experiência: ou seja, aquilo que se chama desejo. (Lacan, 1960/1998, p.666)

O Outro simbólico, tudo demonstra, é preexistente ao sujeito, é o “dado inicial da estrutura que captura o ser vivo que fala” (Miller, 1984/1988, p. 24). Se esse Outro comporta ambiguidade, falha de significado, a subjetivação é “formatada em significante do desejo do Outro, significante ao qual não equivalerá” (Vorcaro, 2004, p. 95).

Compreendendo o psiquismo como um sistema estrutural onde cada elemento — o significante — tem seu valor e significado definidos pela sua posição relativa aos outros, a “estrutura como um sucedânea do conceito de causa” (Dunker, 2014, p.80). Na estrutura simbólica, o sujeito assume a posição de falta-à-ser em relação ao desejo do Outro, que contém uma ambiguidade fundamental (Lacan, 1954-1955/2010, p.283). É precisamente essa dimensão de falha na estrutura que conecta a criança à estrutura significante, a partir da qual a dimensão do desejo se inscreve e impulsiona o surgimento do sujeito, como em um jogo de xadrez (Lacan, 1960/1998, p.662), onde os “espaços vazios permitem a movimentação das peças”.

A discussão acerca da simetria e assimetria do sujeito em relação ao desejo do Outro envolve a problemática da distinção entre o eu e o sujeito, que atravessa toda a elaboração de Lacan (1960/1998, p. 675), tanto pelo que as proposições da vertente psicanalítica americana expressavam<sup>9</sup> quanto pelas dificuldades implicadas no encontro com a definição conceitual que toca o teor do desconhecido: “No princípio das verdadeiras resistências com que se lida

---

<sup>9</sup> Segundo a *Ego Psychology* o eu é instância que tende a adquirir a autonomia para controlar as pulsões (Roudinesco, 1997/1998).

nos dédalos do que floresce de teórico sobre o Eu na psicanálise, existe a simples recusa a admitir que o Eu seja [...] uma função de desconhecimento”.

É diante dessa complexidade que Lacan reativa o esquema do estádio do espelho. Sob a perspectiva do desejo como falta estrutural, são retomadas as proposições do Eu Ideal e do Ideal do Eu. Aqui, a imagem do Eu Ideal aparece à condição de sustentar o valor simbólico do desejo a partir do Ideal do Eu

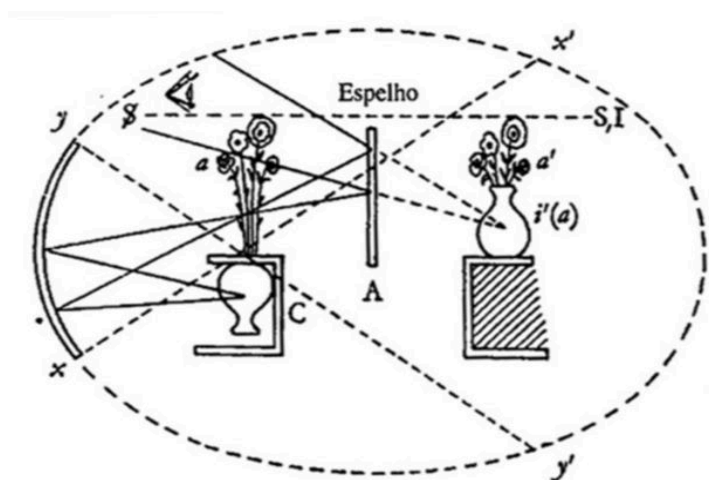


Figura 4. Esquema de Bouasse com espelho plano indicado por “A” (Lacan, 1960/1998, p.681).

O primeiro esquema apresentado neste trabalho é a clássica inflexão de Lacan, com algumas modificações demonstrativas para explicar o tipo de reflexo produzido pelo espelho côncavo. Mas as conclusões principais são ainda as mesmas: para que a ilusão do vaso contido de flores se apresente, é preciso que o olho esteja situado em certo lugar, no “interior do cone” luminoso, sendo essa articulação análoga à estruturação subjetiva como tal, representando a relação com o outro (Lacan, 1960/1998, p.681).

Desta vez, este esquema está orientado pelas letras que compareceram no esquema L. Onde há flores fora do vaso, do lado anterior ao espelho plano, há a insígnia (a), a mesma que se refere ao (eu) no esquema L, em que a imagem refletida no espelho plano através do espelho esférico é i(a), a imagem real metaforizando o Eu-Ideal. A imagem i'(a) aparece novamente como referência à imagem virtual, o Ideal do Eu. As principais orientações novas nesse esquema são o espelho plano indicado por (A), letra referente ao Outro e o (\$) (S)

referindo-se ao sujeito barrado, grafado com uma barra acima da letra S para remeter o sujeito àquilo que escapa da sua própria apreensão.

Segundo Lacan (1960/1998, p.682), o funcionamento desse esquema permite enunciar a formação do eu sob os princípios da estrutura, baseando-se numa “prematuração perceptiva inscrita numa discordância do desenvolvimento neurológico”. O elemento "inscrito" nessa percepção reafirma a primazia dessa percepção, independentemente da disposição orgânica. O Outro percebe em um momento logicamente anterior ao sujeito: “As insígnias do Outro, a senha do desejo do Outro é a anterioridade da borda do espelho que assegura ao sujeito uma posição imaginária, de onde constitui o Ideal do Eu e permite-lhe referenciar-se para obter a miragem do Eu Ideal” (Vorcaro, 2004, p.98)

Sobre este Eu Ideal, Lacan (1960/1998) reitera que é uma imagem subjetivada a partir do espelho esférico e enfatiza o aspecto inacessível do corpo que a caixa sob o vaso procura metaforizar, revelando a impossibilidade de o sujeito acessar uma dimensão de realidade desse corpo. Desta vez, Lacan (1960/1998), dizendo que a assunção do Eu Ideal é ao formato de uma relação de objeto, assume que o norte dessa configuração deve ser (a), as flores, ou aquilo que permite o sujeito perceber a sua imagem  $i(a)$ , mas que só pode ser apreendido como (a') na imagem virtual, Ideal do Eu, através do espelho (A).

O estatuto de (a) no esquema vem figurar os princípios do que se desenvolve a partir daí sobre o objeto  $a$ . São as flores (a), que apresentam o regime do objeto  $a$ , como objeto causa de desejo, que só podem se apresentar no lugar do Ideal do Eu (a'), a partir do Outro (A). Sem nos aprofundar sobre o objeto  $a$  neste momento, tomamos apenas a explicação de que este expoente  $a$  tem uma ligação diversa e indeterminada com o corpo, pois ele não é apreensível pela imagem especular, ainda que o sujeito se mantenha postulando sobre a totalidade ideal desse objeto.

Determinando a fala como a “mola superior” da subjetivação, o “Outro”, “A” maiusculo, corresponde, no esquema, ao espaço real em que se superpõem as imagens virtuais por trás do espelho. Esse espelho, como esclarecido, é um espelho sem aço e, então, “transparente a seu olhar” que ajusta sua distância em relação ao sujeito através de um “I” qualquer (Lacan, 1960/1998, p.684/685).

O Outro está implicado sempre na relação com o outro, ainda que no imaginário se prefigure uma díade entre o eu e o outro. O Outro é sempre latente na triangulação que determina a distância entre o eu e o outro, ele é o ponto à que se dirige a criança — diante do espelho — que “apela com o *olhar* para o testemunho que decanta” (Lacan, 1960/1998 p.685, grifos nossos), para confirmar que é ela mesma que reflete, e não o outro, no lugar oposto. O olhar do sujeito sobre sua imagem, portanto, emerge como um meio pelo qual o sujeito procura uma validação, um recurso demandante de uma confirmação a um lugar externo ao próprio reflexo para sustentar o seu valor narcísico.

Ainda que esse Outro esteja encarnado por alguém, Lacan expõe que não se deve confundi-lo com um personagem que é possível apreender, ainda que ele seja justamente a reserva de significantes onde o sujeito forja seu lugar. É com algo além que o sujeito se encontra, que só se apreende na medida em que não existe mais, à exemplo de um “verbo imperfeito”, que descontextualizado, não permite saber se o acontecimento se sucedeu ou não (Lacan, 1960/1998, p.685). Se a propriedade do Outro se confunde inteiramente com a presença de um cuidador, como sugerem alguns pós-freudianos, não se pode compreender o que se passa no hospitalismo<sup>10</sup>, onde os cuidados estão presentes, mas o que carece subjetivamente tem relação com o caráter anônimo destes cuidados nas instituições (Lacan, 1960/1998, p.686).

O bebê, ainda não constituído como sujeito da fala, se encontra com o Outro que só produz o seu efeito de provocação de sujeito a partir de uma evanescência, uma ausência contornável pela singularidade do discurso parental. É nesse sentido que a apreensão do Outro se dá pela ausência, a partir de uma satisfação que “foi embora” e deixou seu rastro. Essas marcas se constituem como insígnias que realizam a presença do que se pode vislumbrar como Ideal do Eu, aquilo que corresponde ao desejo do Outro em um lugar distante do sujeito, em um espaço virtual e simbólico. A manobra que o Outro realiza, isto é, de apresentar uma marca que só se apreende pela ausência, é o que revela para o sujeito o ponto de sua identificação primordial à imagem especular.

Na medida em que não há maneira comum de manter um recém-nascido vivo, vide a pluralidade de recursos que cada cultura dispõe, tudo o que comparece como mediador da

---

<sup>10</sup> Hospitalismo infantil é um nome proposto por Spitz (1979/2004) para os sintomas apresentados pelas crianças pequenas institucionalizadas e separadas das mães.

manutenção da vida é concernido pela singularidade da tendência do desejo dos pais e comparece para o sujeito como tal. Lacan (1960/1998, p.686) nos diz que o que se inscreve na realidade do sujeito em constituição e o Outro é equivalente a traços, marcas onde se inscreve a “onipotência da resposta”. Onipotência da resposta no sentido de que haveria, supostamente, para o sujeito, a possibilidade do cuidador corresponder exatamente àquilo que seu corpo necessita.

No âmbito da constituição do eu, o sujeito situa miticamente que houve, em sua trajetória psíquica, um momento em que o Outro confirmou que a imagem especular era, de fato, sua, demarcando o ponto de correspondência plena em que repousa, de modo ilusório, seu Eu Ideal. No entanto, esse Outro não é uma imagem, mas só pode ser lembrado como tal, uma vez que a *Coisa* — remetida ao primeiro objeto de satisfação — é escópica, e as suspeitas sobre sua percepção são predominantemente visuais (Quinet, 2002). Esse Outro é relembrado pela impregnação do Ideal do Eu, a instância simbólica que situa para o sujeito as exigências que o Outro impõe para desejar seu corpo.

No modelo óptico até então discutido, se demonstra que o sujeito, desde o nível de sua constituição, deve se lançar no lugar do “I” em que o Ideal do Eu se figura, para, através do espelho plano, o Outro, ele poder *se ver* como Eu Ideal. A discordância entre essas duas instâncias psíquicas determina um transativismo em que o estatuto da ilusão conferida à primeira, por situar-se ao nível imaginário, busca recobrir a segunda, que está no nível simbólico. Em outras palavras, o sujeito busca transpor a sua imagem ao lugar do Ideal do Eu, eternizando uma báscula entre o que ele vê de si e como se vê olhado pelo outro. O referencial da marca “I” que oferece a ancoragem que, ao mesmo tempo em que realiza a fixação do sujeito nas referências narcísicas, provoca a movimentação especulativa perpétua sobre si e sobre o outro.

### 2.3.1 – A travessia analítica e o giro do espelho plano.

A favor da explicação dessa articulação entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, Lacan (1960/1998, p.686) expõe o que ocorre na experiência analítica. Se uma análise se sustenta na medida em que o sujeito se apropria de seu discurso inconsciente, seu percurso se transpõe para o modelo do estádio do espelho como uma “translação” de  $\$$  para os significantes atrás do espelho (p.686). Isso demonstra como a relação imaginária com o Outro e a captura do Eu Ideal são articulações que condicionam o sujeito a se supor no lugar onde está o Ideal do Eu.

À exemplo da “travessia” analítica, Lacan (1960/1998, p.687) sugere outra modificação sobre o esquema óptico. Com a rotação de  $90^\circ$  do espelho plano, o sujeito barrado, que corresponde à posição do olho, assume a mesma distância, mas no lugar do Ideal do Eu, no espaço virtual. Nesse percurso, a ilusão do vaso com flores é enfraquecida, provocando um efeito de despersonalização, que se manifesta como um sinal de travessia em análise (Lacan, 1960/1998, p.687). Em análise, o Outro realiza uma movimentação — revela sua inconsistência — que faz com que o sujeito perceba diretamente a ilusão do vaso invertido (Ideal do Eu), aproximando-se das marcas simbólicas que o constituem através da ausência, enquanto vê a imagem real (Eu Ideal) se opondo a si mesmo. O eu, como imagem unificada de si, se apresenta em outro lugar, causando esse efeito de despersonalização.

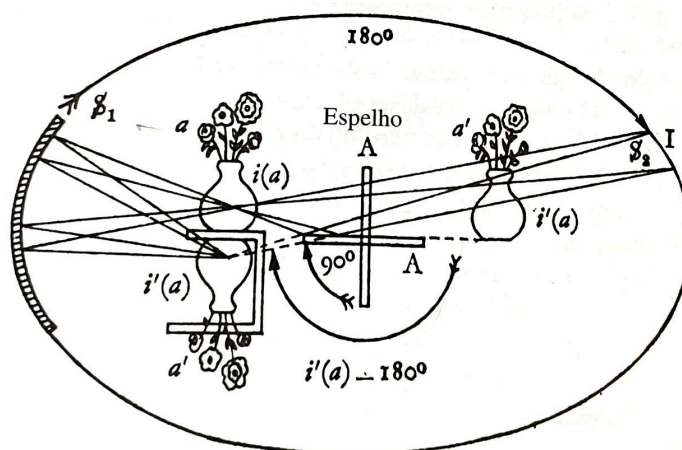


Fig 5. Esquema óptico com rotação do espelho plano (Lacan, 1960/1998, p.687)

Essa mudança de posição do olho (que já falamos ser o símbolo do sujeito) no esquema óptico em decorrência do processo analítico, em direção ao lugar do Outro (espaço virtual onde se situa o Ideal do Eu), revela que o movimento de apropriação das marcas inconscientes na análise desmantela os ícones de identificação imaginários do sujeito e o aproxima, a nível da insígnia, das determinações simbólicas do Outro. Ou seja, o que causa e determina o sujeito em sua singularidade não é a identificação com a imagem do pequeno outro, como em um modelo, mas a introjeção do Outro em um momento anterior à captura especular. Se a direção da análise é provocar esse tipo de destituição subjetiva, a função projetiva do Eu deve ser vista como um recurso do sujeito que pode ser suspenso em partes. Discutiremos mais adiante como a experiência visual do sujeito com a arte pode ter o mesmo efeito.

Com a inclusão do Outro no esquema do estádio do espelho, o olhar é posicionado como aquilo que parte do sujeito em busca da confirmação do valor narcísico de sua imagem especular. Esse olhar do sujeito, que procura fora do reflexo no espelho a confirmação sobre sua imagem, torna-se o recurso que ancora a posição do olho do sujeito necessária para obter a confirmação de que o que ele vê é a imagem de seu corpo. No entanto, essa confirmação não é plenamente apreensível. Conclui-se que, uma vez que a imagem especular do sujeito correspondeu ao Outro a ponto de fixá-la como referencial do sujeito, não é possível apreender a totalidade do Outro. Essa impossibilidade não se inscreve inteiramente como tal, pois o sujeito continua acreditando que essa confirmação existe em algum lugar e, em um segundo momento, tenta posicionar seu próprio olho nessa suposta posição, direcionando-o ao Ideal do Eu, um lugar exterior a ele e sobre o qual ele tem notícias através dos rastros simbólicos deixados pela perda do Eu Ideal.

Posto isso, buscaremos evidenciar as propriedades da busca que o olhar realiza pela confirmação da relação do sujeito com sua própria imagem.

#### 2.4 – O olhar do Outro e o traço unário (*Ein Einziger Zug*).

A inscrição de um traço como princípio da cadeia significativa é a articulação destacada no trabalho que discutiremos a seguir: o *Seminário 8*, “A Transferência”, mais precisamente a lição “A Identificação por *Ein Einziger Zug*”, de 1961. As especificidades dessa inscrição, evidenciadas por uma nova apresentação do esquema do buquê invertido, apontam para as qualidades do olhar que nos interessam.

A princípio são ressaltados pontos fundamentais já esclarecidos nas outras apresentações do esquema do estádio do espelho: o sujeito só percebe sua imagem pela reflexão do espelho plano, grande Outro (A), que ao mesmo tempo em que reflete a imagem do vaso com flores também a precipita à frente, como uma imagem virtual, aquela que o sujeito percebe inteira. Assim, essa imagem real, já colocada como aquela a que se configura o Eu Ideal, fornece ao sujeito apenas o conhecimento de que ela está ali, mas ele não consegue percebê-la em seu lugar. Ele a percebe através da imagem virtual, do outro lado do espelho, como aquilo que ele supõe que o Outro olha, o Ideal do Eu.

O ponto destacado por Lacan (1960-1961/2010) é a impossibilidade de perceber diretamente a ilusão do vaso com flores, que, como já discutido, depende da presença do espelho plano (A). No entanto, um acréscimo é feito sobre as condições assumidas pelo olho do sujeito no contexto dessa articulação:

Se supusermos, com efeito, o olho do observador ligado por *condições topológicas*, espaciais, a ser incluído no campo espacial em torno do ponto onde a produção dessa ilusão é possível, ele perceberá essa ilusão estando, ao mesmo tempo, num ponto que lhe torna impossível percebê-la diretamente (Lacan, 1960-1961/2010, p.422, grifos nossos).

De acordo com Quinet (2002), a primeira exposição da teoria do imaginário teve como viés a geometria espacial, na qual os determinantes da projeção faziam corresponder “termo a termo, um elemento da vista a um elemento do mundo visível”. No contexto da *Transferência*, o que interessa a Lacan (1960-1961/2010, p.424) é conceber a projeção da imagem do sujeito “de maneira espacial ou quase espacial, seja como uma superfície ou um volume dando forma a algo que, organizada à semelhança de outra coisa, dá suporte ao que concebemos como identificação”. Nesse sentido, Lacan vai progressivamente incorporando a

topologia, um ramo da matemática que estuda o “espaço e suas propriedades” de maneira distinta da geometria tradicional (Lafont, 1986/1990, p.8).

Lacan (1960-1961/2010) nos deixa o desafio de investigar as proposições topológicas que sustentam sua compreensão. No entanto, podemos adiantar que essa abordagem se relaciona ao fato de que a fixação do olho do sujeito em uma imagem, por mais coerente que seja na formação do Eu Ideal, não é suficiente para explicar o valor atrativo que o Ideal do Eu adquire. Lacan mesmo dá essa pista ao afirmar que, na identificação com a imagem especular, há um objeto com uma dimensionalidade específica que permite sua aparição no campo virtual. Ele sugere que a imagem gerada pelo espelho esférico, tomada como Eu Ideal e modelo dos objetos, “não é plena”, mas apresenta “um certo volume” (Lacan, 1960-1961/2010, p.422). Nesse contexto, no que tange a relação do Eu Ideal com o Ideal do Eu, ou, em termos da passagem da libido de  $i(a)$  para  $i(a')$ , é a questão da identificação que se encontra com o viés topológico:

Nesse estado de imprecisão e indistinção das noções topológicas, somos, de certo modo, compelidos a representar esse campo de forma espacial, ou quase espacial, digamos. Embora não seja explicitamente indicado, isso é sugerido pela maneira como nos é descrito. Podemos concebê-lo como uma superfície ou um volume, ambos os casos configurando uma forma de algo que, por estar organizado à imagem de outra coisa, se apresenta como suporte e fundamento para a ideia de identificação. (Lacan, 1960-1961/2010, p. 424).

Em nossas palavras, Lacan sugere a inclusão de uma regra topológica que sustenta o ponto de interseção entre o Eu Ideal e ao Ideal do Eu, não mais como uma simples repetição da imagem do eu, mas como uma translação que se mobiliza através da função de sustentação das flores ( $a$ ) no campo narcísico. Lafont (1985/1990, p.12) escreve que, no campo topológico, trata-se de descrever o próprio espaço levando em conta a “invariância de certo objeto”. Tendo essa invariância resguardada, o Ideal do Eu pode exercer o “papel de mola” que condiciona a transposição do Eu Ideal no lugar dos objetos, assim como na produção do fenômeno da transferência (Lacan, 1960-1961/2010, p.423).

Ainda sem adentrarmos na questão do objeto  $a$ , focaremos no que Lacan (1960-1961/2010, p.423) afirma sobre o Ideal do Eu ser um “campo organizado de uma certa maneira no interior do sujeito”, associado à função de  $a$ , que determina a relação de projeção da imagem do sujeito sobre o Outro, ou, mais precisamente, a própria articulação fundamental da transferência, que é o tema deste Seminário. Lacan (1960-1961/2010, p.423) observa que

“a noção de interior é uma função topológica capital no pensamento analítico, já que mesmo a introjeção se refere a ela”. Em suma, é concebido que parte do Ideal do Eu é internalizado e, para compreender a estabilidade dessa internalização, devemos considerar a movimentação que faz a função simbólica passar de “fora para dentro” (Zafirooulos, 2003/2018, p.116).

Toda a problemática sobre as marcas do grande Outro que são introjetadas no sujeito em formação, apresentada nas “Considerações sobre o relatório de Daniel Lagache”, é reintegrada em 1961 à luz da noção de *Ein Einziger Zug*, resgatada do trabalho freudiano sobre o caso Dora (1905/2016). Neste caso, uma tosse persistente do pai foi tomada de empréstimo para suportar certo conflito psíquico, não como uma imitação característica da identificação histérica, mas como a reincidência de um traço único (*Einziger Zug*), um tipo de marca identificatória primordial.

Lacan (1960-1961/2010) se preocupa em evidenciar os princípios de uma identificação simbólica que se efetiva no contexto da relação especular, particularmente o ponto que sustenta a interposição entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, anteriormente tratado como “I”. Segundo Neves e Vorcaro (2011, p.280), o sujeito, para sair da “pura relação projetiva” e circular na “via simbólica”, deve realizar um deslocamento em relação às atribuições do Outro, produzindo um modo próprio de registrar o que aconteceu, como uma concatenação de “traços”.

O modo como esse ponto simbólico primordial se inscreve, já anteriormente anunciado, pode ser observado no gesto da criança ao direcionar seu olhar para um lugar externo ao espelho.

O gesto da cabeça da criança que, mesmo depois de ter sido cativada pelos primeiros esboços do jogo que faz diante de sua própria imagem, volta-se para o adulto que a carrega, sem que se possa dizer sem dúvida o que espera disso, se é da ordem de um acordo ou de um testemunho, mas a referência ao Outro vem desempenhar aí uma função essencial (Lacan, 1961/2010 p.431).

Lacan (1960-1961/2010, p.432) acrescenta que o que se espera do Outro é seu olhar: “o eu só se apresenta e se sustenta, como problemático, a partir do olhar do grande Outro.” Dessa forma, o psicanalista avança na hipótese de que é através do encontro de olhares que o sujeito pode consolidar seu valor narcísico.

Mas o que esse olhar do Outro comporta para realizar essa função? Lacan nos responde que ele veicula “o signo, a imagem de  $a$ , imagem especular, desejável e destruidora, desejável de fato ou não por esse adulto” (Lacan, 1960-1961/2010, p.431). Em outras palavras, esse encontro de olhares, ao proporcionar o encontro com a imagem especular, indica ao sujeito que seu corpo é alvo das suposições do Outro — ou, mais precisamente, é objeto de desejo do Outro. O matema  $i(a)$ , nesse sentido, contém dois elementos: a imagem do corpo do sujeito ( $i$ ) e a imagem do objeto de desejo do Outro ( $a$ ), formando a imagem desejada  $i(a)$ .

Esse olhar é, sobretudo, uma insígnia de desejo e promove a saída da criança da “condição de indiferenciação”, permitindo ao sujeito situar-se em sua posição singular em relação ao Outro (Neves e Vorcaro, 2011, p.280). Contudo, esse olhar desejante que ancora o sujeito em relação à imagem especular também permite que o sujeito não se restrinja a ela, pois a correspondência do sujeito ao desejo do Outro é percebida de forma retroativa, como uma experiência prazerosa que se perdeu (Vorcaro, 2004). Se o olhar constitui uma referência de desejo, é um desejo marcado pela ausência do objeto, pois o sujeito nunca se apropria totalmente da posição de objeto de desejo do Outro.

Assim, o Eu Ideal é eternizado como uma consistência idealizada — contida de  $a$  — que se perdeu, sob a forma de uma imagem suficientemente fixa que “sobrevive ao vivo” (Lacan, 1960-1961/2010, p.429). Em outras palavras, o sujeito se “petrifica” ilusoriamente como o objeto complementar do desejo do Outro, através do Eu Ideal (Quinet, 2002). Assim como a visão da decapitação da cabeça de Medusa petrifica quem a olha, o sujeito, diante da experiência de castração, também se estatiza inconscientemente como objeto imaginário da complementação materna.

Assoun (1995/1999, p.111) permite afirmar que o olhar pode conter a propriedade de estatização de uma imagem, na verdadeira “cena originária” e escópica evidenciada pelo esquema do estádio do espelho. Como sugere Lacan (1960-1961/2010), essa fixação pode ser comparada à produção de estátuas para os mortos, ou seja, à intenção de eternizar um objeto perdido, reproduzindo-se (geralmente em material resistente) sua imagem. No entanto, para acessar o desejo — uma operação não garantida, como demonstram os casos de autismo e psicose infantis — o sujeito deve sair da relação de cristalização em relação ao olhar do Outro e realizar a transposição entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, ele deve abandonar sua posição de

falo imaginário do Outro e lançando o componente libidinal do eu para o campo exterior, para adentrar o campo do desejo, onde o falo é falta simbólica e implacável.

Na articulação original em que a criança reivindica algo do Outro, o que é desejado é o Eu Ideal da criança, o ponto que fixa o sujeito na suposição de conter aquilo que falta ao Outro. Isso, portanto, não quer dizer que esses dois aspectos — o modo como se vê (Eu Ideal) e o modo como o Outro vê (Ideal do Eu) — ocupem o mesmo lugar: “O fato de que este olhar seja interiorizado, por sua vez, não quer dizer que ele se confunda com o lugar e o suporte de que já estão constituídos como Eu Ideal” (Lacan, 1960-1961/2010, p.432).

O olhar do Outro serve para que o sujeito se fixe na imagem especular, mas a fulguração essencial desse olhar faz o sujeito supor que ele está em outro lugar. Essa ambiguidade eterniza para o sujeito o questionamento sobre o que é sua própria imagem e o que é a imagem do Outro à qual o Outro também se dirige: “entre os dois irmãos gêmeos inimigos do eu e da imagem do pequeno outro especular, pode fazer a todo instante bascular a preferência” (Lacan, 1960-1961/2010, p.434). O sujeito, em sua trajetória psíquica emergente, deve conceber que o olhar do Outro não é de sua exclusividade; ele se destina a outro lugar. Como especificar o que o olhar do Outro introjeta no sujeito e, ao mesmo tempo, se mantém exterior?

De acordo com Vorcaro (2004, p.77), nos primórdios da constituição subjetiva, a incidência de uma falta real do objeto de satisfação plena localiza um “sistema de pontos singulares” que registra a impossibilidade de correspondência entre tensão e apaziguamento, traçando o caminho a partir do qual os “efeitos estruturais se desdobrarão”. Esse “sistema de pontos singulares” pode ser interpretado como aquilo que o olhar transmite, situando o encontro faltoso do sujeito com seu objeto ideal de satisfação, assinalando uma presença através de uma ausência. Como afirma Lacan (1960-1961/2010, p.434):

Esse olhar do Outro, devemos concebê-lo como interiorizado como um signo. Isso basta. *Ein einziger Zug*. Não há necessidade de todo um campo de organização e de uma introjeção maciça. Este ponto, grande I, do traço único, este signo de assentimento do Outro, da escolha de amor sobre a qual o sujeito pode operar, está ali em algum lugar no jogo do espelho. Basta que o sujeito vá coincidir ali em sua relação com o Outro para que este pequeno signo, *einzigiger Zug*, esteja à sua disposição. Pode-se distinguir radicalmente o ideal do eu do Eu Ideal. O primeiro é uma introjeção simbólica, ao passo que o segundo é fonte de uma projeção imaginária. A satisfação narcísica que se desenvolve na relação com o Eu Ideal depende da possibilidade de referência a este termo simbólico primordial que pode ser monoformal, monosseântico, *ein einziger Zug*.

O signo apresentado por Lacan no Seminário 8 faz referência ao conceito de signo linguístico de Saussure, mas, no *Seminário 9* (1961-1962/2003, p.62), é redefinido como um traço unário, uma espécie de “entalhe” realizado pelo Outro. Quando o sujeito busca se localizar em relação à linguagem que o circunscreve, ele apenas nota que algo passou por ali e, por não saber exatamente o que foi, é levado a fazer uma suposição.

A explicação de Pinto e Teixeira (2015) esclarece essa inscrição primordial ao destacar que o recém-nascido, inicialmente, vivencia os ciclos de dia e noite sem reconhecê-los como antíteses. O dia não é visto como o oposto da noite até que o bebê perceba alguma alternância pela negatividade — se há um, é porque há ausência do outro. Assim, como no registro do traço, o que se percebe é a pegada deixada, mas apenas porque o animal não está mais presente, ou seja, para aceder à compreensão desse ciclo como uma alternância é necessário supor a ausência de um desses termos. Tomado esse ponto de presença que pressupõe a ausência, o dia e a noite — e todos os primeiros registros que realizam os bebês — passam a funcionar como “códigos significantes” (Pinto e Teixeira, 2015, p.5).

No nível da constituição do sujeito, o traço marca a ausência da complementaridade do desejo. Esse traço inscrito pelo olhar serve como um recurso para que o sujeito se veja, mas, ao mesmo tempo, contém uma inconsistência que sugere — na direção da suposição de um objeto adequado ao desejo do Outro, sustentada pela emergência do Ideal do Eu — que o objeto contemplado pelo olhar do Outro está em outro lugar. Assim, o olhar inscreve o traço unário, proporcionando ao sujeito um lugar narcísico e, simultaneamente, realizando a separação do sujeito em relação a ele (Neves e Vorcaro, 2011).

Em síntese, o sujeito, apoiado nos códigos significantes, ao se deparar com a ausência do olhar do Outro, recobre os sentidos buscando um olhar de assentimento que lhe conferiu o estatuto de falo imaginário — Eu Ideal — objeto de complementação materna nos primórdios de sua vivência psíquica. Esse encontro de olhares constitui a prova mítica de que sua imagem estava impregnada de *a*, insígnia do desejo, mas uma imagem que teve de ser abandonada posteriormente, pois esse olhar sobre si não retorna da mesma forma. Ao perceber que não possui esse olhar à sua disposição, o sujeito continua imaginando que ele está situado no campo do Outro.

Podemos afirmar que o sujeito, ao possuir o olhar de si internalizado enquanto um traço, uma partícula de ausência, mantém a busca do preenchimento desse traço no campo do Outro, lugar que forja em si mesmo para suportar a estrangeiridade. Assim, há uma dualidade no olhar, pois ao mesmo tempo em que ele oferece uma fixação do sujeito à imagem especular, dá os primeiros passos no campo do desejo através desse empuxo pelo gozo perdido. Em resumo, o sujeito se orienta no mundo visível demandando o retorno do olhar do Outro como uma vez o conheceu, supostamente.

O que é introjetado, pelo olhar, portanto, é uma “primeira chancela [*seing*], *signum*, de sua relação com o Outro” (Lacan, 1958-1959/2016, p.22), que, por vir de fora, do Outro, torna perpétua a postulação de um olhar no lugar da exterioridade. Em suma, o traço unário dá condições a um tipo de reconhecimento que não é totalizante, pois o sujeito não se sente contemplado pelo olhar do Outro absolutamente. A distância entre a imagem ideal que o Outro projeta na criança (grande I do Ideal do eu) e o que ela vê no espelho (Eu Ideal) jamais pode ser preenchida, e “o sujeito terá que se haver com essa hiância permanentemente” (Lucero, 2015, p.145).

\*\*\*

Expusemos, nesse *Capítulo 2*, que a referência explícita ao estruturalismo de Lévi-Strauss a partir de 1955 produziu consequências sobre o esquema do estádio do espelho, incluindo um quarto termo, o Outro, o referencial da linguagem. Dadas as breves considerações sobre o trabalho de Sartre, não encontramos condições que esclareçam suficientemente a hipótese do olhar como um “x” para Lacan, mas podemos admitir que aí já se prefigura sua distinção em relação à visão da experiência especular, na medida em que “x” parece apontar para sua irrepresentabilidade e não para a situação do vidente. Junto das referências às cenas oníricas do Homem dos Lobos e da Injeção de Irma, admitimos que tanto a experiência de ver como de ser visto podem remeter à experiência visual da cena primordial da castração. Mas, também, como a experiência onírica reflete uma espécie de visão com os olhos fechados. Não obstante, fica evidente que a experiência de ser olhado está em jogo na experiência de olhar (mesmo de olhos fechados) quando na produção onírica particular do Homem dos Lobos, ele vê um olhar e isso produz o efeito subjetivo de redução do sujeito à condição de objeto, e, no mesmo golpe, o faz perder o ponto simbólico que sustenta sua visão.

Vimos também, que, assim como o Outro da linguagem, que fornece ao mesmo tempo, a palavra e a ausência de seu sentido, a visão vela e desvela a realidade. Conforme Assoun (1995/1999, p.97), ao olhar, também se oprime o visível, na medida em que é quando tudo está lá, sendo visto que é possível entrever a subtração de alguma coisa, isto é, indicar aquilo que está ausente. Consideramos que, até então, a proximidade entre o "olhar" e o "Outro" no pensamento de Lacan reside na função de ambos oferecerem ao sujeito um modo pelo qual pode apreender o mundo e, no golpe seguinte, apontarem para uma ausência de significação ou apreensão absoluta. Também é importante ressaltar que, o esquema L revelou o funcionamento em “mensagem invertida”, sugerindo que todo endereçamento do sujeito ao Outro pode aparecer partindo do lugar do Outro. Essa indeterminação entre quem é o falante e o ouvinte também remete à experiência evidenciada pelo caso do Homem dos Lobos, em que ele como sujeito vidente da cena primordial, reaparece no sonho, mas no lugar da cena. Nesses termos, ver e ser visto são logicamente correspondentes.

O destaque ao simbólico está presente desde a menção ao suporte “suficientemente fixo” precedente à identificação especular em “O estádio do espelho como formador da função do Eu [je]” em 1949, mas, a partir da lição “Introdução ao grande Outro”, a referência àquilo que ajusta o sujeito em relação à imagem especular é suplantada pela ideia de Outro. Em “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998) o que o espelho passa a representar como função de Outro é uma perspectiva, um ponto simbólico pelo qual o sujeito pode se distanciar suficientemente entre a sua imagem e a imagem do semelhante. Como exemplo disso, Lacan (1960/1998) nos diz que o espelho — o lugar do imaginário — adquire sua posição adequada através do olhar que a criança realiza ao buscar, em um espaço para além da sua imagem refletida, alguém que afirme seu lugar no campo perceptivo. A partir disso, o sujeito tende a alojar seu olho na mesma posição que o olhar do Outro sobre si, mas não consegue ter a certeza dessa correspondência, pois o olhar do Outro não é tão passível de ser apreendido pela visão, ele está fora do espelho. A necessidade que se revela aí se relaciona à questão das identificações primordiais, pois há algo do Outro, mesmo que evasivo, que dá ao sujeito a possibilidade da sua identificação à imagem especular.

Então, mais à frente, no *Seminário 8*, isso que vem do Outro com o poder de provocação da identificação é esclarecido como o olhar do Outro. Conforme a noção de Outro se desenvolve, passa a se admitir que o que primeiramente faz a função do espelho é o olhar

do Outro pelo qual o sujeito se reconhece mas não se identifica em absoluto, constituindo-se apenas como um recurso à sua disposição. Vimos que a saída do sujeito da condição de indistinção em relação ao outro depende do recurso ao primeiro traço, uma marca do desejo do Outro que se coloca anteriormente à identificação imaginária do estágio do espelho. No mais, concebemos que o sujeito, para poder se ver, procura se adequar ao olhar do Outro por duas vias: tenta se fazer objeto do olhar do Outro para, assim, notar em que posição este olhar está, e alojar seu próprio olhar no lugar do Outro.

A teoria do imaginário que era posta como o paradigma do ensino de Lacan perde certo espaço para a exposição dos princípios do significante e o olhar passa a se apresentar como um ponto fugaz que o sujeito busca recuperar: “O olhar é, então, apelo ao Outro: todo olhar é assim, implorante... de que, senão de um olhar em retorno do Outro? (Assoun, 1995/1999, p.101). Com efeito, as condições que distinguem o olhar da visão são mais explícitas, na medida em que o primeiro tem caráter de marca de ausência e o segundo se refere a uma espécie de perspectiva dada pelo primeiro. É importante destacar que, conforme essa distinção se estabelece, torna-se ainda mais evidente a interdependência entre o Imaginário e o Simbólico, já que o olho do sujeito só pode ver a si como Eu através do recurso simbólico do Outro.

Com essas proposições, assumimos que a função do olhar, como condição essencial do desejo, pode se constituir mesmo sem o suporte da visão. Contudo, cabe ressaltar que desalinhamentos visuais durante o período inicial de desenvolvimento podem impactar significativamente a constituição do eu. Nos recém-nascidos, é comum observar um estrabismo transitório, que, à medida que as coordenadas simbólicas do desejo parental se inscrevem, tende a se corrigir, com os olhos progressivamente se alinhando e focando em pontos específicos. A persistência desse estrabismo, entretanto, pode ser indicativa de uma dificuldade na inscrição do bebê no lugar reservado para ele pelo inconsciente materno, comprometendo assim a mediação da especularidade e a constituição do eu (Anjos, Sampaio, Camarotti, Falbo e Queiroz, 2022).

Enfim, colocadas as implicações do olho na apreensão da imagem especular e inauguração do imaginário, do olhar do Outro como precedente simbólico da identificação especular, convém prosseguir a investigação nos orientando pelo olhar irrepresentável, Real, considerando as pistas deixadas pela interlocução com o trabalho de Sartre (o olhar como um

x) e na abordagem do o olhar derradeiro e fascinante dos lobos no sonho do Homem dos Lobos.

### CAPÍTULO 3 – O olhar objeto *a*, a pulsão e o registro Real.

*“Quando, no amor, peço um olhar, o que há de fundamentalmente insatisfatório e sempre falhado, é que — Jamais me olha lá de onde eu te vejo.”*

(Lacan, 1964/2008, p.104).

Nos trabalhos precedentes abordados, vimos como Lacan se dedicou a demonstrar o registro imaginário, primeiramente destacando o estádio do espelho como o momento de constituição de uma forma para o eu e em seguida, como ele explorou esquemas ópticos para demonstrar a função simbólica que fornece a perspectiva pela qual o sujeito se vê. Nesse percurso, vimos que o psicanalista se obrigou a tocar no estatuto da causa de desejo, uma vez que a explicação do campo do narcisismo requisitou a análise da apetência da imagem especular e sua influência sobre os objetos da realidade. Desde Freud, uma questão foi levantada: como se sai do narcisismo para se conectar aos objetos? (Soler, 2012). Para nós, esse questionamento se torna: por qual via o sujeito pode sair da posição passiva de ser olhado pelo Outro para poder olhar de maneira desejante? ou melhor, como se instaura a pulsão escópica?

A partir de 1960, Lacan realiza apresentações sobre o esquema óptico que reivindicam uma compreensão topológica do sujeito, escancarando a necessidade de lidar com o estatuto de *a*, componente libidinal da imagem do eu, que apresenta uma complexidade não transposta precisamente pelo esquema do estádio do espelho. É somente no *Seminário 10* que Lacan (1962-1963/2005) aborda a função do objeto *a* realizando uma “retórica da castração” (Assoun, 1995/1999, p.90). Nesse caminho, parte-se da noção de angústia — a princípio a angústia de castração introduzida por Freud — para se dedicar inteiramente ao objeto *a*, o único conceito que admite ter acrescentado à teoria freudiana: “esse objeto *a*, em certo sentido, eu o inventei” (Lacan, 1968-1969/2008).

No *Seminário 8*, o olhar do Outro assume o protagonismo da discussão sobre a identificação primordial e, mais tarde, no *Seminário 9*, se relaciona efetivamente ao traço-unário. Isso demonstra um segundo tempo da relação narcísica, em que o inconsciente se inaugura ao poder ser nomeado a partir da leitura de um ponto anterior que marca uma ausência, ou melhor, uma diferença em relação aos demais pontos. Segundo Neves e Vorcaro (2011), com a ideia de recobrimento dos sentidos a partir do traço-unário, Lacan propõe uma

diferenciação entre o campo narcísico, cujo paradigma é a relação com objetos localizáveis na mãe e suas adjacências, e o campo pulsional, onde o objeto *a* é central. No capítulo passado, apontamos que o olhar como instituinte do traço unário articula a perda de *a* da imagem narcísica. Neste capítulo, evidenciaremos melhor essa experiência de perda.

Até então, tratamos enfaticamente da questão da imagem especular, através da perspectiva simbólica do olho, embora algo do olhar inapreensível e real já estivesse implicado. A partir de 1962, a discussão se centra no objeto *a* em seu valor de causa, a partir de um lugar exterior à ordem imaginária e, uma vez que o olhar é revelador de uma escansão, ele entra no regime do objeto *a* cujo domínio é real. A noção estruturalista continua a ser um recurso utilizado por Lacan, mas, a noção de falta, desta vez, enfatizada através da topologia das superfícies, que, como já anunciamos, são figuras que representam aquilo que se dá em torno de um furo (Soler, 2012). Nesta direção, Lacan (1962-1963/2005, p.109) escolhe a figura topológica do *cross-cap* para tratar a falta no campo especular: "Eu lhes disse que, se os deixei por tanto tempo no *cross-cap*, foi para lhes dar a possibilidade de conceber intuitivamente a distinção entre o objeto *a* e o objeto construído a partir da relação especular, o objeto comum."

A partir do *Seminário 10*, na direção de circunscrever a estrutura da angústia para alcançar o estatuto do objeto *a*, Lacan (1962-1963/2005, p.85) passa a acentuar os limites do espelho:

Ora, um espelho não se estende até o infinito, tem limites. [...] Esse espelho permite ao sujeito ver um ponto situado no espaço que não lhe é diretamente perceptível. Mas não vejo forçosamente a mim mesmo, ou a meu olho no espelho, ainda que este me ajude a discernir algo que de outro modo eu não veria.

Tal delimitação delimita e distingue a experiência especular primordial da experiência do desejo, introduzindo um rigor sobre aquilo que sobrevém na interação entre imaginário e simbólico: o real (Vorcaro, 2004). O olhar é absorvido por essa categoria na medida em que sua função apoia-se em um órgão que jamais se impõe sem uma orientação simbólica.

Segundo Miller (2005, p.13), na primeira parte do *Seminário 10*, Lacan explora e desafia as teorizações sobre o estádio do espelho. No decorrer da sua elaboração, o estádio do espelho perde o foco e, ao final, ele introduz novos termos que contrastam significativamente com suas primeiras formulações. Trata-se da retomada das primeiras elaborações sobre o

narcisismo, através do estatuto da angústia, rumo aos primeiros passos na elaboração do objeto *a*. Nesse percurso, nos ateremos àquilo que concerne ao nosso tema, destacando dois pontos principais: a experiência do estranho desde Freud e a inclusão do olhar ao grupo de objetos *a*.

Em seguida, discutiremos os segmentos do *Seminário II: os quatro conceitos fundamentais em psicanálise* (1964) em que o campo pulsional escópico, em função do olhar como objeto *a*, tem sua maior definição a partir de uma distinção explícita da visão: “A esquizo entre olhar e visão nos permitirá, vocês verão, ajuntar a pulsão escópica à lista das pulsões” (Lacan, 1964/2008, p.81). Elegemos esse seminário para concluir nossa discussão, uma vez que a distinção entre o olhar e a visão é a questão que nos acompanha desde o primeiro capítulo em função da distinção entre RSI.

Cabe ressaltar que, no momento em que Lacan conclui o *Seminário* dedicado à *Angústia*, ele anuncia que dedicará o ano de 1964 ao tema dos Nomes-do-Pai e é expulso da IPA (Zafiropoulos 2003/2018). A partir de 1964, Jacques Lacan optou por não mais centrar seus ensinamentos diretamente nos textos de Freud, aproveitando a segunda cisão do movimento psicanalítico francês e o deslocamento de sua prática para a Escola Normal Superior, a convite de Louis Althusser. Nesse período, foram seus próprios termos que passaram a ditar o ritmo de seu ensino: a noção de sujeito barrado, o objeto chamado de "a" em minúsculo, e o "A" maiúsculo, referindo-se ao Grande Outro (Miller, 1984/1988, p.16). Portanto, trata-se de um momento valoroso epistemologicamente.

Segundo Quinet (2002, p.143), Lacan, a partir de 1964, distinguiu mais evidentemente o sujeito geométrico da visão cartesiana do espaço — orientação dos primórdios da teoria do estádio do espelho — daquilo que é representado como uma mancha no quadro, identificando-a como o olhar: “A esquizo entre a visão e o olhar reordena os fenômenos visuais e instaura uma nova articulação entre o imaginário e o real”, cujo paradigma é o campo pulsional.

A leitura da pulsão escópica em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) enfatiza a sua distinção entre as pulsões oral e anal porque não se filia à demanda. Enquanto as pulsões oral e anal estão ligadas às demandas da alimentação e da excreção, a pulsão escópica não se liga estritamente a nenhuma demanda objetual específica. Em vez disso,

aparece em qualquer momento e em qualquer lugar, simplesmente acontece. Tudo demonstra que é a indeterminação do olhar no registro da pulsão que faz com que ele possa deflagrar o real com mais frequência do que outros objetos:

De todos os objetos nos quais o sujeito pode reconhecer a dependência em que está no registro do desejo, o olhar se especifica como inapreensível. É por isso que ele é, mais que qualquer outro objeto, desconhecido, e é talvez por essa razão também que o sujeito consegue simbolizar com tanta felicidade seu próprio traço evanescente e punctiforme” (Lacan, 1964/2008, p.83).

Assoun (1995/1999, p.93) reitera que o olhar é um “mistério” porque “ver” e “olhar” não são a mesma coisa, o “olhante” não se reduz ao sujeito da visão e o “olhado” não é somente o objeto do olhar. Conforme Lacan (1964/2008, p.102) “a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de logro. O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver”. Essa impossibilidade de que o olho do sujeito ocupe a mesma posição do olhar do Outro leva-o a assumir a função de um objeto faltante: “É por isso que o olho pode funcionar como objeto *a*, quer dizer, no nível da falta (- $\phi$ )” (p.102).

Através das obras de Merleau-Ponty, Lacan no *Seminário 11* enfim esclarece a passagem do olhar sobre as coisas como uma experiência de desejo que carrega essa indeterminação sobre quem verdadeiramente olha. Assoun (1995/1999) afirma que é justamente no momento em que se exerce essa suposta autonomia do olhar — quando repousa sobre as coisas — que se produz esse “efeito de retorno” do objeto *a*, que transcende a perspectiva do Eu. A experiência do visível, nesse sentido, se apresenta como mediada pela função do objeto *a*, cujos desdobramentos, veremos, se relacionam àquilo que chamamos de fascinação.

Enfim, ao afirmar que o olho pode mimetizar o lugar de objeto causa de desejo justamente por decupar a indeterminação do olhar, Lacan está se servindo da implicação pulsional do olhar para repensar o estatuto da percepção visual que se apresenta desde o texto dos *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003). Veremos como a partir disso se define mais evidentemente o olhar como objeto *a* no percurso pulsional.

### 3.1 – O olhar no *Unheimlich*.

A lição “Do cosmo à *Unheimlich*” do *Seminário 10* é orientada pelos limites da imagem especular na concepção da relação imaginária: “O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária. É fundamental por ter um limite. Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto” (Lacan, 1962-1963/2005, p.48 e 49). Posto o investimento na imagem especular como primeiro tempo da constituição imaginária, o psicanalista lança mão de uma nova inflexão do esquema do óptico para apresentar um segundo tempo do estágio do espelho como efeito do limite especular:

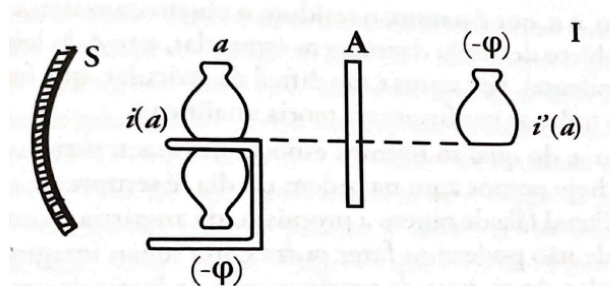


Fig 6. Esquema óptico simplificado em “A Angústia” (Lacan, 1962-1963/2005, p.49).

Como apresentamos, a estrutura especular permite a experiência de ilusão do domínio da imagem narcísica, concedendo a possibilidade de revestir o organismo disjunto remetido à ausência de anteparo simbólico com uma imagem unificada, idealizada, que intercambia a relação com o desejo do Outro. Entretanto, a assunção da imagem especular pela criança só toma o formato de Eu Ideal em um momento logicamente posterior, quando a criança demanda ao Outro encarnado uma espécie de assentimento que não comparece na imagem. É esse segundo momento que faz entrar em jogo os limites da relação especular, pois, ainda que o sujeito se assegure de sua posição imaginária (Eu Ideal), através da miragem de uma exterioridade (Ideal do Eu) ele concebe que é algo para além do espelho (o olhar do Outro) que concede a ele a possibilidade de se ver mas de uma maneira incerta, pois não retorna de maneira suficientemente apreensível.

Ainda que o sujeito busque pelo olhar do Outro, não encontra a disponibilidade da correspondência deste Outro, então se apresenta uma hiância. O sujeito percebe que não pode se adequar ao desejo do Outro pois este desejo, fulgurado pelo olhar, não se prova: “o

testemunho materno só aparece à margem e pode faltar” (Vorcaro, 2004, p.98). A criança, na entrada de cena da castração, experimenta uma falta possível, um “ponto cego” (p.99), uma falta à imagem especular. Este impedimento introduzido em um segundo momento da relação especular, em que a suposta correspondência em relação ao desejo do Outro não se efetiva, é o que Lacan (1962-1963/2005, p.49) procura evidenciar com a nova inflexão do esquema óptico, equivalendo-a à castração que deixa um resto: “Este resto que será acrescentado é o falo, uma falta, um corte da imagem especular”.

O falo, para Lacan, não é a genitália masculina como uma vez apresentou Freud, mas sim, uma “especificação libidinal” dada à falta na imagem especular (Soler, 2012, p.28). A ideia principal é apresentar que nem tudo está investido na imagem, isto é, a percepção do sujeito sobre a realidade comporta um aspecto inapreensível que é revestido pela função do falo. A criança, na medida em que se encontra com os limites da linguagem, se depara com um espaço vazio no Outro que não pode preencher com sua imagem. Orientando-se pela evitação desse encontro faltoso que remete ao desamparo primordial, em um encaminhamento típico, a criança falseia a sua aparição para o Outro se fazendo de falo imaginário, objeto complementar do desejo materno, *fazendo-se ver* (Vorcaro, 2004).

A negatividade do falo no esquema escópico, indicada por  $(-\phi)$  vem demonstrar a função de logro que o sujeito ocupa ao se fazer de falo do Outro, pois equivaler absolutamente ao falo é operação impossível: “Nenhum falo permanente, nenhum falo onipotente é próprio por natureza para fechar, seja pelo que for de apaziguador, a dialética da relação do sujeito com o Outro e com o real” (Lacan, 1962-1963/2005, 253). Este falo, apesar de ter um lugar reservado para si, ele não existe enquanto objeto visível, é a falta no Outro que busca ser encoberta pelo sujeito quando oferece sua imagem. Lacan (1962-1963/2005, p.240) nos adverte que o fazer-se de falo imaginário não se mobiliza por um sentimento que precisa ser satisfeito, mas é por uma “necessidade estrutural” que ele é impelido.

De certo modo, é por meio da função fálica que o sujeito mantém a busca por uma correspondência “ponto a ponto de duas unidades no espaço dada pela imagem” (Vorcaro, 2004, p.99) com aquilo que falta ao Outro no nível imaginário. No entanto, essa estratégia configura uma “armadilha da visão”, pois protege o sujeito pela ignorância do que está além da imagem (p.99). Trata-se de uma proteção ambígua pois o que está além da imagem pode se manifestar por outras vias.

Nessa articulação do esquema óptico, o lugar da falta do sujeito é indicado por  $a$ . Através do esquema, é exposto que os pontos inapreensíveis são  $a$  no lugar do sujeito e  $(-\phi)$  no lado do Outro: “De um lado [...]: o falo. Do outro, o  $a$ , que é o resto, o resíduo, o objeto cujo status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular” (Lacan, 1962-1963/2005, p.49-50). O ponto não especularizável está para o sujeito assim como para o Outro: há um componente libidinal associado ao corpo “o  $a$ , que é o resto, o resíduo, o objeto cujo status escapa ao status do objeto derivado da imagem especular, isto é, às leis da estética transcendental” (Lacan, 1962-1963/2005, p.50). Segundo Miller (2005, p.58), essa parte do investimento libidinal narcísico que permanece remetida ao corpo mas sem aparição visível possui a função paradoxal de estabilizar o campo visual.

Trata-se da função de  $a$ , como objeto que não é visível, pois é “próximo demais” do sujeito para ser visto (Lacan, 1962-1963/2005, p.51), (está remetido ao próprio corpo) mas, precisamente por isso, que a imagem do lado do Outro,  $i'(a)$  adquire prestígio e passa a constituir o suporte do investimento libidinal do desejo. A função de  $a$  é expoente na experiência especular que, através de uma translação, se impõe no lugar das imagens, assim faz com que a imagem detenha o ideal “o ideal do eu como modelo e o Eu Ideal como aspiração” (Lacan, 1960/1998, p.678). Em outras palavras, as imagens carregam o valor de apetência, assim como se estrutura o desejo na fantasia, mascarando e revelando o lugar da falta do sujeito,  $a$  (Lacan 1962-1963/2005, p.240).

Nessa direção, se formula que, quanto mais o sujeito se aproxima do objeto de seu desejo, determinado por “ $a$ ”, mais se afasta dele, e mais se produz angústia, isto é, quando algo aparece no lugar de “ $(-\phi)$ ” ou de “ $a$ ”, posições não especularizáveis, a angústia acomete o sujeito e obstrui a possibilidade desejante (Lacan, 1962-1963/2005). Segundo Vorcaro (2004, p.98) “quando entra em jogo a dimensão do limite do espelho, do que não se deixa apreender e que o submete à ilusão de conhecimento [...] faz emergir estranheiridade e angústia”.

Lacan (1962-1963/2005) diz, porém, que pode aparecer algo — qualquer coisa — visível no lugar de  $(-\phi)$ , e é justamente essa articulação que está implicada ao que se passa na angústia. Essa pontuação nos lembra do comentário sobre o sonho do Homem dos Lobos, na medida em que algo da cena primitiva de castração aparece para o sujeito, quando ele se vê acometido pelo olhar dos lobos. Esse olhar o lembra de modo angustiante quando ele mesmo

flagrou a cena de coito dos pais, cena que fora recalcada, designada ao lugar do não apreensível.

Para explicar isso, Lacan (1962-1963/2005, p.51) toma a experiência do *Unheimlich*, apresentada por Freud em 1919, e vai se afastando da metodologia do estádio do espelho para a abordagem do objeto de desejo. O trabalho de Freud sobre o *Unheimlich* tem como título original “Das Unheimliche” e é frequentemente traduzido por “O estranho” ou “O inquietante”. Este trabalho centra-se na função do olhar, sendo essa fundamental para a tese principal de que a angústia atinge o sujeito — seja pelo apavoramento ou pelo terror — a partir do confronto com algo percebido como “estranho”.

Lacan (1962-1963/2005) diz que a experiência do *Unheimlich* na vida real é fugidia, sendo a ficção quem a demonstra de maneira mais sólida. Por isso, Freud faz sua abordagem do estranho através do conto fantástico de Hoffmann “O Homem da Areia” no referido trabalho de 1919. Este conto narra a lenda de um personagem chamado “Homem da Areia” que arranca os olhos das crianças quando estas não vão para a cama, contada a Natanael, o personagem principal, pela sua babá. Natanael, impressionado com a possibilidade de perder os olhos certa vez, reconhece o olhar do Homem da Areia no advogado Coppelius, que visitava seu pai ao anoitecer. Escondido, Natanael ouve Coppelius gritar: “Aqui os olhos! Aqui os olhos!” frase que escuta com temor de ter seus olhos arrancados e é salvo pela intervenção de seu pai. Este evento desencadeia o primeiro ataque de loucura de Natanael. Posteriormente, Natanael já mais velho e tendo seu pai morto, reconhece o Homem da Areia no oculista Coppola, que lhe vende um binóculo. Observando através dele, apaixonou-se por Olímpia, uma boneca autômata. Ao descobrir que se tratava de uma boneca, Natanael tem um segundo ataque de loucura. Depois, já recuperado do episódio de loucura, Natanael, ao avistar Coppelius de uma torre, tenta jogar sua noiva Clara de lá, mas acaba se jogando sozinho, gritando: “Sim! Belos olhos, belos olhos”. A construção de Freud sobre esse conto seguiu na direção de apontar que o aparecimento da figura do Homem da Areia em suas três versões — do conto infantil, depois, do advogado Coppelius e, por fim, do oculista Coppola — acionou a angústia de perder os olhos que, simbolicamente, é equivalente à angústia de castração.

Freud (1919/1988), nesse mesmo trabalho, escreve que o medo de perder os olhos é bastante frequente nas crianças e a sua reincidência é bastante presente nos sonhos, inclusive em forma de medo de ficar cego. Na peça de Sófocles, “Édipo Rei”, Édipo, sem saber, mata

seu próprio pai, Laio, e se casa com sua mãe, Jocasta, cumprindo assim uma terrível profecia. O drama se desenrola à medida que Édipo, determinado a descobrir a verdade sobre sua origem e as maldições que assolam Tebas, descobre a verdade de seus atos e cega a si arrancando seus olhos. Freud (1919/1988, p.249) equívale a perda dos olhos de Édipo à perda do falo: “O autocegamento do criminoso mítico, Édipo, era simplesmente uma forma atenuada do castigo da castração — o único castigo que era adequado a ele pela *lex tallionis*”<sup>11</sup>.

Como já apresentamos, a relação do olho com o olhar não é de pertencimento, ainda que imaginariamente acredita-se que eles possam se equivaler. O olho que nunca pode ter a certeza sobre o que vê, assume uma filiação tão ilusória em relação ao olhar que a possibilidade de sua perda é reincidente na vida subjetiva. De acordo com Assoun (1995/1999), o olho é um equivalente fálico onde reside a angústia de perda dos olhos, assim sendo, olhar um certo objeto passa a equivaler à exposição à perda do olho. Em suma, a possibilidade da perda do olho, como Freud sugere quando aborda o mito de Édipo, vale-se da sua equivalência ficcional ao olhar, que é perdido quando o Outro não retorna da mesma forma da experiência do espelho.

A implicação da angústia de castração e da experiência do estranho, na leitura de Lacan (1962-1963/2005, p.101) visa confrontar a hipótese comumente admitida de que a angústia é “sem objeto”. Ao contrário disso, não é a ausência do visível que angustia o sujeito, mas uma espécie de excesso de coisa visível. Lacan (1962-1963/2005, p.51) vai sustentando essa hipótese associando a experiência do inquietante ou o estranho de Freud à condição da angústia provocada pela aparição de algo onde não se espera encontrar nada: “A angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei (...) (-φ), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo *a* do objeto do desejo (...) A *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o (-φ)”. A angústia, portanto, é o que aparece ao sujeito quando um objeto aparece no lugar da falta, quando a “falta vem a faltar” (Lacan, 1962-1963/2005, p.52).

Marie Hélene Brousse (2014) faz uma consideração sobre a subjetividade de hoje que nos auxilia a pensar sobre a angústia em termos de um excesso de coisa apreensível. A autora,

---

<sup>11</sup> Trata-se da Lei de Talião "olho por olho, dente por dente", baseada em um princípio retaliatório que se efetivou em várias culturas e sistemas legais ao longo da história.

na sua experiência clínica, repara a frequência de sujeitos que, ao sentirem dor, pesquisam imediatamente na internet a doença a que ela poderia estar associada. Muitas vezes, essas informações oferecidas pelas ferramentas de pesquisa geram horror, desespero, por revelar uma gravidade não esperada e, por vezes, inexistente. Se por um lado, a medicina se especializou tanto a ponto de produzir eficientes protocolos de cura, nunca houve tanto medo da impossibilidade de se controlar o corpo. Diante do caos orgânico, nossa sociedade tem podido facilmente buscar as informações que supostamente conteriam o medo da imprevisibilidade do corpo, mas causam justamente o inverso, pois é impossível significar tudo.

Voltando à experiência do estranho, vimos que através da análise etimológica, Freud (1919/1988) chega à equivalência entre o que é estranho (*unheimlich*) é ao mesmo tempo, familiar (*heimlich*). Ele mesmo relembra uma experiência pessoal em que, durante uma viagem de trem, é surpreendido ao ver a porta do vagão se abrir e um homem em um roupão entrar. Ao se levantar para abordar o homem que entrava na sua cabine percebe, surpreso, que o intruso era apenas seu reflexo no espelho da porta. Ele relembra sentir uma forte antipatia por sua própria imagem, uma espécie de angústia, antes que tivesse reconhecido na imagem a sua própria face, provando que, nas posições opostas e logicamente correspondentes (estranho e familiar), o sujeito pode experimentar o recobrimento do lugar de sua falta (*a*) quando seu próprio olho que aparece no lugar do Outro ( $-\phi$ ). Nesses casos, não é só um tipo de recobrimento do lugar do falo, mas uma aparição que o satura, sem preservar seu caráter de falta.

Lacan (1962-1963/2005, p.58 e 59) faz questão de demarcar que a ausência de reconhecimento sobre a própria imagem não é suficiente para angustiar o sujeito:

Nesse ponto *Heim*, não se manifesta simplesmente aquilo que vocês sempre souberam: que o desejo se revela como desejo do Outro aqui, desejo no Outro -, mas também que meu desejo, diria eu, entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do objeto que sou, na medida em que ele me exila de minha subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada.

Conforme Quinet (2002, p.140), essa angústia pela imagem é desencadeada pela emergência do questionamento "Che vuoi?"<sup>12</sup> vindo desse estranho-familiar, intruso e

<sup>12</sup>A expressão "Che vuoi?" tem origem no uso cotidiano italiano e destaca-se na *Divina Comédia* de Dante Alighieri, onde Malacoda, um demônio no canto XXI do *Inferno*, desafia Dante e Virgílio, conferindo um tom ameaçador e enigmático. Lacan resgata essa expressão para simbolizar o confronto do sujeito com o enigma do desejo do Outro.

enigmático. Segundo o mesmo autor (2002, p.140) aquilo que “Freud chama de ‘duplo’ que provoca o fenômeno da angústia não é tanto o duplo do espelho, a cópia, mas sim o estofado, o forro do sujeito, o *a* em sua modalidade escópica: sem imagem especular, sem alteridade” logo, sem valor narcísico jubilatório. Diante dessas considerações, podemos pensar que Freud experimenta angústia quando se sente alvo do olhar do Outro no espelho, mira do desejo do Outro, mas não experimenta o valor narcísico desse lugar, se reduzindo a objeto “antipático” do olhar do Outro (Quinet, 2002, p.140).

Lacan (1962-1963/2005, p.100) sublinha que a transição da imagem especular para o duplo que “escapa” é o ponto crucial para a articulação da “função de *a*”. No entanto, essa articulação não se limita à experiência fenomenológica do estranho, mas se manifesta em toda relação com o objeto de desejo. Vorcaro (2004, p.98) sugere que é precisamente esse “equivoco que preserva o ponto funcional do desejo”. Lacan (1962-1963/2005, p.100) confirma que o sujeito pode vivenciar essa espécie de estranheza durante a experiência especular:

Mesmo na experiência do espelho, pode surgir um momento em que a imagem que acreditamos estar contida nele se modifique. Quando essa imagem especular que temos diante de nós, que é nossa altura, nosso rosto, nosso par de olhos, deixa surgir a dimensão de nosso próprio olhar, o valor da imagem começa a se modificar — sobretudo quando há um momento em que o olhar que aparece no espelho começa a não mais olhar para nós mesmos. *Initium*, aura, aurora de um sentimento de estranheza que é a porta aberta para a angústia.

Cabe fazer um acréscimo nosso, no que tange às insatisfações com a aparência. Tais inadequações podem se aproximar dessa relação de estranhamento com a imagem especular, na medida em que algo comparece na imagem que não é suficientemente harmônico, podendo ser estranho àquele corpo visto no espelho. Como já apresentamos, na relação comparativa entre Eu Ideal e o Ideal do Eu que é constitutiva, o sujeito prevê as inadequações de seu eu — cuja fundação é a imagem do corpo — sob a referência dos ideais. Pensando no que concerne à atualidade, percebemos que os ideais de beleza cada vez mais rapidamente renovados, ao denunciarem as inadequações do corpo no mesmo ritmo, convocam a especialização de procedimentos estéticos como vias possíveis de esgotamento dessas diferenças. A oferta incessante e cada vez mais atualizada desses procedimentos, entretanto, denuncia que essa hiância não cessa de se inscrever, pois, a nível imaginário, o sujeito sempre irá se encontrar com certa medida de inadequação.

Brousse (2014) remete a experiência da falta na imagem do corpo à experiência de estranho angustiante de maneira simplificada, ao apresentar o exemplo do fio de cabelo, que, ligado ao corpo, se torna objeto de extremo valor narcísico, mas, caído desse corpo, causa repulsa. A autora argumenta que a voz e o olhar também podem ser tomados dessa maneira, uma vez que uma voz e um olhar que não emanam de um ser humano provocam em nós um sentimento de inquietação e até pavor. Por aí podemos resumir a implicação de *a* ao falo: quando há filiação ao corpo, o objeto adquire valor fálico, mas, extraído dele, como *a* disjunto da imagem do eu, esse valor se perde.

Assim, percebemos que se as flores (*a*) aparecem fora do vaso, elas adquirem estatuto oposto do narcisismo, são aterrorizantes. Em outras palavras, tanto a experiência do gozo narcísico quanto o terror do comparecimento de algo no lugar Outro que não deveria estar, tem procedência angustiante pois ao fazerem um recobrimento da falta, podem chegar a obstruir o seu lugar, que é o lugar do sujeito. Lacan (1962-1963/2005, p.105) sintetiza esse duplo valor da experiência visível:

A atração que envolve o objeto com o glamour, o brilho desejável, a cor — é assim que se designa a sexualidade em chinês — preferencial faz com que o objeto se torne estimulante no nível da excitação. Essa cor preferencial situa-se do lado da *i'(a)*, no mesmo nível de sinal que também pode ser o da angústia”.

Iremos expor a seguir, quais caminhos Lacan efetivamente estabelece na direção de inserir o olhar ao grupo de objetos *a*.

### 3.2 – *A figura do cross-cap e o campo projetivo.*

Os ensinamentos de Freud sobre a relação do sujeito com os objetos e também com a experiência do estranho permitem que Lacan (1962-1963/2005, p.98) admita que entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu há uma “oscilação comunicante” designada como a reversibilidade da libido do corpo próprio para a do objeto. O que é destacável nesse contexto, é que durante o movimento de “oscilação” dessa libido há algo que intervém de modo angustiante, há algo que não é lançado inteiramente para o campo do Outro, é o sinal de *a* (Lacan, 1962-1963/2005, p.98).

A esse  $a$ , Lacan (1962-1963/2005) dá o estatuto de objeto fazendo um uso metafórico da palavra objeto, uma vez que ela é tomada de empréstimo da relação sujeito-objeto construída por Freud, mas não é exatamente esse objeto que se implica ao âmbito de  $a$ . Na abordagem de  $a$  como objeto, é de “um objeto externo a qualquer definição possível de objetividade” que se trata (Lacan, 1962-1963/2005 p.99). Em suma, Lacan aponta para a impossibilidade de satisfação absoluta do sujeito com os objetos da realidade, pois isso que falta ao sujeito não é representável, tem estatuto diferente dos objetos que conhecemos pela via imaginária.

Na direção de distinguir o objeto construído a partir da relação especular e a função do objeto  $a$ , Lacan (1962-1963/2005 p.100), então, lembra que a imagem do eu (*moi*) é uma superfície projetiva que se “duplica” e inverte na “operação especular” e, em contraste, o objeto  $a$  não possui imagem especular. O  $a$ , então, é finalmente remetido diretamente à topologia, mais precisamente à topologia das superfícies, um ramo da matemática que estuda as propriedades de objetos que permanecem invariantes sob deformações contínuas, como esticar, dobrar ou torcer, mas sem rasgar ou colar novas partes, e propõe classificações a essas figuras com base em características como número de furos, orientabilidade e quantidade de bordas (Lafont, 1985/1990).

O campo escópico, campo que nos interessa, é remetido à figura do *cross-cap*, um objeto topológico que apresenta um furo, é não orientável<sup>13</sup> e possui uma única borda. Especificamente, é uma maneira de visualizar o plano projetivo como uma superfície que, ao contrário de uma esfera ou de um plano, não tem margens e possui uma propriedade unilateral, onde o interior e o exterior estão em continuidade (Lafont, 1985/1990).

A particularidade principal do *cross-cap* é sua impossibilidade de ser fisicamente realizado em um espaço tridimensional sem a execução de um “corte” (Lacan, 1962-1963/2005, p.110). Este corte não é meramente uma linha divisória, mas uma operação que transforma uma superfície bilateral, com duas espessuras, em uma unilátera, onde essas espessuras se invertem. Isso permite que o *cross-cap* conecte a face interna com a externa, criando uma superfície contínua, sem bordas e sem distinção clara entre dentro e fora,

---

<sup>13</sup> Uma superfície topológica não orientável, significa que, ao percorrê-la, não é possível manter uma orientação consistente em todo o seu espaço, resultando em uma inversão de orientação, como ocorre na banda de Möbius.

equivalente à banda de Möebius. O corte, então, gera uma bifurcação na superfície, resultando em dois elementos distintos: uma banda de Möebius e um disco bilátero.

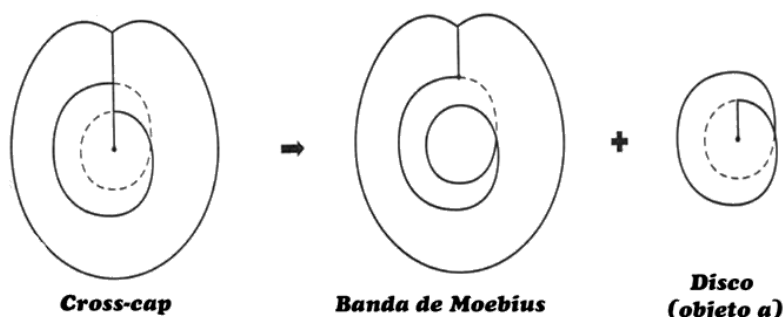


Fig. 7. Divisão do *cross-cap* em Banda de Moebius e Disco bilátero.

Esse disco, resultante do corte no *cross-cap*, é uma superfície com duas faces, mas que contém em si a propriedade de gerar o *cross-cap* como figura no espaço comum. Há explicitamente um corte na figura que tem como consequência a sua própria causa. Assim como Lacan (1962-1963/2005, p.237) descreve a causação do sujeito: "Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função da causa."

Trata-se de um corte que, no contexto do campo pulsional escópico, representa o isolamento de algo que encarna o "não-especularizável" (Lacan, 1962-1963/2005, p.237), o objeto *a*, em relação à banda de Moebius, que, assim como o sujeito, não possui distinção entre dentro e fora. Trata-se de um "corte que sobrevém no campo do olho" (Lacan, 1962-1963/2005, p.252), uma qualidade operatória que se refere à exclusão do olho como objeto puro real, representando a perda do objeto *a*, que está em uma relação causal com a banda de Moebius, que figura o sujeito.

Mais à frente, no *Seminário 14*, Lacan utiliza o *cross-cap* como o suporte topológico da fantasia, mostrando como o corte dessa superfície topológica revela a relação entre o sujeito e o campo projetivo, no sentido de uma projeção espacial que somente pode ser "realizável em nosso espaço ordinário, senão ao preço desse corte" (Lafont, 1985/1990, p.68). No contexto do *Seminário 10*, encontramos a figura do *cross-cap* como dando materialidade à projeção do espaço, através de um corte que separa o sujeito (Banda de Moebius) do disco bilátero (objeto *a*), uma abordagem que podemos supor como precursora da noção de fantasia:

“É essencial apreender a natureza da realidade do espaço como espaço tridimensional, para definir a forma assumida no estágio escópico pela presença do desejo, a saber, como fantasia” (Lacan, 1962-1963/2005, p.309).

Cabe destacar que Lacan, ao progredir em sua elaboração topológica, transita do uso das superfícies para a teoria dos nós, culminando na integração do nó borromeano em seu ensino. Segundo Lafont (1995/1999), um dos aspectos que encaminha essa transição é a qualidade operatória do corte, efetiva na demonstração do *cross-cap* ao possibilitar a própria existência da estrutura, assim como no enodamento, já que a existência do nó depende da integridade de suas conexões, sendo, portanto, submetida a um corte que desmancha o entrelaçamento.

Nos termos do *cross-cap*, esse corte pode ser lido face à incidência simbólica da castração em que o sujeito interrompe a ilusão de completude fornecida pelo olhar do Outro. A partir desse corte, o sujeito prevê *a* como uma condição permanente que não pode ser encoberta pelo visível, mas justamente por isso que algo pode se projetar no campo escópico através de um recobrimento desse lugar. Segundo Miller (2005), através da noção de  $(-\phi)$ , que já apresentamos, se avança na ideia de que o buquê (*a*) não aparece do lado direito do esquema óptico, demonstrando que o investimento libidinal narcísico não passa inteiramente para o lado do Outro, no campo visual.

Em suma, esse *a* não é transposto para o mundo dos objetos comuns (não pode ser visto no espelho) pois é concebido como parte do próprio corpo que foi perdida, não esse corpo como imagem especular, mas um corpo que é real e escapa à apreensão:

Não se trata do corpo como algo que nos permita explicar tudo, por uma espécie de esboço da harmonia do *Umwelt* com o *Innenwelt*, mas é que sempre há no corpo, em virtude desse engajamento na dialética significativa, algo de separado, algo de sacrificado, algo de inerte, que é a libra de carne” (Lacan, 1962-1963/2005, p.242).

Vimos como as inflexões dos esquemas do estádio do espelho até antes do *Seminário 10* evidenciaram a identificação especular através do olhar do Outro. A partir dessas primeiras elaborações, concebemos que a totalidade especular atesta a ficção da equivalência do olhar do sujeito ao olhar do Outro para se firmar no mundo visível. Em um segundo momento, essa possibilidade de correspondência ao olhar do Outro é inscrita como perdida e registrada como

o ponto radical do encontro faltoso do sujeito e do Outro no nível imaginário, trata-se da extração do objeto  $a$ , a causação do sujeito.

### 3.3 – O olhar como objeto $a$ : a fascinação e a contemplação.

Lacan (1962-1963, p.277) afirma que à visão, nada falta: “Isso quer dizer que, através da forma  $i(a)$ , a minha imagem, minha presença no Outro, não tem resto. Não consigo ver o que perco ali. É esse o sentido do estádio do espelho”. Mas, para compreendermos o que se passa no nível do desejo, o ponto de partida deve ser aquilo que a relação especular exclui: “o próprio olho e sua função” (1962-1963/2005, p.263). Essa exclusão, tomada como consequência do corte na relação especular, se torna o viés pelo qual podemos identificar os vestígios da função perdida do olho, que tem o mesmo valor da função de  $a$  como objeto: “Na fenomenologia da visão, essa função já se apresenta como homóloga à função do ‘ $a$ ’” (Lacan, 1962-1963/2005, p.263).

Em suma, a subtração da função do olho na constituição do imaginário é equivalente ao desaparecimento de  $a$  no campo escópico. Trata-se de uma retirada que se reflete na função de causa, precisamente, no campo visual, a causa da fantasia (Lacan, 1962-1963/2005). Em nossas palavras, haveria uma ruptura no registro perceptivo que concede ao sujeito a possibilidade de permanência da referência à imagem especular e efetivamente no mundo visível pois, ao adentrar na linguagem, o olhar do sujeito é convocado a assumir uma determinada relação com certos objetos enquanto o olho, em sua dimensão de “pura existência”, passa a constituir um “obstáculo do qual nada pode ser deduzido” (Vorcaro, 2004, p.68).

Se o olho real fica de fora da relação especular é porque o simbólico lhe faz uma exigência assim que o sujeito entra na linguagem. O estatuto do predomínio das funções visuais, proposto em *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003), é dúbio, já que estas mesmas podem ser predominantes por conta de uma exigência simbólica. Ao afirmar que o “olho já é um espelho” (Lacan, 1962-1963/2005, p.246), Lacan sugere que a

visão possui uma designação simbólica que antecede o estádio do espelho, ainda que só possa ser reconhecida como tal a partir da constituição do Eu.

Como discutido anteriormente, as primeiras proposições sobre o estádio do espelho sugeriam que o sujeito inaugura sua relação com a realidade de maneira homóloga à projeção ocular da imagem do eu, uma espécie de repetição dos termos originais da miragem da imagem especular. Lacan (1962-1963/2005, p.264), ao se voltar para o que a “função do desejo nos revela no campo visual”, faz um acréscimo sobre essa compreensão da projeção, afirmando que, na verdade, partes importantes de nós mesmos aparecem "do lado de fora" (p.246), não porque o olho inevitavelmente as projeta, mas porque foram cortadas de nós e somos impelidos a retomá-las pelo nosso olhar. O que se busca retomar não é mais tanto o olhar do Outro sobre o próprio corpo, embora ele sempre esteja em jogo na experiência visual, mas a tentativa de reintegrar um modo de olhar a partir dele.

Segundo o psicanalista, o sujeito no mundo visível é inevitavelmente acometido por um olhar autônomo, que se dirige a certos objetos, na busca por "recuperar essas partes perdidas", e assim, segue “caminhos diferentes dos que seguiríamos se apenas estivéssemos projetando algo” (Lacan, 1962-1963/2005, p.246). Em síntese, o sujeito no mundo visível tende a retomar o objeto *a*, mas, só pode se encontrar com os vestígios da perda desse objeto, os traços que revelam a natureza dessa perda. Assim, o sujeito vê muitos objetos, mas “escopiza somente aqueles de seu desejo” (Quinet, 2002, p.291). O olhar, então, não é tanto uma ferramenta do sujeito, mas algo que o afeta, guiando-o no visível pela marca deixada pela perda do objeto *a*. Assoun (1995/1999, p.26) explora essa tensão, apontando que, enquanto o olho pode discernir entre ambos e exercer controle sobre o mundo, ele se perde quando cai sob a atração do objeto, onde o invisível se mistura ao visível.

Para percebermos a ironia do desejo nesse campo, Lacan (1962-1963/2005, p.277) diz que basta que seja incluída uma “mancha no campo visual” para que o sujeito se volte completamente a ela. Essa coisa pela qual o sujeito se atrai, é equiparável aos “sinais de beleza”, que atraem mais do que o olhar do alvo de amor (Lacan 1962-1963/2005, p.277). Quinet (2002, p.208) diz que Freud (1927/1997), ao tratar do fetichismo, oferece um exemplo claro de como o objeto *a* se manifesta no campo da atração visual: o brilho no nariz (*glanze in der Nase*), ao perverso, serve como condição para a ereção do desejo, em substituição a ausência do falo da mãe. Essa convocação do olhar à revelia do Eu é o paradigma da atração

pelos objetos visíveis, questão que Lacan (1962-1963/2005, p.264) procura evidenciar ao dizer que o  $a$  é equivalente ao "componente de fascínio na função do olhar, no qual toda subsistência subjetiva parece perder-se, ser absorvida, sair do mundo".

Lacan (1962-1963/2005, p.277) enfatiza que a apetência da imagem especular ao prometer uma "boa forma", seduz o sujeito com uma falsa aparência de completude. Ela é ilusória porque está fundamentada em uma aparência de completude que não é verdadeira, é apenas recobrimento do lugar de  $a$ , no campo visível ( $-\phi$ ). Essa ilusão é desmascarada quando uma mancha ou imperfeição surge, expondo a verdade do desejo: o que realmente atrai não é a perfeição da forma, mas aquilo que a imagem não pode capturar, o  $a$ .

A presença de uma mancha ou imperfeição no campo visual expõe a ilusão contida na satisfação da forma, funcionando como um véu, uma espécie encobrimento do lugar vazio. Assim como o brilho no nariz no objeto de atração do fetichista, uma mancha no campo visual é correlata de um encobrimento de  $a$ . O sujeito pode apenas ver um brilho especial sobre seus objetos amorosos, quando há algo disposto no mundo visível que realiza essa função de véu do objeto perdido. Mas, por outro lado, pode ser absorvido por essa experiência e perder a filiação simbólica da visão.

Assoun (1995/1999, p. 144) discute a "perda da visão" na experiência do "amor à primeira vista" caracterizada por um arrebatamento pelo brilho "inexplicável" do objeto, que deixa o sujeito "cego" de amor, incapaz de distinguir o objeto de seu próprio desejo. Essa forma de atração, por se mobilizar pela tentativa de sustentar a dualidade "olhar e ser olhado," que reflete um propósito de compatibilidade imaginária, tem como consequência ser "fulminante" e "supérflua" pois esse tipo de deslumbramento é fadado e se desfazer assim que o objeto revela um traço incompatível com o desejo que o envolve (p.144).

No campo escópico do desejo, o correlato do objeto " $a$ " é identificado como um "ponto zero" (Lacan, 1962-1963/2005, p.264), que se estende por todo o campo visual, sendo central tanto na experiência do fascínio — um brilho especial presente em certos objetos — quanto, de maneira particular, na contemplação estética. Para Lacan (1962-1963/2005, p.264), na experiência da "contemplação", o sujeito se cega de forma semelhante à experiência do deslumbramento amoroso, pois trata-se de "uma suspensão frágil, por certo, tão frágil quanto uma cortina sempre pronta a se reabrir para desmascarar o mistério que oculta" (Lacan,

1962-1963/2005, p.264). Contudo, enquanto no exemplo do "amor à primeira vista" ocorre uma reversão narcísica, em que o sujeito se coloca em uma posição de dependência da presença do objeto, numa “necessidade de não perder de vista nem se fazer perder de vista pelo objeto que o sustenta por sua própria presença” (Assoun, 1995/1999, p.51), na contemplação estética, um tipo de reciprocidade narcísica é impossível. Nesse caso, o sujeito, absorvido pelo olhar como objeto *a*, é forçado a retomar o ponto simbólico perdido por uma via mais desamparada no plano imaginário. Essa experiência evoca o efeito analítico da “despersonalização” comentado no capítulo anterior<sup>14</sup>, no qual, a partir da revelação de uma inconsistência no Outro (giro no espelho plano), o sujeito perde as coordenadas de seu Eu e é compelido a confrontar mais diretamente as determinações simbólicas do desejo do Outro.

Esse tipo de destituição subjetiva, que pode ser provocada tanto pela experiência com a obra de arte quanto pela experiência analítica, nesses termos, não é uma simples experiência de perda, mas uma espécie de forçagem da reconfiguração da relação do sujeito com seu olhar desejante. Em *A ética da psicanálise* Lacan (1959-1960/1997) explora essa relação ao dizer sobre o belo e o desejo, articulando como o belo, por sua ambiguidade, pode suspender e, ao mesmo tempo, fazer aparecer mais evidentemente a dimensão do desejo. Esse paradoxo é especialmente abordado na análise da tragédia de Antígona, onde a beleza de Antígona se situa em uma posição que Lacan (1959-1960/1997, p.301) chama de "entre-duas-mortes", uma transição entre a vida e a morte simbólica, ligada à aniquilação das correspondências imaginárias. Trata-se da imagem “fascinante, insuportavelmente brilhante de Antígona” que, no “centro da tragédia, tanto fascina, agarra nosso olhar, quanto o repele, interdita” (Guerra, Burgarelli, Chatelard, Maesso, 2017, p.68). A beleza de Antígona, nesse sentido, não se restringe à noção clássica de harmonia e proporção, mas a uma certa de experiência de "comoção" (*émoi*) que o belo provoca, descrita por Lacan (1959-1960/1997, p.302), como uma potência que leva à perda. Essa perda através da experiência do belo, que podemos ler em equivalência a experiência da contemplação, é lida como atualização da entrada do sujeito no significativo que permite ao sujeito confrontar os limites de sua própria subjetividade e, ao fazê-lo, acessar uma dimensão do desejo que transcende a ilusão de completude forjada pela lógica do imaginário.

---

<sup>14</sup> Ver item 2.3.1

No âmbito da experiência analítica e da experiência com a obra de arte, o sujeito, ao articular sua relação com o mundo a partir de sua posição desejante e reconhecer sua sujeição ao olhar do Outro, pode autenticar uma experiência subjetiva que sustenta o desencontro entre si e o outro, possibilitando, assim, uma elaboração desse conflito, em vez de uma tentativa incessante de recobri-lo. No contexto de uma *sociedade escópica* marcada pelo excesso de gozo, a psicanálise propõe uma ética do olhar como causa do desejo — não como um desejo de adequação ao olhar do Outro, que é inexistente, mas como uma expressão do próprio olhar, o objeto que causa o desejo (Quinet, 2002, p. 291).

### 3.4 – *A esquize entre o olho e o olhar.*

No *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais em psicanálise*, precisamente na lição “A esquize do olho e do olhar”, encontramos uma distinção mais explícita da visão e do olhar e através da qual iremos sintetizar a emergência do sujeito pulsional. Nesse contexto, são retomadas as elaborações que concernem à inserção do olhar ao grupo de objetos *a*, além de aparecer, de modo sublinhado, a consideração de que o olhar, como causa de desejo, é o olhar do Outro, seguindo a afirmação central: “*o desejo do homem é o desejo do Outro*” (Lacan, 1964/2008, p.111).

Nesta lição, Lacan (1964/2008) inicia a discussão pelo fornecimento de mais uma apurada explicação do jogo do *Fort-Da* através da noção do automatismo de repetição. Essa brincadeira, convém lembrar, foi apontada no trabalho *Complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/2003) como uma tentativa de elaboração do mal-estar proveniente do *complexo do desmame*. Desta vez, Lacan (1964/2008) acrescenta que o movimento repetitivo da criança a partir de um jogo, a princípio, é um modo de contar a sua história a partir da exclusão de um núcleo cujo registro se aproxima do traumático.

Esse núcleo é identificado como pertencente à "ordem do real – do real, no que a identidade de percepção é a sua regra" (Lacan, 1964/2008, p.72). Trata-se do suporte inconsciente, um alvo inalcançável pela percepção. Lacan (1964/2008, p.55) explora a relação do sujeito com o real, especificamente no que concerne ao encontro com algo que não pode ser inteiramente assimilado pela linguagem, mas que, simultaneamente, se consolida como o

ponto causal da repetição denominando-o *Tiquê*. No domínio da função escópica, isto é, na interseção entre o olhar e a visão, o *Tiquê* atualiza a função da "mancha", configurando-se como aquele ponto de ruptura que escapa à plena apreensão perceptiva e, ao mesmo tempo, exerce uma influência sobre o movimento pulsional do sujeito, tornando repetitiva a tentativa de captura completa.

A experiência inaugural da repetição pelo *Fort-Da* faz retomar que a articulação de aparecimento e desaparecimento do objeto — o carretel — se dá apoiada na percepção visual. Lacan (1964/2008 p.72) nos mostra que esse apelo à percepção (visual, podemos acrescentar) na elaboração de uma falta fundamental deve ser pelo “sentimento de realidade que ela autentifica”. De outro modo, é possível assumir que a visão enquanto propriedade perceptiva fornece ao sujeito o apoio necessário para circunscrever/bordear a vivência da perda da experiência de satisfação — o próprio recalque originário.

Como o recalque originário é situado retroativamente na vivência subjetiva (Vorcaro, 2004), o sujeito, na medida em que busca traduzir as suas experiências de perda respaldado pelo campo visual, supõe, no mesmo golpe, uma consistência visual ao objeto primordial que se perdeu. Como apontamos, no *Seminário 10*, o dilema da castração é colocado sob o pilar da experiência especular, em que  $(-\phi)$  é objeto da castração no âmbito visual e representa a falta no imaginário, enquanto o olhar é objeto *a*, aquilo que falta ao sujeito e está no registro do real, aquilo que se apresenta como pedaço perdido de corpo e não está em função de nenhum apaziguamento.

Isso colocado, Lacan (1964/2008, p.73) se mantém perguntando: “por que a cena primitiva é traumática?” Em que cena, evidentemente, é uma imagem. Ele responde prontamente: é por ser um “fato fictício” (p.74). Sem adentrarmos no que pode distinguir o registro fictício do registro da realidade, podemos apontar que a cena fictícia impõe a busca pela sua correspondência a uma cena da realidade — *Fort-Da* representa bem essa tentativa. Lacan (1964/2008, p.74) evidencia isso quando propõe uma divisão entre o que é o olhar — cuja cena primitiva o determina — e a pretensão de ver — a repetição de uma cena:

Resta que essa esquize só está lá ainda representando a esquize mais profunda, a ser situada entre o que refere o sujeito na maquinaria do sonho, a imagem da criança que se aproxima com o olhar cheio de reproches o que o causa e no que ele fracassa, invocação, voz da criança, solicitação do olhar.

Como dissemos, a instauração do traço-unário que pode ser realizada pelo olhar possibilita a identificação especular e lança o sujeito no campo do desejo ao demarcar o corte de *a* no campo pulsional escópico. Segundo Quinet (2002), o movimento em que o sujeito — tendo introjetado o traço do olhar do Outro — busca a sua equivalência ao próprio olhar consiste na dinâmica da pulsão escópica. Essa trajetória, demarcada pela lógica dos três tempos, nos demonstra o percurso que o sujeito realiza ao assumir o olhar em nome próprio. No *Seminário 10*, o desenvolvimento do ponto não especularizável da relação imaginária encaminha o olhar ao grupo de objetos *a*. No *Seminário 11*, a discussão sobre o olhar envolve o domínio da pulsão como “algo que sai de uma borda, que reduplica sua estrutura fechada, seguindo um trajeto que faz retorno, e de que nada mais assegura a consciência senão o objeto, a título de algo que deve ser contornado” (Lacan, 1964/2008, p.171). Mas, antes de tratar de todos os movimentos de bordeamento da pulsão escópica, é importante averiguar o que Lacan (1964/2008, p.74) pretende esclarecer com a ideia de “esquize” entre o que pode ser visto (cujo paradigma é a imagem especular) e aquilo que não pode ser apreendido (o olhar).

Procurando estabelecer um diálogo com a obra póstuma de Merleau Ponty *O visível e o invisível*, Lacan examina a consideração de um olhar que antecede os olhos que veem: “trata-se de discernir, pelas vias do caminho que ele nos indica, a preexistência de um olhar – eu só vejo de um ponto, mas em minha existência sou olhado de toda parte” (Lacan, 1964/2008, p.75 e 76). No *Seminário 10*, Lacan (1962-1963/2005, p.241) também menciona Merleau-Ponty, destacando especificamente sua maneira de superar o dualismo entre mente e corpo considerando que “Ele faz do nosso corpo, tomado no nível funcional, uma espécie de duplo, de avesso de todas as funções da mente”

Em *O visível e o invisível*, Merleau-Ponty (1964/1971, p.139) vai na direção de apontar que o vidente só poderia perceber-se como tal pois já existe como visível no mundo: “o vidente não existe sem existência visível”. Desse modo, o sujeito só pode olhar a si mesmo na medida em que reconhece que é visível para o mundo. Através dessa afirmação, Merleau-Ponty chama a atenção para um certo caráter narcísico da visão, pois a visão do sujeito necessariamente se implica na visão dele sobre ele mesmo, isto é, quando olha o mundo, se vê olhando o mundo. Essa pontuação é pertinente para compreendermos o domínio reflexivo da pulsão, mas é conveniente destacar que Lacan (1964/2008) admite que esse

narcisismo fundamental da visão é essencialmente efeito da função do Outro como a alteridade simbólica, que olha o sujeito antes dele se ver e dá a ele o recurso de apreensão.

Segundo Quinet (2002, p.40), Merleau-Ponty introduz a dimensão do corpo desde a *Fenomenologia da Percepção* (1945), distinguindo-a de uma massa biológica, mas como “um ponto de contato do que chama *quiasma* entre o sujeito e o mundo”, situado em uma dimensão não representável, “que não é do mundo, apesar de estar nele”. No âmbito escópico humano, é de um ponto visível que tratamos, mas que antes de ser do olho, é do mundo, pois antes que o vidente possa perceber a realidade, já há algo disposto no mundo visível. O olho, nessa direção, diz Lacan (1964/2008, p.75), não é apenas o ponto essencial do visível, mas uma “metáfora” do “empuxo daquele que vê — algo de anterior ao olho”. Em outras palavras, o percebido já está no mundo antes que haja o ato da percepção.

Ao contrário do que diz Sartre em *O ser e o nada*, de que o olhar de outrem é visto pelo sujeito<sup>15</sup>, o olhar de que tratamos na psicanálise, segundo Lacan (1964/2008, p.87), pode ser apenas “imaginado pelo sujeito no campo do Outro”. A percepção que se institui a partir do encontro com a imagem especular é um dédalo (Lacan, 1964/2008, p.92), tem caráter ilusório e confuso, pois surge na direção de recobrir os furos do corpo do sujeito e, ainda que estabeleça relação com a consciência, de certa forma, pois o vidente se reconhece como tal, não há compatibilidade total com aquilo que está disposto na realidade. O que é exposto sobre o olhar, por outro lado, pretende alojá-lo no “avesso da consciência”, como uma “vacilação essencial”, algo que está do lado de fora, na dimensão do desejo que determina o sujeito no campo do visível (Lacan, 1964/2008, p.86)

Lacan (1964/2008, p.75) fala novamente de mancha mas, desta vez, põe efetivamente o olhar na sua equivalência: “a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que o comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma da visão que se satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência”. Como já mencionamos, essa mancha está no mundo visível, mas é impossível de ver; é face que resiste à tentativa de excluir as incoerências e incompletudes da imagem do corpo. Mas, vez ou outra, se apresenta um borrão no campo visual que interfere na interpretação do sujeito sobre a imagem. Esse ponto de desconhecimento é equivalente ao ponto do olhar, na medida em que o sujeito não consegue distingui-lo: por mais que tente, só pode dizer que é uma “mancha”. Segundo

---

<sup>15</sup> Ver página 37.

Quinet (2002, p.137), quando essa mancha se faz presente, ela torna aparente o ponto do olhar em que o sujeito perde o domínio da apreensão e sente-se, então, identificado a essa mancha, olhado ao invés de olhante: “o olhar surge quando o sujeito se torna a mancha no quadro”, assim como o Homem dos Lobos diante do olhar dos lobos.

A intenção de Lacan (1964/2008) é demonstrar que o sujeito busca equivaler o seu olhar ao olhar do Outro a partir de uma suposição, pois não pode apreender esse olhar com certeza, ele é uma mancha. Essa mancha sendo aquilo que imaginariamente falta no campo do Outro, é  $(-\phi)$ , que tenta ser revestida pelo imaginário quando o sujeito, ao ver, se vê vendo. Em síntese, considera-se que, na relação escópica, o objeto que o sujeito está apenso em recuperar é o olhar, mas, uma vez que o sujeito tenta se acomodar a esse olhar, ele se esvai junto com ele, pois ele é uma mancha, inassimilável e inapreensível, é objeto *a*. É por ter essas características, paradoxalmente, que o olhar se fixa para o sujeito, mas ao modo de uma indeterminação que consiste em não saber se quem olha é ele ou o Outro: “na ilusão do *ver-se vendo-se*, em que o olhar se elide” (Lacan, 1964/2008, p.86).

Para representar esse efeito, o psicanalista apresenta uma lembrança da juventude em formato de apólogo. Trata-se de quando ele se aventurou em um pequeno barco de pesca — sentindo-se “bravo” por realizar a atividade — juntamente com Joãozinho, e, enquanto olhava em direção à imensidão do mar para uma pequena caixa reluzente, Joãozinho lhe pergunta: “Tá vendo aquela lata?” e insiste: “Tá vendo?”, fazendo com que Lacan não só a olhasse como nela se concentrasse a ponto de não ver outra coisa, esquecendo-se de si e dos outros, tornando-se puro olhar. E Joãozinho diz em seguida: “Pois ela não tá te vendo não!”, retirando Lacan do estado de concentração, e começa a gargalhar.

Através desse apólogo demonstra-se que, na medida em que o sujeito repousa seu olhar sobre uma mancha indistinguível, está mobilizado pela compreensão dessa figura, mas não consegue obtê-la, pois está concentrado demais nela e perde o ponto simbólico que o faria reconhecer a totalidade do mundo visível em que o objeto está, neste caso, uma lata de sardinha. O sujeito perde o que daria o atestado de que aquilo que ele olha é o que está disposto na realidade, não consegue apreender o ponto do Outro simbólico, pelo qual ele também se sente olhado, já que ele mesmo e o olhar se tornam a mesma coisa. Estando perdido o recurso que repousa “em se ver, vendo”, o sujeito (Lacan, neste caso) passa a equivaler ao objeto *a* fazendo-se de falo e, portanto, tampona o lugar do olhar com sua

presença. Quando, então, o sujeito busca se acomodar ao olhar do Outro, ele torna esse olhar um ponto evanescente que se confunde com sua própria desapareição: “Na relação escópica, o objeto de que depende a fantasia à qual o sujeito está apenso numa vacilação essencial é o olhar” (1964/2008, p.86). Como Lacan (1964/2008, p.97) mesmo diz nesse apólogo: “eu era mancha no quadro” e, dessa forma, não foi possível apreender o objeto *a* como falta; ele, enquanto sujeito, se perde, assim, como objeto *a*, que, por excelência, é objeto perdido.

Em síntese, o sujeito no mundo perceptível, parte do pressuposto de que vê, de fato, como os objetos são na realidade, pois acredita poder equivaler o seu próprio olho ao olhar do Outro, que está fora da cena. Então, se perde esse modo de apreensão, quando porventura repousa o olhar sobre um objeto que não consegue discernir, por exemplo, também perde a ilusão de que seu olho ocupa o lugar do olhar do Outro, isto é, perde a ilusão de que o Outro o vê em um ponto compatível com o ponto em que ele se vê e sente-se somente olhado anônima e passivamente, quando recobra os sentidos. No apólogo, Lacan (1964/2008, p.97) perde o lugar de seu eu, ilustrado pelo adjetivo “braveza”, quando Joãozinho diz “Pois ela não está te olhando não!”. É como se a fala de Joãozinho demonstrasse para Lacan o furo irreduzível da linguagem, ao apontar a não correspondência entre o que olha e que é olhado pelo Outro, isto é, apontar para uma falha do lado do mundo visível ( $-\phi$ ) que, como os esquemas do estádio do espelho demonstraram, é também uma falta do corpo (*a*), portanto, fazendo-o se aproximar do reconhecimento do objeto *a* enquanto falta.

Lacan (1964/2008, p.97) questiona o valor humorístico da situação e diz ser “instrutivo” o porquê disso, mas sem adentrar nessa explicação. Lucero (2015) apresenta uma hipótese sobre essa instrução resumida em: Lacan, quando se distrai com a lata de sardinha e escuta a última fala de Joãozinho, perde a maneira de ser ver com “braveza” na atividade da pesca, portanto, perde certo protagonismo que acreditava obter nessa atividade e sente uma espécie de golpe narcísico, talvez por isso não tenha gargalhado. Na ilusão de “braveza”, o olho de Lacan, em um ponto de correspondência com o olhar do Outro, mascara a hiância entre eles: o lugar do objeto *a* enquanto falta. Assim que Lacan (1964/2008, p.97) reconhece que se colocou no lugar próprio do olhar através da fala de Joãozinho e busca recuperar o recurso simbólico da perspectiva, vê escancarado que seu modo de ver pode ser perdido e, assim, se desilude que sua percepção é equivalente à realidade, isto é, percebe o engodo da suposição de que sua imagem é fálica e pode recobrir o lugar do objeto *a*.

Para evidenciar o caráter desse repouso do olhar sobre o objeto e também sobre as características da apreensão da imagem que provém dele, Lacan (1964/2008) recorre à anamorfose, uma ferramenta óptica que demonstra o estatuto da imagem enquanto espaço geometral. Tal técnica consiste na desfiguração de uma imagem, tornando-a aumentada e deformada em relação às linhas de perspectiva. Embora pela anamorfose a imagem se desfigure, os traços gerais ainda podem ser reconhecidos e, porventura, é possível ter uma impressão idêntica à imagem original.

Lacan (1964/2008) alega com isso que a imagem sempre é constituída por correspondência de pontos de duas unidades no espaço, assim como os primeiros esquemas ópticos do buquê de flores pretendiam explicar. Entretanto, essa maneira geométrica-espacial de localizar a imagem não é uma simples competência fisiológica do olho:

Pois o espaço geometral da visão — mesmo incluindo aí essas partes imaginárias de dentro do espaço virtual do espelho de que vocês sabem que eu fiz grande questão — é perfeitamente reconstruível, imaginável, pelo cego. O de que se trata na perspectiva geometral é apenas demarcação do espaço e não da visão (Lacan, 1964/2008, p.86).

Considera-se, então, que a tendência em estabelecer os pontos homólogos da imagem não é simplesmente o que a visão impõe, mas algo que o olhar do Outro disponibiliza por anteceder o sujeito.

A anamorfose, como foi dito, pode deixar entrever a imagem original que se desfigurou, mas nem sempre o sujeito pode obter essa compreensão de maneira instantânea. Essa anamorfose — uma mancha no campo visual, podemos dizer — pode absorver o olhar do sujeito pela busca da reconfiguração de uma imagem original, e, uma vez que o sujeito concentra-se na figura deformada pretendendo compreendê-la, torna-se puro olhar, não consegue ver mais nada no mundo, de modo análogo à experiência de Lacan, que, ao fixar-se no brilho da lata de sardinha no vasto mar, perdeu a percepção da totalidade ao seu redor.

Um exemplo de anamorfose é um objeto presente na obra que ilustra o *Seminário II* intitulada *Os embaixadores*, de Hans Holbein, que podemos supor ser um crânio, que, por estar desfigurado, nitidamente fora das proporções do restante da obra, atrai nossa atenção.



Fig. 8. *Os embaixadores*, de Hans Holbein.

Lacan (1964/2008) na direção de indicar as diretrizes que o olhar concede à visão, diz para nos atentarmos para os feixes laterais que estabelecem os pontos homólogos do espaço geométrico-espacial como tais, uma vez que esses feixes podem ser equiparados aos feixes de luz que se propagam, se refratam ou são absorvidos, assim como o olho tende a funcionar. Lacan (1964/2008, p.107) considera que “É pelo olhar que entro na luz, e é do olhar que recebo seu efeito”; podemos admitir que o olhar é a condição da emergência do sujeito e que pode ser remetido à luz que está disposta no mundo e a qual o olho se adequa para ver. Tudo aponta para o fato de que é a lógica da iluminação que orienta a reflexão de Lacan sobre o olhar, uma vez que a luz já determina o que deve ser visto antes mesmo de o sujeito dirigir a sua vista. Por isso o destaque à reflexão luminosa da lata de sardinha que atrai o olhar de Lacan.

Merleau-Ponty, na *Fenomenologia da Percepção* (1945/1999), descreve um experimento realizado por Gelb e Goldstein que, para Lacan (1964/2008, p.108), esclarece a função do olhar como luz. A experiência consiste em um disco negro que é colocado em movimento, semelhante a um vinil girando em uma vitrola (para minimizar a influência das imperfeições), enquanto um feixe de luz é projetado sobre ele. O disco parecerá levemente iluminado, quase imperceptível, enquanto o feixe de luz se apresenta como uma massa branca

sólida. Em seguida, um pedaço de papel branco é posicionado à frente do disco. Imediatamente, tanto o disco escuro quanto o papel branco aparecem intensamente iluminados, claramente definidos em suas cores e formas. Por outro lado, o feixe de luz se torna invisível, transparente. O papel, além de permitir que o disco negro se distinga, restaura a luz em sua capacidade de transmitir a sua transparência, semelhante ao modo como a inscrição do traço-unário sugere que os objetos que se destacam para nossa visão estão previamente iluminados pelo olhar do Outro. Merleau-Ponty (1945/1999, p.79) considera que esse papel desempenha uma função de “anteparo”, e Lacan (1964/2008) absorve essa ideia para sublinhar que, o sujeito, ao se observar do ponto de vista do Outro, precisa dessa função de anteparo para se perceber como Eu, um disco. Caso contrário, ele se torna indistinguível, é apenas uma mancha.

### *3.5 – O campo pulsional escópico e as posições subjetivas.*

Para abordar o ponto das psicopatologias da infância, Lucero (2015, p.181) escreve que, às vezes, a criança pode “fazer-se mancha para passar despercebido ou escapar de uma luz — em analogia ao desejo dos pais — que pode ser muito intensa, podendo ‘queimar’”. Ou pode se fazer de mancha para melhor “situar o ponto do olhar do Outro”, com o qual o sujeito irá confundir seu próprio olhar para se ver (p.181). Não obstante, o próprio sujeito pode abandonar seu lugar de disco preto para se tornar o anteparo (p.182).

Em síntese, a variedade de posições que a criança pode assumir em relação ao olhar do Outro pode ter consequências tão significativas à emergência do sujeito da linguagem devido à relação do campo escópico ao campo do desejo: “No nível escópico, não estamos mais no nível do pedido, mas do desejo, do desejo do Outro”. (Lacan, 1964/2008, p.105).

No *Seminário II*, Lacan (1964/1979) explora a pulsão com base no modelo de Freud apresentado em “Pulsões e seus destinos” (1915), no que diz respeito às suas formas de atividade — passiva, reflexiva e ativa, estruturadas a partir de uma lógica que obedece aos três tempos lógicos, conforme discutido no texto lacaniano “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945/1998). No apólogo dos três prisioneiros, observa-se uma estrutura temporal que se desdobra em três articulações simultâneas, mas que obedecem uma ordenação

lógica. Em resumo, a resposta de cada prisioneiro sobre a questão da liberdade só se concretiza ao alcançar o terceiro tempo lógico — o momento da conclusão —, que dá sentido aos dois tempos anteriores — o instante de ver e o tempo de compreender. Semelhante ao processo da pulsão, não há uma hierarquia entre os três tempos (passiva, reflexiva e ativa); em vez disso, há uma sobredeterminação entre elas que lança o sujeito nessas posições por uma ordem lógica.

Quando Freud se propõe a discutir sobre as pulsões de “olhar” e “se mostrar” em “Pulsões e seus destinos” (1915/2014) denota uma particularidade na dinâmica do sujeito em relação aos três tempos lógicos. Segundo Assoun (1995/1998, p.50), a "pulsão de ver" (*Schautrieb*), inicialmente postulada como "raiz" da atividade infantil nos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), é significativamente desdobrada num esquema dinâmico, onde cada componente pulsional — ativo/passivo — não se dissolve no outro, mas permanece contemporâneo de seu vizinho:

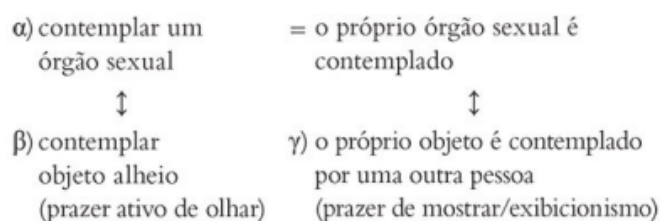


Fig. 9 Fases da pulsão escópica em “Pulsões e seus destinos” (1915/2014, p.39).

A relação de vizinhança entre os conceitos se estabelece quando Freud, ao descrever a pulsão escópica através dos tempos passivo, reflexivo e ativo, introduz uma fase preliminar: "Também mal se pode duvidar que a meta ativa surja antes da passiva, que o olhar anteceda o ser olhado" (Freud, 1915/2014, p.39). Ao sugerir a existência dessa fase primitiva na pulsão escópica, Freud (1915/2014) indica a existência de um estágio inicial pulsional de ordem narcísica. Essa perspectiva que serve de apoio para Lacan, como já apresentamos, sugere a necessidade de alguém que à princípio olhe para o sujeito, para que daí ele possa se ver, ou, com apoio nas ideias de Merleau Ponty, que a percepção anteceda o sujeito.

De todo modo, se a percepção da realidade está sempre refém de um narcisismo primordial, já que os tempos da pulsão seguem uma lógica de simultaneidade não cronológica, enquanto o voyeurismo se afasta do próprio corpo, o exibicionismo persiste

(Quinet, 2002). Da mesma forma, na constituição subjetiva, é somente *a posteriori* que podemos discernir o que pode ter ocorrido anteriormente, sendo que, o momento inicial — o tempo em que o sujeito é olhado pelo Outro — só se torna significativo com o surgimento de um terceiro tempo que permite interpretar o que já aconteceu (Lucero, 2015, p.172).

Assim, os três movimentos da pulsão escópica através da leitura de Lacan, podem ser assim descritos:

O sujeito é passivamente olhado pelo Outro, (há a inscrição do traço unário).

1) Olhar: o sujeito ativamente busca o olhar do Outro, inclusive fazendo-se mancha para melhor localizar o ponto de olhar.

2) Se olhar: autoerótico. Perde seus olhos para poder olhar com os olhos do Outro. O sujeito é falo imaginário e se pavimentam as condições para emergência do Eu Ideal. Sendo um autoerotismo que depende do Outro (Outroerotismo) – deve haver a presença de um narcisismo primário que anteceda este olhar.

3) Se fazer olhar: o sujeito se mostra, dá a ver algo que ele acredita corresponder à sua imagem. Pode reconhecer que seu Eu Ideal é imaginário perdido e, tendo como orientação aquilo para que o Outro olha (Ideal do Eu) repete em se oferecer como objeto do desejo do Outro. (Trata-se do estágio do espelho e instauração da relação de logro que envolve oferecer-se como objeto para a falta do Outro).

Se a passagem do sujeito pelos três tempos da pulsão atesta a emergência do sujeito, para nossos propósitos, é importante frisar que o sujeito nem sempre os atravessa, podendo estagnar em algum dos movimentos ou não suportar a passagem de um para o outro. Laznik (2004/2013), por exemplo, sustenta a hipótese de que, para os autistas, o terceiro tempo do circuito pulsional não se apresenta, reduzindo seu movimento libidinal ao primeiro e segundo tempos, em formato de “curto-circuito”. Consoante a essa hipótese de Laznik (2004/2013), compreendemos que o sujeito autista se reduziria entre a passividade de ser olhado e fazer-se mancha, impedido de libidinizar seu corpo e constituir seu eu.

Lacan (1969/2003, p.370) afirma que, na psicose infantil, o objeto *a* não pode ser extraído da cadeia significante, pois a criança ocupa diretamente esse lugar, preenchendo integralmente a falta do Outro. Nesse cenário, a criança se torna um substituto para o objeto *a*,

impossibilitando sua extração e, conseqüentemente, obstruindo o espaço de ausência necessário para o sujeito se mover dentro dos três tempos pulsionais. Assim, o sujeito fica colado ao discurso do Outro, sem poder se separar por meio da via desejante. Em casos de psicose infantil, o sujeito se apresenta como um signo, cristalizando-se como objeto olhado, sem poder utilizar esse olhar como meio de se perceber como unidade e perceber o mundo. Seu eu permanece indistinto do Outro.

Para os sujeitos adultos que não entram na regulamentação do olhar, tanto a relação com a imagem especular como a relação com os objetos não se apresentam com o “brilho” da apetência, mas pela via em que o olhar não é extraído como objeto *a*. Segundo Quinet (2002, p.88) olhar é, sem dúvida, um objeto destacado do Outro enquanto objeto perdido; no entanto, o sujeito, conforme sua estrutura clínica, o atribui ao Outro em sua estratégia pulsional: “o perverso tenta devolver ao Outro o olhar (como objeto perdido) para fazê-lo gozar; para o psicótico, o olhar não tem o status de objeto separado do Outro, e sim de um atributo do Outro conferindo-lhe o poder de vigiar e punir”.

É claro que a experiência subjetiva emergente da criança presume que o modo de relação com o olhar do Outro e as sucessivas estratégias de assunção de um olhar em nome próprio ainda não estão suficientemente dispostas. No entanto, clinicamente, é importante manter a atenção sobre os modos como o pequeno sujeito pode estabelecer sua posição diante do olhar do Outro, lembrando que o não olhar entre mãe e filho é um dos sinais mais precoces de autismo nos bebês (Laznik, 2004/2013). Tal constatação não implica que esse quadro psicopatológico se efetivará, mas é indicativo de um possível comprometimento da relação com a imagem especular e, conseqüentemente, com o semelhante.

Em última análise, a permanência do componente narcísico na experiência do olhar evidencia a complexidade das ilusões que permeiam a apreensão da realidade. É nesse sentido que Lacan (1962-1963/2005, p.254) sublinha a centralidade do “nível visual” como o domínio privilegiado que desvela “o engodo do desejo”.

Para encerrar este capítulo, vale enfatizar como a questão do visual e, mais especificamente, o olhar, vão se ampliando nas referências mobilizadas por Lacan, ultrapassando as bordas dos espelhos. Com o intuito de retornar à proposta inicial de explorar as três dimensões do olhar no contexto da teoria psicanalítica de Jacques Lacan, evidenciando

suas articulações e implicações no processo de constituição do sujeito, passamos às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos demonstrar que o olhar, a princípio pode ser remetido ao ato perceptivo e na medida em que Lacan avança em sua teorização, ele vai assumindo sua particularidade em relação aos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real. Essa tripartição do olhar, embora nem sempre muito clara, orientou a concepção dos diferentes modos de mediação que estruturam a experiência subjetiva e a relação do sujeito com a realidade perceptiva.

No registro do Imaginário, como discutido no primeiro capítulo, o olhar está intimamente associado às experiências perceptivas primordiais. Sob a égide da teoria do estádio do espelho, Lacan explora a atração do sujeito por sua imagem especular, atribuindo-a à maturação precoce dos olhos que permitiria o reconhecimento do outro e, subsequente, de si mesmo enquanto unidade. Pouco mais tarde, mediante os esquemas ópticos, a constituição do Eu é concebida como uma antecipação da apropriação da imagem corporal, condicionada por um investimento libidinal parental, que orienta a percepção do sujeito enquanto corpo unificado. Assim, este olhar, no registro do Imaginário, configura-se tanto como o ato perceptivo que interliga o sujeito aos objetos quanto um efeito do olhar parental. Tal dimensão do olhar evidencia a dependência estrutural do sujeito em relação ao outro, que se coloca como portador de um investimento libidinal que antecipa e organiza a percepção de si pelo seu olhar, isto é, o olhar desejante constitui uma exigência Simbólica que põe em funcionamento o olhar do sujeito como mediador da sua relação com os objetos imaginários, incluindo seu eu.

Ao adentrar o registro do Simbólico, como abordado no segundo capítulo, observamos que o olhar desejante dos pais se transfigura na noção do olhar do Outro, o qual oferece ao sujeito uma ancoragem simbólica para a constituição de seu próprio olhar sobre si enquanto “eu”. Nesse contexto, o olhar não se reduz ao ato de ver, mas se configura como um ato de ser visto, de se posicionar perante o Outro, que confere sentido e ordena a experiência subjetiva. Conforme discutido, o olhar Simbólico possibilita ao sujeito situar-se no campo do desejo, transcendendo o olho, enquanto órgão biológico, em um órgão libidinal que posiciona o sujeito dentro da estrutura simbólica como “Eu”. No entanto, sendo um ponto evanescente —

já que o olhar do Outro é sempre escorregadio na constituição do eu — ele se interioriza como um traço unário, um resto deixado por uma experiência de gozo que nunca pode ser plenamente recuperada. Em última análise, o olhar, ao veicular o traço-unário, desdobra-se no registro do Simbólico como ponto de articulação entre a imagem corporal e a demanda do Outro, condicionando uma perpétua interposição entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu.

No tratamento do olhar no registro do Real, abordamos a dimensão mais enigmática do olhar na teoria lacaniana. O olhar, nessa instância, não se limita à função de captar o mundo visível; ao contrário, ele se vincula diretamente à lógica da repetição e à função “*tiquê*”, um ponto, portanto, que escapa à captura tanto pela simbolização quanto pela imagem especular. O olhar Real, é equiparado à função da “mancha”, um ponto de ruptura na continuidade da experiência perceptiva, que interrompe a linearidade do campo visual e revela a presença do objeto *a* — um resto irreduzível da operação de castração que não pode ser plenamente assimilado ou integrado pelo sujeito.

Ao contrário do olhar no Imaginário, como suporte libidinal em que se apoia a identificação especular na constituição do eu, e no Simbólico, onde o olhar é mediador do desejo do Outro, o olhar no Real se insinua como aquilo que desafia a simbolização, incluindo-se no grupo dos objeto *a*. Ele marca o lugar de uma falta fundamental, um buraco no tecido simbólico que expõe o sujeito ao impossível de ver, ao que está além do alcance da visão ordinária. Lacan enfatiza que esse olhar real não é representável, não pode ser capturado por uma imagem ou por uma figura que o represente; ele se destaca por aquilo que não pode ser visto, mas que, justamente por isso, orienta o movimento pulsional do sujeito.

Em sua lição “Do cosmo à Unheimlich”, Lacan (1962-1963/2005) revisa criticamente a teoria do estágio do espelho, destacando as limitações da imagem especular na constituição da relação imaginária. Ele argumenta que, embora o investimento libidinal na imagem especular seja central para a formação do sujeito, esse investimento não é absoluto. A nova inflexão do esquema óptico introduzido por Lacan visa evidenciar o que a imagem especular não consegue abarcar: a função do falo ( $-\phi$ ) e a função de *a*, restos da operação de castração. O falo, sendo uma ausência ( $-\phi$ ) no campo visual, nunca se manifesta como um objeto visível, enquanto o objeto *a* se apresenta como a “libra de carne”, a parte perdida do sujeito, que não se reflete na imagem especular e que marca a incompletude irreduzível do sujeito.

A concepção do campo escópico como um domínio sobre o qual a castração incide, e que é abordado através da topologia do *cross-cap*, reforça a ideia de que o olhar, no Real, exige uma operação de corte. Essa operação é de causa, na medida em que o sujeito emerge através da extração do objeto *a*. A figura *cross-cap* demonstra que, para haver plano projetivo, deve haver um corte. Essa noção de corte subverte a noção da visão como simples projeção visual, revelando que o olho, enquanto órgão, sofre um corte que o transforma pela lógica do desejo em olhar desejanter, articulado na pulsão escópica. Nesse sentido, o olhar no registro do Real opera como objeto *a*, um ponto de falta que estrutura toda a experiência visível.

Esse ponto ausente, ao mesmo tempo que escapa à captura visual, determina a escopização de certos objetos, instaurando uma espécie de fascinação que expõe o sujeito ao confronto com o indomável da visão — um “borrão”, uma “mancha” que resiste à descrição completa. Paradoxalmente é essa ausência, essa indeterminação visual, que aponta para o desejo. Haveria uma maneira, porém, do sujeito ser cooptado pela sua fascinação sobre o objeto, perdendo a distinção entre o que vê e o que é visto. Essa experiência, que relembra o estado de hipnose, revela, então, que o sujeito pode perder seu ponto simbólico de referência enquanto Eu, e se confundir com o próprio olhar, se alojar no lugar do objeto *a*.

Não obstante, Lacan sublinha que há uma experiência semelhante na contemplação como, por exemplo, diante de uma obra de arte — que não se resume a uma simples perda. De maneira análoga ao processo analítico, o sujeito, ao se colocar em estado de contemplação, pode experimentar um tipo de destituição subjetiva similar à provocada pelo trabalho analítico. Essa experiência favorece o encontro com a impossibilidade de preencher o lugar do objeto *a*, uma vez que o sujeito não permanece por muito tempo identificado ao próprio olhar. Nesse sentido, ao recobrar os sentidos, o sujeito percebe que pode perder seu “ponto de vista” e, apoiado nessa noção de perda, pode reconfigurar sua relação com o próprio desejo sendo impelido a reintegrar os pontos simbólicos que se desvanecem durante o ato de contemplar.

Em última análise, o olhar no Real, tal como delineado por Lacan, revela-se fundamental para a compreensão das articulações entre o Simbólico e o Imaginário, especialmente na medida em que ele estrutura o desejo enquanto um suporte da pulsão. O olhar Real, ao escapar à captura imaginária e simbólica, abre um campo onde o sujeito se depara com o limite de sua própria constituição, com o que é impossível de ser visto, mas que, paradoxalmente, orienta sua existência e desejo. Essa dimensão do olhar é o que fixa o sujeito

na relação escópica, não como uma experiência de domínio sobre o mundo visível, mas como uma confrontação com o enigma do desejo que permeia toda a experiência visual.

O olhar Real, aquilo em que passa a consistir o olho, tirada a sua função puramente biológica, tal como articulado por Lacan, transcende sua função perceptiva, revelando-se como um suporte da experiência pulsional. Em síntese, vimos que ver e ser visto são atos que se inscrevem em uma trama Simbólica e Imaginária, mas que sempre apontam para o impossível de ver, para o Real que se insinua como um ponto inassimilável que incide insistentemente na vivência pulsional.

Diante das considerações dos autores contemporâneos que apresentamos na introdução, é possível, a partir dessa pesquisa, levantar algumas questões sobre a subjetividade no contexto atual. Como o sujeito contemporâneo tem se relacionado com sua imagem especular? Em que medida os pontos simbólicos que tradicionalmente orientavam a constituição do Eu continuam a exercer sua função estruturante? A experiência da fascinação, central na experiência visual do desejo, tem sido ressignificada na era das imagens digitais, das redes sociais e da exposição constante ao olhar alheio?

Neste cenário, as proposições de Brousse (2014) são elucidativas. A autora sugere que, com o avanço da ciência, o Ideal do Eu vem sendo progressivamente substituído pelo Eu Ideal. Este movimento ocorre à medida que a ciência não apenas avança no conhecimento do corpo, mas também nas suas modificações e na produção de imagens corporais, o que enfraquece os ideais tradicionais vinculados ao discurso do Outro sobre o corpo e o gozo. Em consequência, há uma espécie de decadência do Ideal do Eu, acompanhado pelo desenvolvimento do Eu Ideal — uma imagem corporal cada vez mais desligada do Outro da palavra.

Essa transformação aponta para um desenvolvimento do mundo das imagens que, embora não esteja completamente desprovido do Outro da palavra, opera em grande parte sem essa referência. O Eu Ideal, suporte da imagem do corpo, tende a se apresentar em um registro que tende a se afastar das coordenadas simbólicas que, outrora, o estruturavam em relação ao desejo e ao gozo. Isso implica que o sujeito contemporâneo, ao se vincular cada vez mais a esse Eu Ideal promovido pela ciência e pelas tecnologias visuais, pode estar se distanciando dos pontos simbólicos que orientavam sua inserção no campo do desejo.

Assim, as questões levantadas pela pesquisa ganham uma nova dimensão: estamos testemunhando uma substituição do Ideal do Eu pelo Eu Ideal, em um movimento que reconfigura a relação do sujeito com sua imagem e com o desejo? Essa reconfiguração demonstra a fragilidade da consistência simbólica do Ideal do Eu e, ao mesmo tempo, um fortalecimento do vínculo narcísico com a imagem do corpo, cada vez mais cortada do Outro da palavra. O sujeito, ao se deixar fascinar pela própria imagem, mantendo-se fixado na ilusão de retorno do gozo jubilatório do Eu, pode estar perdendo a via de relação com o outro.

Essas reflexões apontam para a necessidade de um aprofundamento teórico e clínico sobre como a ciência e a tecnologia estão reconfigurando as estruturas simbólicas que sustentam o sujeito. Como esse novo regime de imagens impacta a subjetividade? E, mais importante, como podemos pensar o lugar do desejo no cenário em que o Eu Ideal parece sobrepor-se ao Ideal do Eu?

Vivemos em uma época em que imagens são constantemente oferecidas e o olhar parece cada vez mais capturado por objetos que prometem um preenchimento ilusório do vazio que nos constitui. Esse excesso de visibilidade nos faz questionar, estamos vendo demais, mas será que estamos realmente olhando? Será que, em meio ao excesso de imagens, o sujeito não está cada vez mais desarticulado de sua própria posição desejante, cativado por uma fascinação que não oferece uma verdadeira dialética com o Outro, mas sim um fechamento narcísico que impede a abertura de uma hiância para reconfigurar a relação com o desejo?

A proliferação contínua de imagens e a fascinação persistente com a imagem do Eu podem estar obstruindo o espaço da falta na imagem especular, em vez de encobri-lo como um “véu”. Nesse cenário, o sujeito encontra-se fadado à experiência do estranho-angustiante. Quando o espaço da falta não é resguardado, o sujeito não estabelece uma relação com os objetos que reflete o “brilho” da apetência, mas somente os incorpora — sem olhá-los — em função de uma correspondência imaginária que é inatingível. Podemos considerar que a própria possibilidade de contemplação tem sido substituída pela oferta incessante de conteúdos visuais que operam com inúmeros elementos atrativos em uma velocidade cada vez maior. O que antes poderia promover um movimento de reconfiguração subjetiva agora pode estar aprisionando o sujeito em uma repetição estéril, onde o olhar não encontra seu ponto de articulação no Outro, mas se perde em uma ilusão fugaz.

Essas questões nos convidam a considerar certa fragilidade dos pontos simbólicos que sustentam o sujeito na contemporaneidade, especialmente no âmbito da infância. Se o olhar, no registro simbólico, deveria operar como um ponto de ancoragem que confere ao sujeito uma posição no campo do desejo, parece que estamos testemunhando uma erosão desse suporte. Consequentemente, o sujeito em formação carece de um enquadramento simbólico capaz de delimitar o Real, assim, sua incidência sobre o Imaginário torna-se progressivamente mais disruptiva e desorganizadora.

O acesso precoce e irrestrito das crianças às telas também levanta questões inquietantes sobre a forma como elas podem se deparar com o Real do sexo e do corpo sem que o Simbólico esteja suficientemente estabelecido para mediar essa experiência. Como podem aparecer os enigmas da infância, tão fundamentais para a articulação do Imaginário pela fantasia, se a internet oferece imagens que escancaram “tudo”? Como as crianças de hoje podem simbolizar conjecturando sobre aquilo que não sabem se, no decorrer da entrada na linguagem, os interditos dos adultos são destituídos pelas imagens oferecidas pelas tecnologias?

Observa-se também, no âmbito da infância, a medicalização em função da inibição sintomas de desconcentração e distração, manifestações que fazem parte da experiência infantil. Esse controle farmacológico tendendo a inibir o devaneio, elementos essenciais na constituição do sujeito criança, obstruindo, assim, a possibilidade de ela própria retomar, de forma autônoma, esses pontos simbólicos que estabelecem uma relação com o outro.

Não apenas reconstruindo as teorizações lacanianas sobre o olhar, também as inserindo em uma discussão mais ampla sobre a constituição subjetiva, continuamos apontando para a necessidade de um aprofundamento teórico e clínico sobre como os sujeitos de hoje se vinculam à imagem, ao olhar, e ao desejo. De todo modo, ao abordar as dimensões do olhar, consideramos ter aberto novas perspectivas para a compreensão das formas pelas quais o sujeito é causado pelo desejo do Outro e com as fissuras que inevitavelmente marcam sua relação com o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOUN, P.-L. (1995). *O Olhar e a Voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Trad. Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- AUGRAS, M. Biografia de Daniel Lagache. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. Rio de Janeiro: Repositório FGV, v. 25, n. 4, p.97-99, 1973.
- ANJOS, E.; SAMPAIO, M.; CAMAROTTI, M-C.; FALBO, A.; QUEIROZ, E. Estrabismo Infantil: Reflexos na Construção do Olhar. In: *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 22, n. 1, 2022.
- BERNARDINO, L. M. F. (2017). Da babá catódica aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Eds.). *Intoxicações eletrônicas o sujeito na era das relações*. 4. ed. Salvador: Ágalma Psicanálise, 2021.
- BERNARDINO, L. M. F. *A intervenção psicanalítica nas psicoses não decididas na infância*. In: COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 5., 2004, São Paulo: Anais on-line. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032004000100004&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032004000100004&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 02 set. 2023.
- BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- BONI JUNIOR, J. *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. Dissertação de mestrado. Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010.
- BROUSSE, M-H. Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o Estádio do espelho. Trad. Elisa Monteiro. In: *Opção Lacaniana OnLine*, n. 15, 2014. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_15/Corpos\\_lacanianos.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf). Acesso em: 12/12/2024.
- CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. et al. (Orgs.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- COELHO, E. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: Coelho, E. (Org.). *Estruturalismo: antologia de textos históricos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1967.
- DOR, J. (1985). *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, C. Estrutura e personalidade na neurose: da metapsicologia do sintoma à narrativa do sofrimento. In: *Psicologia USP*, v. 25, n.1, p.77-96, São Paulo, 2014.

FAUSTINO, D. D.; FALEK, J. A originalidade e a origem do estádio do espelho em Lacan. In: *Estilos da Clínica*, v. 19, n. 3, 21 dez. 2014.

FOUCAULT, Michel. (1963). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FREUD, S. (1886). Charcot. In: FREUD, S. *Primeiras Publicações Psicanalíticas*. Paris, n. 9, 1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. III, 1996.

\_\_\_\_\_. (1895 [1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. I, 1988.

\_\_\_\_\_. (1900). A Interpretação dos sonhos. In: FREUD, S. *A interpretação dos sonhos (parte II) e sobre os sonhos*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. V, 1987.

\_\_\_\_\_. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *Análise Fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*, Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. (1913). O início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: FREUD, S. *Artigos sobre a técnica*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. (1918 [1914]). História de uma neurose infantil. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII, 1988.

\_\_\_\_\_. (1919). O Estranho. In: FREUD, S. *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII, 1988.

\_\_\_\_\_. (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Além do princípio do prazer. Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII, 1969.

\_\_\_\_\_. (1922). Breves escritos. In: FREUD, S. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII, 1988.

\_\_\_\_\_. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: FREUD, S. *O Ego e o Id e outros trabalhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX, 1988.

\_\_\_\_\_. (1927). O fetichismo. In: FREUD, S. *Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17, 1997.

GRANON-LAFONT, J. (1985) *A topologia de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. *Opção Lacaniana OnLine*, n. 2, nov. 2011. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_6/Os\\_espelhos\\_de\\_Lacan.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Os_espelhos_de_Lacan.pdf). Acesso em 12/12/2024.

GUERRA, M.; BURGARELLI, C.; CHATELARD, D.; MAESSO, M. A morte-corte do significante: entre Antígona e Equivalentes. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 49.1, p.62-79, 2017.

HUOT, H. (1987) *Do sujeito à imagem: uma história do olho em Freud*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.

JALLEY, É. *Freud, Wallon, Lacan: A Criança no Espelho*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

JERUSALINSKY, J. (2017). Que rede sustenta o balanço da Web? — o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A.; JERUSALINSKY, J. (Eds.). *Intoxicações eletrônicas o sujeito na era das relações*. 4. ed. Salvador: Ágalma Psicanálise, 2021.

\_\_\_\_\_. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. Tese de doutorado. Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2009.

KUPFER, M. C. O impacto do autismo no mundo contemporâneo. In: KAMERS, M.; MARIOTTO, R. M. M.; VOLTOLINI, R. (Eds.). *Por uma (nova) Psicopatologia da Infância e da Adolescência*. 2. ed. São Paulo: Editora Escuta, 2021.

LACAN, J. (1938). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1945). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1947). A psiquiatria inglesa e a guerra. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1949). O estágio do espelho como formador da função do Eu [Je]. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1950). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953). Discurso de Roma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1953) *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1953). Função e campo da fala. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953-1954). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. (1955). A coisa freudiana. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1958-1959) *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. (1959-1960) *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. (1960). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “psicanálise e estrutura da personalidade”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1960-1961). *O Seminário, livro 8: A transferência*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- \_\_\_\_\_. (1961-1963). *O Seminário, livro 9: A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1966). *O Seminário, livro 14: A lógica do fantasma*, Zahar, 2024.
- \_\_\_\_\_. (1968-1969). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. (1969). Nota sobre a criança. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAZNIK, M. C. (2004). *A Voz da Sereia. O Autismo e os Impasses na Constituição do Sujeito*. Coleção de calças curtas. 3a. ed. Salvador: Ágalma, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1952). A noção de estrutura em etnologia. In: *Antropologia estrutural*. p. 299-344. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LISPECTOR, C. É para lá que eu vou. In: *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LUCERO, A. *Relação de objeto e constituição subjetiva: considerações sobre o objeto a em Jacques Lacan*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, 2015.
- LUCERO, A.; VORCARO, Â. Do vazio ao objeto: das ding e a sublimação em Jacques Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, p. 25–39, 2013.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945) *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1964) *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.
- MILLER, J.-A. Leitura crítica dos “Complexos familiares”, de Jacques Lacan. In: *Opção Lacaniana OnLine*, 1984. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/n2/pdf/artigos/JAMLeitura.pdf>. Acesso em: 12/12/2024.

\_\_\_\_\_. (1984). *Conferências caraquenas. Percurso de Lacan*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. In: *Opção Lacaniana*, v. 43, p. 7-81. São Paulo: Eólia, 2005.

NEVES, B; VORCARO, A. Breve discussão sobre o Traço Unário e o objeto a na constituição subjetiva. In: *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 278-290, 2011.

OGLIVIE, B. (1987). *A formação do conceito de sujeito. 1932-1949*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

PINTO, T.; TEIXEIRA, A. Traço Unário: suporte da diferença significante. In: *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, v. 11, n. 21, p. 4-15, 2015.

PORGE, E. (1989). *Psicanálise e tempo: O tempo lógico de Lacan*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1994.

QUINET, A. *Um olhar a mais: Ver e ser visto na psicanálise*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ROUDINESCO, E. (1997) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Lacan, a despeito de tudo e todos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SANTOS, M. J. M.; MARINHO, L. Um corpo na escuridão: o estágio do espelho em cegos. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 3, n. 1, 2009.

SAUSSURE, F. (1916). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIMANKE, T. R. *Metapsicologia Lacaniana*. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007*. São Paulo: Escuta, 2012.

SPITZ, R. (1979) *O primeiro ano de vida*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2004.

TRISKA, V.; D'AGORD, M. A topologia estrutural de Lacan. In: *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol. 25, n.1, p.145-161, 2013.

VORCARO, A. *A Criança na Clínica Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

ZAFIROPOULOS, M. (2003). *Lacan e Lévi-Strauss*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.